

Noites de Moscou

Captive of Desire
Alexandra Sellers



O mistério e o perigo envolviam a todos naquela velha casa de Moscou. Foi quando o escritor russo Mikhail Busnetsky se aproximou de Lucy e, sem mesmo conhecê-la, falou, com o fogo do desejo queimando-lhe o olhar: — Veja este quadro... É de uma mulher apaixonada de corpo e alma por um homem. Você, eu adivinho, é fria, controlada como todas as inglesas. Ah, se me olhasse com essa paixão, eu não resistiria. Por você eu morreria de amor e desejo! — Nessas palavras estava o começo de uma aventura devastadora. E Lucy foi obrigada a mudar o rumo de sua vida!

CAPÍTULO I

— O que foi? — perguntou Harry Waller, com ar preocupado, erguendo os olhos para a jovem que se inclinava sobre a escrivaninha dele, no fundo da sala da redação do *London Evening Herald*.

Nem se abalou ao ver Lucy Penreith agitando diante de seus olhos um exemplar do jornal vespertino, enquanto falava, pois era o redator-chefe do *Herald* há quase sete anos e já não se espantava com mais nada. Mas ficou interessado, porque sempre se interessava pelo que empolgava a certas pessoas, principalmente Lucy. Ela estava há três anos no jornal e Harry já se acostumara a vê-la quase sempre diante de sua mesa, dizendo com veemência que se devia escrever algo contra determinada injustiça, ou pedindo que a designassem para fazer a cobertura de determinada matéria que lhe interessava.

— O que foi desta vez? — perguntou ele, mas logo lembrou-se da notícia que saíra na última edição e sorriu.

"Busnetsky Libertado", era a manchete para a qual Lucy apontava e Harry esperou que ela falasse.

Lucy Laedelia Penreith era o nome completo dela. Tinha vinte e cinco anos e era uma mulher bastante feminina, esguia, de seios bem-feitos e pernas compridas. Com olhos escuros e lábios carnudos, chegava a ser bonita às vezes. Mas não quando estava defendendo algum ponto de vista, como naquele momento. Nessas horas, só se via a chama da paixão e da justiça brilhando nos olhos dela, parecendo querer consumi-la.

— Harry — disse ela, do jeito que ele já imaginava —, eu preciso ficar com essa história! Você tem que me deixar fazer a cobertura da chegada de Mischa Busnetsky!

A voz dela tinha uma cadência suave e um tom baixo agradável de se ouvir e Harry sabia que isso o afetava bastante. Largou o lápis, inclinou-se para trás na cadeira e fitou-a com aquele ar de troça que ela conhecia muito bem.

— Quando se fica velho e cansado que nem eu, é bom ver os mais jovens correndo atrás de notícias! — disse ele, irônico. — Vamos lá, por que é que a nossa Lucy está tão preocupada com esse caso, hein?

Lucy riu.

— Que cinismo. Harry! Você não está velho e é incansável nesta redação! E sabe muito bem que eu sempre me interesso por dissidentes.

Isso era verdade mesmo, só que, para Lucy, Mischa Busnetsky era muito mais do que um dissidente. E, embora não soubesse de nada, Harry tinha quase certeza disso.

— Eu sei que você se interessa por tudo, minha querida...

Lucy riu, de novo.

— Ora, Harry, alguém tem que fazer essa cobertura, já que Brian não está aqui. E por que não eu?

Ela o fitou com um olhar penetrante, induzindo-o a concordar.

— Pode ser que Brian volte a tempo — disse Harry, só para ver a cara dela..

— Ele tem que ficar em Bruxelas até amanhã, não tem? Quando é que Busnetsky vai chegar?

— Não sabemos.

— Ah, Harry, é claro que você sabe!

Lucy sabia que ele havia lido o *press-release*, como de costume, e que fora ele quem

redigira a primeira página; ele sempre sabia mais do que o que seria impresso.

Harry, afinal, cansou-se daquela lengalenga.

— Ele vai passar a noite em Zurique e amanhã vai direto para Londres. Assim que confirmarem eu aviso você.

— Amanhã! — Lucy suspirou. — Obrigado, Harry.

Havia tanto alívio naquela voz que a curiosidade de Harry aumentou.

— Afinal, o que... — começou ele a dizer, mas Lucy já tinha virado as costas e voltado para a mesa dela.

Harry guardou sua curiosidade e continuou o trabalho que estava fazendo. A libertação de Busnetsky não podia ter acontecido em momento mais oportuno. O comunicado chegou a tempo de a notícia sair na edição vespertina e agora os jornais matutinos estariam enfocando novos ângulos para que ela não parecesse velha. Se a sorte continuasse, Busnetsky deveria chegar a Londres a tempo de ver a reportagem na edição da tarde do *Herald*. Os jornais da manhã seguinte de sábado estariam publicando análises e editoriais sobre a matéria.

Harry releu o que escrevera e depois ficou pensando no interesse de Lucy por Mikhail Busnetsky. Ele a teria designado para fazer a cobertura daquele fato, mesmo sem ela ter pedido. Já havia considerado isso. Ela seria a escolha apropriada, devido à bagagem de conhecimentos que tinha nesse setor.

Desde que começara a trabalhar como repórter no *Herald*, Lucy demonstrara interesse por assuntos soviéticos, mas os russos eram do domínio exclusivo de Brian March, e ele não estava disposto a ceder terreno àquela jovem e dedicada jornalista que era uma ameaça a todos, inclusive ao próprio Harry.

Lucy tivera que se contentar em ficar junto com outros repórteres, no noticiário geral, por dois anos e meio, até que Harry, reconhecendo sua inteligência e seu tino para descobrir novidades, designou-a para especialista do setor Israel, no jornal londrino, sem que, entretanto, deixasse de cobrir outras matérias.

Agora que Brian estava em Bruxelas, fazendo a cobertura de umas conversações políticas, não havia outro jeito senão dar a matéria a Lucy, que entendia tão bem do

assunto a que estivera ligada durante toda a sua vida.

Harry guardou as coisas na gaveta e decidiu ir embora. Brian deveria enviar naquela noite, de Bruxelas, um artigo de fundo sobre a política referente à soltura de Busnetsky e amanhã ele pensaria em que página publicar, dependendo do interesse que tivesse para o homem do povo, de cultura média. Se fosse nos velhos tempos, o artigo de Brian deveria sair na página dois, mas a competição acirrada de pasquins menos elaborados estava obrigando a que se baixasse o nível intelectual do jornal. Harry xingou baixinho o editor do *Herald* pela falta de visão.

Na sala vazia, ele vestiu o paletó, sentindo-se ligeiramente deprimido, como sempre acontecia quando pensava na decadência de nível do *Herald*.

A luz da sala do arquivo ainda estava acesa, o que significava que Lucy deveria estar lá, pesquisando sobre a vida de Busnetsky. Fato estranho, entretanto, pois era de se supor que os papéis do pai dela fossem muito mais valiosos do que tudo o que havia naquele arquivo. Realmente muito interessante! O que

Lucy estaria procurando ali? Harry entrou na sala.

Um envelope cinza, grande e surrado, estava sobre a mesa, e ele leu, de cabeça para baixo, "Busnetsky" escrito em vermelho. Lucy estava curvada sobre a pilha de recortes de jornal, os cabelos escuros e crespos brilhando à luz amarelada.

— Pouco material, hein? — disse Harry, indicando a minguada pilha de recortes.

Lucy ergueu a cabeça e sorriu para ele.

— É, pouco mesmo.

Apesar de ter sorrido, o olhar dela estava distante e preocupado, o que deu certeza a Harry de que aquela, história significava muito mesmo para ela. Que tipo de ligação o pai dela teria tido com Mikhail Busnetsky? Pelo que Harry sabia, o trabalho de Busnetsky era pouco conhecido no Ocidente, embora ele fosse famoso como escritor.

— Não vá ficar trabalhando a noite inteira — disse ele, em tom paternal.

— Com esse material? — Lucy riu, indicando os poucos recortes que tinha para ler. — Daqui a uns dez minutos eu termino tudo.

Lucy curvou-se sobre os papéis de novo, dando a entender que não estava disposta a conversar.

Ele entendeu e afastou-se, com as chaves do carro tilintando na mão. Ajeitou a gola do casaco e saiu, curiosamente desejando que Brian não voltasse de Bruxelas, para que Lucy ficasse com aquela matéria e ele pudesse descobrir o porquê de tanto interesse.

Lucy suspirou, guardando os recortes no envelope cinza. Não havia nada ali que ela já não soubesse. Servira apenas para lhe trazer de volta todas as recordações e todo o sofrimento. Ela passou a mão na testa. Olhou o relógio. Era melhor ir para casa, embora não estivesse com a menor vontade.

Lembrou-se de repente de que havia convidado John para jantar em sua casa. Justo essa noite! E John dissera ter algo especial para falar, algo de que ela já desconfiava e que desejava ouvir, mas não nesse momento. Essa noite, a vontade que tinha era atirar-se na cama e chorar até dormir de cansaço.

Mas não podia. Era a primeira vez que convidava John para ir à sua casa e ele não iria entender um cancelamento de última hora.

Sentindo-se cansada, Lucy se ergueu e saiu da sala do arquivo. A essa hora, ela já deveria estar com o jantar quase pronto, para poder tomar um banho bem demorado e estar bonita e descansada quando John chegasse. Era assim que tinha planejado a noite. Sabia que ele iria se declarar e era o que queria ouvir dele.

Mas agora estava atrasada e sentindo-se infeliz; não tinha mais vontade de ouvir coisa alguma. Teria de fazer tudo correndo e a única coisa que desejava era chorar no ombro de John e ser consolada.

Lucy pegou o casaco, desceu a escada e saiu para o agradável anoitecer de primavera.

O sol ainda não se pusera, mas já havia se escondido atrás dos altos prédios da Fleet Street. Lucy foi até seu carro vermelho, estacionado ao lado da gula. Era o único que estava ali ainda. Pelo menos tinha escapado da hora do *rush*. O trânsito já estava bem melhor e ela chegaria em casa logo.

Enquanto dirigia, tentava afastar da mente a lembrança do pai e de Mischa. mas era impossível. Tentava pensar em John, lembrar-se do rosto bonito e sorridente dele, para esquecer a dor que sentia, mas não conseguia.

Lucy estacionou atrás de um carro verde-escuro, na rua arborizada onde morava.

Margaret e Ben Smiley estavam em casa e, se tivesse tempo, teria subido até lá, para um cafezinho e uma prosa. Essa era uma das vantagens em que ela não pensara quando alugara o andar de cima do sobrado, há três anos: teria sempre amigos à mão.

Mas essa noite não dava para ir iá. Lucy entrou e foi direto para a cozinha, no fundo, que era a parte mais gostosa e simpática da casa. As paredes eram forradas de papel amarelo com florzinhas miúdas, o que dava um ar aconchegante e alegre. Só que agora tudo parecia triste e cheio de recordações. Não podia olhar para a mesa de pinho sem lembrar o rosto sorridente e compreensivo do pai. Ele costumava sentar-se ali para conversar.

Lucy largou a bolsa e o jornal em cima da mesa e foi até o fogão. Ela havia planejado um *menu* bem simples: *stroganoff* de carne, salada e melão. Felizmente já havia deixado a carne preparada de véspera. Agora era só colocar na panela, misturar o *champignon* e depois o creme de leite. Entre uma coisa e outra, ela parou por instantes e ficou contemplando a

foto de Mischa, que ocupava metade da primeira página do *Herald*.

Testa larga, cabelos curtos, olhos escuros cheios de vida e com um brilho inteligente. Ele devia estar envelhecido agora; aquela foto fora tirada há quase oito anos, durante um de seus julgamentos, após ele ter passado um ano na Prisão Lefortovo. Lucy já a vira centenas de vezes. Mas ele não devia estar mais com aquela cara, depois de tantos anos de...

E agora ele tinha sido solto, essa noite estaria voando rumo à liberdade. O que será que ele estaria sentindo ao abandonar a terra natal, que talvez jamais voltasse a ver?

A panela no fogo começou a chiar e Lucy correu, num sobressalto, evitando que a carne se queimasse, e continuou a preparar o jantar. Não podia ficar assim! Devia encará-lo apenas como matéria de uma reportagem e nada mais! Não queria pensar mais nele! Mas, enquanto cozinhava, olhava a todo instante para a foto de Mischa.

O pai dela é quem lhe havia mostrado pela primeira vez a foto de Mischa, quando ela estava com dezessete anos e o rapaz com vinte e três. Ela ficou enfeitiçada por ele imediatamente, e ainda estava, só que agora

entre eles havia uma barreira de sofrimento. Longos anos odiando os opressores de Mischa, até acabar estendendo o ódio a todos os opressores do mundo.

Lucy olhou de novo para a foto. Ele tinha uma boca bem desenhada e grande, que parecia estar sorrindo ao fotógrafo e aos que o acusavam, e nos olhos dele havia um brilho insolente de quem sabe que o resultado do processo já está decidido de antemão.

O que teria acontecido com aquela mente, depois de tudo? Como ele estaria agora, depois de tantos anos de prisão, trabalhos forçados, e, finalmente, do confinamento em hospitais psiquiátricos? O que teria acontecido àquela irrequieta inteligência que a psiquiatria moderna tentara domar?

Lucy guardou a salada na geladeira, deixando o arroz e o *stroganoff* em banho-maria, e foi para o quarto. John deveria chegar dali a meia hora e ela só teria tempo para um rápido banho de chuveiro.

Enquanto se enxugava, ia pensando que tudo saíra diferente do que planejara. Vestiu depressa a túnica cor de vinho bordada em dourado que seu pai tinha trazido de uma de

suas últimas viagens, maquilou-se e escovou os cabelos negros.

Voltou para a cozinha e arrumou a mesa às pressas. Tudo pronto afinal! John parecia estar atrasado. Lucy foi até a sala, afundou-se numa poltrona e, sem querer, pegou de novo o jornal...

— Mais um dissidente soviético na lista da CIL — fora o que o pai de Lucy dissera, quando mostrara a ela a foto de Mischa. — Vou a Moscou por esses dias e talvez consiga me encontrar com ele.

Lucy e o pai estavam no escritório dele, no andar de cima, onde agora era a sala de visitas de Margaret e Ben. Lucy não conseguira desviar o olhar da foto.

— Gostaria de poder ir junto — dissera ela.

Lucy tinha acabado de entrar na faculdade de jornalismo e era a primeira vez em sete anos que seus interesses pessoais a impediriam de viajar com o pai.

Como um dos fundadores do Conselho Internacional pela Liberdade, o Dr. Lewis Penreith dedicava-se integralmente à causa dos intelectuais dissidentes em regimes totalitários do mundo todo. Tinha uma pequena editora em Convent Garden e

publicava os trabalhos desses intelectuais, que conseguia secretamente contrabandear para o Ocidente, em suas viagens. Muitas vezes a publicação dos trabalhos no Ocidente contribuía para que o autor fosse solto e exilado.

Lucy ficou órfã de mãe aos dez anos, e desde essa idade começou a viajar com o pai, que acreditava que viajar era o melhor meio de educar a filha. Uma das lembranças mais ternas da infância de Lucy era ver-se no chão do escritório do pai, curvada sobre um Atlas, enquanto ele falava sobre o povo, a cultura, a língua e a história do país que visitariam.

Tinham viajado quase pelo mundo todo, mas Lewis era um grande estudioso da Rússia e tinha um carinho especial pelos dissidentes soviéticos e sua causa.

Assumira a defesa da causa de Mikhail Busnetsky depois de ter publicado um tratado sobre política que ele escrevera na Prisão Lefortovo e decidira ir a Moscou, para encontrar-se com ele.

— Gostaria de poder ir junto — repetiu Lucy, olhando a foto e sentindo algo estranho, como se o conhecesse há muito tempo. Mas estava com dezessete anos, entusiasmada com

a carreira que escolhera, e não viajava mais com o pai.

— Ora, mas é uma viagem só de cinco dias — disse Lewis, — Por que não vai também? Pode valer a pena. Só mais essa vez...

Naquela mesma noite, Lucy leu *Detalhes sobre a Opressão*, de Busnetsky, e ficou mais interessada ainda em conhecer o autor. Na manhã seguinte, disse ao pai que tinha decidido ir junto com ele para Moscou. Seria a última viagem que fariam juntos.

Era o fim de uma fase para ela, mas, de certa forma, foi também o começo de outras.

CAPÍTULO II

Moscou era uma cidade austera e imponente, que sempre a deixava sem fala nos primeiros momentos.

Não era a primeira vez que Lucy e o pai visitavam essa cidade, mas não havia tempo para passeios turísticos. Tinham que estabelecer contatos e procurar as pessoas certas, tudo secretamente. A Praça Vermelha, a Praça Pushkin, o Kremlin, tudo ia sendo

visto apenas pela janela do táxi. Todas as normas básicas aprendidas nas visitas anteriores voltaram à mente de Lucy: conversar só sobre assuntos banais, não comprometedores; ignorar o fato de estar sendo seguida; nunca levar consigo o endereço de nenhum contato russo; não se aborrecer nem reclamar de nada.

Mischa Busnetsky, que havia saído da prisão há apenas três meses, tinha organizado uma exposição clandestina dos trabalhos de um artista *underground*, e era aí que Lewis esperava encontrá-lo. Naquela época, a orientação política em Moscou permitia que os correspondentes estrangeiros tivessem acesso quase sem restrições aos intelectuais dissidentes com publicações no Ocidente. E esses intelectuais tiravam o máximo proveito da súbita imunidade que haviam conquistado por terem se tornado conhecidos demais no mundo ocidental.

Moravam em pequenos prédios super populosos e foi num desses apartamentos que Mischa organizou a exposição de arte.

A medida que se aproximavam do velho prédio, o coração de Lucy começou a pulsar mais rápido, com uma espécie de

pressentimento que jamais tivera em outras viagens desse tipo. Nunca um encontro com algum dissidente, famoso ou desconhecido, havia lhe causado tanto tumulto interior.

O apartamento ficava no quarto andar e estava atulhado de móveis até o teto e abarrotado de gente. A exposição já durava seis dias e as pessoas sabiam que não poderia continuar por mais tempo. Os quadros proibidos que estavam expostos ali retratavam nus, e eram sensuais e eróticos.

Lucy sentiu-se invadida por uma estranha sensação assim que entrou ali, talvez contagiada por uma certa curiosidade que pairava no ar. Aos dezessete anos, ela nunca tivera um namorado. A vida de viagens impedira-a de ter amizades constantes ou convívio social regular, mas ela nunca sentira falta dessas coisas. Para ela, a vida em companhia do pai estava completa.

Aquele ambiente despertou de repente em Lucy a consciência de ser mulher. Até então, ela se considerava uma criança, embora percebesse as mudanças em seu corpo. Nunca pensara em si como uma mulher de formas bem-feitas, capaz de conquistar um homem.

Eslava absorta entre a contemplação dos quadros e esses pensamentos quando ouviu o pai chamá-la. Virou-se e viu que Mischa estava ao lado dele.

No momento em que ela e Mischa trocaram o primeiro olhar, ela se sentiu verdadeiramente uma mulher! Foi como se só naquele instante sua consciência despertasse para a vida.

Ele era alto, magro, com cabelos negros. Os olhos, que já na fotografia tinham impressionado tanto Lucy, eram indescritíveis; pareciam penetrar na alma das pessoas e ler os sentimentos. Lucy sentiu-se embriagada com o olhar dele.

Mischa a cumprimentou com um aperto de mão, firme e quente, e disse o nome dela com voz quente e macia. Lucy quase perdeu a fala quando ele sorriu. Sorriu para ele também e sentiu-se envolvida numa aura de romantismo por estar conhecendo um homem que lutava por seus ideais com um entusiasmo que não arrefecia nem diante dos maiores obstáculos.

Mischa e Lewis ficaram conversando longo tempo sobre coisas importantes, conversa essa da qual Lucy não participou. Ficou mais ou menos à parte, contemplando, embevecida,

aquele homem moreno que despertara nela tantas emoções diferentes.

Num determinado momento, entretanto, o pai dela se afastou para falar com outra pessoa. Então Mischa e Lucy ficaram se olhando nos olhos, esquecidos de onde estavam e das pessoas todas que abarrotavam a sala.

— Você já viu os quadros de meu amigo Vaclav? — perguntou ele, afinal, e, quando Lucy fez que não, acrescentou: — Então, venha que eu vou lhe mostrar.

Entre eles estabeleceu-se uma espécie de corrente elétrica tão forte que os dois precisaram fazer esforço para disfarçar a vontade de se tocarem. Mesmo assim, ele não pôde deixar de colocar a mão na cintura dela, enquanto a conduzia pela sala.

Pararam diante de um quadro que retratava uma mulher a espera do amado. Era uma pintura simples, mas com muita expressão e força de comunicação.

Lucy respirou fundo, de lábios entreabertos, e sentiu que Mischa estava olhando para ela. Não trocaram uma só palavra e ele a levou até outro quadro.

Esse era mais ousado e retratava uma cena de amor entre um homem e uma mulher: Quando Lucy percebeu o que era, sentiu-se tão agitada que fechou os olhos por instantes.

— Você é tão jovem! — disse ele, com sua voz cálida. — Que idade tem?

— Dezesete anos.

Ela mal podia falar, devido à emoção de senti-lo tão próximo que às vezes seus corpos se esbarravam.

— Sei que no Ocidente, com essa idade, já se conhece o amor... E você, Lucy, já conhece o amor?

— Não.

— Então não vai demorar muito para que o conheça... você é tão linda, tão cheia de vida! Eu bem que gostaria de ser seu primeiro homem.

Lucy sentiu um calafrio percorrer seu corpo. Ergueu o rosto para ele e seus olhares se encontraram. Havia uma certa tristeza no olhar dele.

— Mas essas coisas não são para mim — continuou Mischa, com voz acariciante.

Lucy sentiu um calor gostoso pelo corpo, como se estivesse de fato sendo acariciada, e teve uma vontade súbita de beijá-lo.

— Olhe bem esse quadro... Se nós fizéssemos amor, seria assim que você me olharia!

Ninguém, em meio àquela confusão de gente, estava prestando a menor atenção neles dois, e Mischa continuou:

— Mas aqui só podemos fazer amor com palavras. Que tal fazermos isso? Eu vou lhe dizendo como meus lábios tocariam seus cabelos, seus lábios macios, seus seios jovens e bem-feitos... Você sabe o que poderíamos fazer juntos, se o mundo não fosse como é?

— Mischa...

— Olhe esse quadro do meu amigo Vaclav! Essa é uma mulher apaixonada de corpo e alma por um homem! Ah, se você me olhasse assim, eu não resistiria! Eu sei que você me faria tremer!

Mischa estendeu a mão e acariciou de leve os lábios da mulher na tela.

Lucy sentiu-se como se ele tivesse tocado os seus lábios, e não os da pintura. Estava tão perturbada de imaginar as coisas que ele falava que mal podia respirar.

— Eu gostaria de fazer você tremer — murmurou ela, sem saber bem o que dizia.

Ele respirou fundo e apertou de leve a cintura dela.

— Eu tremi assim que pus os olhos em você. Pode ser que as outras coisas não aconteçam, mas fique sabendo que você já me fez tremer...

Naquele momento, Lucy sentiu que era por esse homem que estivera esperando até então. Por isso nunca se apaixonara por ninguém. Sabia, entretanto, que não poderia haver nada entre eles. Mischa jamais seria seu! E quis viver intensamente todos os momentos em que estivessem juntos, para armazená-los em sua memória. Sabia que logo mais teriam de separar-se e as recordações seriam seu único alento na solidão. Instintivamente, percebeu que ele a havia compreendido.

Andaram pela sala olhando os quadros, e o tempo todo ela se sentiu acariciada pela voz dele. Pouco antes de se separarem, ficaram em silêncio, se olhando, e Lucy não pôde impedir que uma lágrima rolasse por sua face. Mischa enxugou a lágrima com um gesto meigo e sorriu para ela.

— O mundo não é como gostaríamos que fosse.

Nesse momento, Lucy viu que o pai vinha se aproximando e ficou gelada. Enquanto ele a ajudava a colocar o casaco, olhou para Mischa e sentiu que seria a última vez. A dor que a invadiu, então, foi insuportável. Mischa segurou-lhe a mão e seus dedos se entrelaçaram. Foram assim, de mão dadas, até o corredor do prédio.

Lewis começou a descer a escada na frente, e Lucy, assim que pôs o pé no primeiro degrau, virou-se para trás e olhou com angústia nos olhos de Mischa.

— Eu amo você — murmurou ela.

Mischa ficou comovido e beijou a palma da mão dela.

— O mundo não é como gostaríamos que fosse... — repetiu, e sorriu tristemente para ela.

Lucy sorriu também, um sorriso de adeus, depois soltou a mão dele, virou-se e começou a descer devagar ao encontro do pai, que a esperava no térreo.

No dia seguinte, a exposição foi fechada pela polícia secreta e um mês depois. Mischa já estava de novo na prisão, acusado de "propaganda anti-soviética".

CAPÍTULO III

Lucy continuava sentada na poltrona. O jornal havia escorregado para o chão e ela estava com o olhar parado e distante. De repente, sacudiu a cabeça, como se quisesse espantar as recordações.

Oito longos anos haviam se passado, e as lembranças continuavam nítidas e com a mesma força. Cada vez que pensava em Mischa, era como se o tivesse visto na véspera.

Lucy mordeu o lábio e escondeu o rosto nas mãos. Por que fora se lembrar de Mischa justo esse dia! Lembrar aquele encontro, a importância daquele momento e as transformações que se operaram nela, naquela noite.

Depois do encontro com Mischa, Lucy nunca mais conseguira gostar de nenhum outro homem. Não conseguia beijar ninguém sem sentir que estava cometendo uma traição, não para com Mischa, mas para consigo mesma, pois sabia que seu coração não se entregava por inteiro.

John Bentinck era o único homem com o qual Lucy tinha conseguido se envolver um pouco mais profundamente. Estavam saindo há dois meses, e justo essa noite, em que ele iria se declarar, ela fora trazer à tona todas aquelas recordações. E ela que pensara que com John conseguiria esquecer tudo!

A campainha já estava tocando pela terceira vez quando Lucy percebeu. Ergueu-se, num sobressalto, catou o jornal do chão e correu para a porta.

John sorriu para ela de um modo que a fazia derreter, e Lucy decidiu afastar de uma vez por todas as recordações.

— Oi. tudo bem? — cumprimentou ele, com sua voz calorosa, de sotaque nortista, e entrou.

John havia começado a trabalhar no *Herald* há dois meses, como fotógrafo de notícias, vindo de um pequeno jornal do Norte da Inglaterra. Lucy gostou dele assim que o viu. Ele era loiro, bonito e alegre. Depois, enquanto trabalhavam juntos, ela descobriu também que ele era muito bom profissional, com grande sensibilidade para captar fatos incomuns.

Ele tinha vinte e sete anos e trabalhava seriamente, construindo uma carreira sólida, pretendendo fazer um nome. E Lucy sabia que ele conseguiria; acreditava na capacidade dele e tinha quase certeza de que poderia vir a amá-lo.

— Puxa. como você está bonita! Venha cá... John puxou-a para si, devagarinho, e, quando a beijou, Lucy quis desesperadamente estar apaixonada por ele. Passou os braços em volta de seu pescoço e correspondeu com ardor.

Quando se separaram, John sorriu e ela chegou a achar que ele a fazia feliz. Pendurou o paletó dele e conduziu-o até a cozinha.

— Muito acolhedor! — disse ele, depois farejou o ar. — E apetitoso! Espero que seja seu jantar para pessoas especiais!

Lucy riu. John sempre a fazia rir.

— É claro que sim!

— Ou será que é o jantar para os caras que você deixa na reserva?

— Não costumo alimentar os que eu deixo na reserva.

Ele a fitou com um olhar significativo e sorriu.

— Opa! Você acaba de se comprometer, com essa afirmação.

— E você me levou na conversa direitinho.

Os dois riram juntos, como quase sempre acontecia. O jantar transcorreu alegre e descontraído, num ambiente de intimidade e aconchego.

— Estava realmente delicioso! — disse ele, ao terminar de comer.

— Obrigada pelo elogio.

Lucy ficou triste de repente e ele se preocupou. Por isso, na hora de tomarem café, tentou restabelecer o tom de descontração.

— Que tal tomarmos café na sala?

Ela concordou. Seguiu-o em silêncio e sentou-se obedientemente ao lado dele, no sofá.

— Lembra-se de que eu disse que tinha uma coisa importante a falar? — perguntou John, colocando o braço em torno dos ombros dela e puxando-a para si. — Pois é... consegui minhas férias, afinal. Foi duro convencer Richard, mas eu consegui. Daqui a duas semanas entro em férias.

— Na mesma época que eu!

— Eu sei. Você gostaria de ir comigo para a Grécia?

Lucy afastou-se dele, num sobressalto, e encarou-o.

— Grécia?!

— É. Dias ensolarados e quentes, praias lindas de areias douradas, noites maravilhosas... e eu!

— Preciso pensar...

A vontade era de dizer sim. Queria aceitar o convite, queria esquecer Mischa e seu sonho impossível, tão fora da realidade. Queria se apaixonar por John, amar e ser amada.

— Já pensou no assunto? — perguntou ele, depois de alguns instantes de silêncio.

— Já, sim.

— E qual é a resposta?

Estava sorrindo, mas Lucy sabia que ele tinha ficado magoado. Esperava que ela tivesse dito sim, sem hesitar. Ela sentiu claramente que, se dissesse não, iria perdê-lo.

Durante os dois meses daquele relacionamento quase platônico, ele nunca exigira nada, nunca a forçara a nada. Trocavam beijos suaves, de despedida, e andavam abraçados como naquele momento, mas nunca passara disso. Era como se ele entendesse e respeitasse sua dor secreta, e soubesse que esse era o modo de ajudá-la.

Não queria perdê-lo! Passou a mão nervosamente pelo peito dele. John estreitou o abraço e beijou-a. Lucy sentiu um arrepio percorrer sua espinha e achou que era um bom indício. Sem dúvida isso significava que ela poderia amá-lo.

— Por quê? — disse ela, quando ele afastou o rosto.

— Como assim, por quê?

— Por que você está me pedindo para ir com você?

— Ora, meu amor. porque eu adoro você, eu amo você... — Ele a beijou de leve. — E desejo você como um louco! Aceite meu convite, amor...

— Eu preciso pen...

Mas John a interrompeu, meio descontrolado.

— Não pense, Lucy. Para que pensar?

Começou a beijá-la e acariciá-la com avidez, como se tivesse se contido por muito tempo e de repente as barreiras tivessem se rompido. O ardor e o desejo dele contagiaram Lucy, e ela não opôs resistência. Deixou que ele beijasse seus olhos, seu pescoço, sua boca...

De repente, o telefone tocou. John protestou e tentou impedir que Lucy fosse atender, mas ela continuava a se debater, para desvencilhar-se do abraço.

— Não posso deixar de atender, John! Deve ser Harry!

Ela sentiu um calafrio na boca do estômago só de pensar que talvez no dia seguinte fosse ver e falar com Mischa. Chegou a ter medo. Correu para atender o telefone na cozinha.

— Alô, minha querida — disse Harry. — Está ocupada?

— Não. O que você manda?

— Esteja às dez horas da manhã no Aeroporto de Heathrow, Ele é todo seu, aproveite, querida.

Ele fez mais algumas piadinhas e desligou.

Lucy voltou para a sala, mas nem chegou a sentar-se: o telefone tocou de novo e dessa vez era Richard Snapes, o diretor do departamento de fotografias, perguntando por John.

— Ele está aqui, sim. Mas como é que você soube disso?!

— Não se espante tanto. Ele me deixou seu telefone, caso eu precisasse, chamá-lo.

Lucy foi chamar John e ficou na sala esperando. O que teria dito a Richard, quando dera seu número de telefone? Será que dissera que iria passar a noite lá? Teria insinuado alguma coisa a mais, além de um simples jantar? Não, não podia acreditar que John tivesse feito uma coisa dessas! Ele sempre a tratara com respeito! Apesar de que essa noite, pouco antes de o telefone tocar, havia perdido o controle... Ou será que ele já viera com intenção de fazer amor e passar a noite lá?

Lucy recriminou-se: estava se portando como uma adolescente, deduzindo coisas demais de um simples fato!

Pouco depois. John voltou da cozinha e foi logo abraçando-a.

— E então, onde é que nós estávamos, mesmo?

— Richard designou você para algum trabalho? — perguntou ela, ignorando a insinuação.

— É. — Ele fez uma careta. — Tenho que estar amanhã cedo no aeroporto, às dez horas.

— E eu também. Que bom, vamos fazer a cobertura juntos! Entretanto, quando ele quis beijá-la de novo, ela se esquivou.

— É melhor você ir, agora. Quero estar descansada e preparada para enfrentar Busnetsky amanhã. Vai ser uma parada dura!

— Não acha que está levando longe demais essa sua dedicação ao trabalho? Ainda não são nem onze horas!

Lucy percebeu que ele achou ruim e ficou irritado, mas, desde o momento do telefonema, só conseguia pensar em Mischa, e isso a deixava com medo, porque era algo que não podia entender.

John suspirou, resignado.

— Está bem, Lucy, vá dormir, então... mas sonhe comigo.

Ele a beijou de novo e falou mais alguma coisa enquanto vestia o paletó e pegava a chave do carro, mas ela nem ouviu. Sorriu quando ele sorriu, e disse até logo, mas o pensamento estava a quilômetros de distância.

Iria encontrar-se com Mischa pela primeira vez, depois de oito anos, e estava aterrorizada!

Nos primeiros anos que se seguiram àquela noite em que o conhecera, quase enlouqueceu de tanto pensar nele. Escreveu para ele na prisão, cartas que nunca soube se ele recebeu ou não, e jamais recebeu uma resposta.

Não podia esquecê-lo, porque nunca mais experimentou aquela emoção forte e embriagadora. Nunca o beijo de um homem a fez sentir o que sentira naquela noite, só de ver Mischa acariciando os lábios da mulher do quadro a óleo.

Nunca conseguiu entender o que lhe tinha acontecido, mas percebeu um dia que estava mistificando, que não podia deixar que uma lembrança destruísse sua vida, e estava bem perto desse perigo. Por isso, a partir desse dia, tomou a resolução de não pensar mais em Mischa, de afastá-lo definitivamente de sua memória.

Agora estava desolada por descobrir o quanto aquela recordação era forte, apesar de ter passado tantos anos reprimindo-a. E não era o momento para isso! Sua ligação com Mischa deveria ser totalmente profissional: de interesse do jornal, só.

Quando seu pai morrera, há três anos, deixara pendentes assuntos que estava tratando com Mischa, mas na época Lucy não ficara sabendo de nada.

Lewis morreu atropelado, mas ninguém do Conselho Internacional pela Liberdade acreditou que tivesse sido um acidente, como

se quis fazer crer. Havia muita gente interessada em fazê-lo cessar as atividades, e isso era uma possibilidade que ele considerava com toda a lucidez e que até havia preparado a filha para aceitar.

Lucy entendeu que era um risco provável, embora esperasse que isso nunca acontecesse. Quando ele morreu, ficou arrasada e custou a aceitar. Depois, foi consumida por uma necessidade premente de descobrir por que o haviam matado. Naquela ocasião, entretanto ela já era jornalista e seu trabalho a mantinha afastada do pai, por isso não sabia qual era a causa que ele estava defendendo quando viajara pela última vez. Assim, não tinha nenhuma pista para descobrir o motivo do atentado.

Há três meses apenas é que Lucy ficara sabendo qual tinha sido a última missão do pai. Só por isso insistira tanto para que Harry a deixasse fazer a cobertura da chegada de Mischa Busnetsky à Inglaterra. Era a única saída! Precisava ver Mischa, devia isso não só a ele mas também a seu pai.

Depois da morte de Lewis, quando Lucy voltou para casa, pôs-se a procurar entre os papéis dele alguma coisa que fosse indício de

assassinato. Não encontrou nada. Ou alguém já havia se apossado, ou seu pai não tinha o tal papel. Ela acabou desistindo.

Certo dia, entretanto, há três meses, Margaret tinha ido bater à sua porta, chamando-a para ver uma coisa estranha que ela havia descoberto em sua casa. na parte superior do sobrado.

Lucy subiu correndo e acompanhou Margaret até a sala que tinha sido o antigo escritório de Lewis. Havia uma dependência conjugada, que era onde ele guardava seu arquivo antigamente. A porta de separação era de carvalho, como todas as outras da casa. No chão estava um balde, um pano e um vidro de óleo de peroba.

Margaret abaixou-se, apontando para a parte inferior da porta.

— Olhe só que coisa engraçada tem aqui! Eu estava fazendo uma limpeza e lustrando a madeira... Você sabia que isso era assim?

Lucy ficou olhando enquanto Margaret passava a mão perto da beirada, fazendo abrir-se uma fresta.

— Nossa! Eu nunca vi isso! — Ela se agachou para ver melhor. — É incrível!

— E tem uma coisa lá dentro — disse Margaret.

O coração de Lucy começou a palpar como se ela tivesse corrido. Chegou mais perto, olhou bem e quase desmaiou. A parte de baixo da porta era oca e lá no fundo havia um envelope impermeável, do tipo que ela conhecia muito bem.

Com a ajuda de uma faca, conseguiram retirar dois envelopes daqueles que Lucy vira o pai usar tantas vezes. Ela já sabia o que continham, mas, mesmo assim abriu-os ali, sem poder esperar.

— Que língua é essa? — perguntou Margaret, franzindo a testa diante daquele manuscrito incompreensível.

Lucy mentiu.

— Não sei. Acho que é algum manuscrito que meu pai não teve tempo de traduzir. Imagine só, nunca soube que ele tinha esse esconderijo. É melhor eu devolver isso ao dono!

Ela falava com displicência, disfarçando a emoção, como se se tratasse de algo sem importância. Mas, quando voltou para sua casa, estava tremendo incontrolavelmente. Trancou-se em sua sala e abriu de novo os

envelopes, para ler com calma os manuscritos, em russo, de autoria de Mischa Busnetsky.

Afinal tinha descoberto a causa da morte de seu pai! Esse era o motivo da última viagem que ele havia feito: fora buscar esses trabalhos, que, publicados, poderiam contribuir para a liberdade de Mischa.

Chorando, apertou as folhas contra o peito e correu para o quarto onde guardava o antigo arquivo do pai. Abriu a gaveta de cima e pôs-se a procurar febrilmente na letra "B", uma, duas, três vezes. Depois passou a procurar em todas as gavetas. Passou vinte minutos assim, sem obter resultados, e quando fechou a gaveta pela última vez sentiu um calafrio. O fichário de Mischa tinha desaparecido! Alguém o encontrara e sumira com ele, mas pelo menos não achara os manuscritos!

Agora que sabia a verdade nua e crua, uma onda de dor e raiva foi tomando conta dela aos poucos. Já podia descobrir quem havia matado seu pai! Um ódio lento e feroz começou a queimá-la por dentro.

Deixando as recordações de lado, Lucy voltou para a sala e remexeu nas almofadas que ficavam no chão, pegou duas das que estavam mais embaixo e apertou-as, para

certificar-se de que os manuscritos ainda estavam lá dentro.

Ela devia tê-los entregado ao CIL assim que os encontrara há três meses. Havia outros editores que poderiam ter publicado os trabalhos. Em vez disso, escondera-os no único lugar que lhe ocorrera: dentro das almofadas que enfeitavam sua sala.

Esses manuscritos eram seu último elo com o pai e ela não conseguira se desfazer deles. Não queria nem pensar que eram também seu último elo com Mischa. Agora poderia entregar-lhe pessoalmente os manuscritos.

Talvez vendo-o de novo, falando com ele, ela se libertasse da obsessão que a sufocava, talvez a lembrança dele perdesse a força.

Lucy suspirou, ergueu-se, pegou as xícaras de café que ela e John haviam usado e foi para a cozinha. Olhou para a pia e a mesa cheias de louça suja, colocou um avental, e começou a arrumar a cozinha.

Enquanto se ocupava com esse trabalho, ia pensando nos últimos acontecimentos. Tinha ficado tão preocupada com Mischa que havia esquecido John. Havia esperado por essa noite com certa expectativa, querendo ouvi-lo

declarar seu amor. E, quando ele falou, estava tão aérea, com o pensamento tão distante, que foi como se ele tivesse feito algum comentário banal. As palavras dele não lhe causaram a emoção esperada, e o que lhe parecera tão importante havia perdido a importância, porque mais uma vez Mischa ocupara o primeiro lugar em seu pensamento.

John Bentinck, afinal, não era diferente dos outros homens, também não conseguia fazê-la esquecer sua obsessão.

CAPÍTULO IV

Quando Lucy chegou à ala internacional do aeroporto, às nove horas, já havia uma pequena multidão de jornalistas conversando animadamente. Muitos deles eram conhecidos e geralmente se encontravam em ocasiões semelhantes. Havia repórteres e fotógrafos de vários jornais estrangeiros, de cadeias de rádios e televisões. E ainda faltava uma hora para a chegada de Mischa, o que significava que o grupo tendia a aumentar.

Lucy sentiu um aperto no coração. Ela não ia conseguir nem chegar perto de Mischa, embora não estivesse imaginando que fosse poder conversar com ele em particular. O que precisava era descobrir onde ele se hospedaria, para que pudesse entrar em contato mais tarde.

— Alguém sabe para onde ele vai? — perguntou ela a Larry Hague, um repórter amigo seu, com quem costumava negociar informações.

— Se sabe, não vai dizer — respondeu alguém que ouviu a pergunta.

O pessoal da imprensa ficou por ali, conversando sobre os mais variados tópicos e os itens em evidência no noticiário geral. Lucy afastou-se deles, depois de alguns minutos, e resolveu caminhar pelo aeroporto, tentando descobrir qual das saídas Busnetsky usaria, ao desembarcar. Descobriu logo devido à concentração de guardas de segurança em determinado lugar, alguns de farda, outros à paisana. Aproximou-se de um deles e foi se apresentando.

— Sou Lucy Penreith, do *Evening Herald*. Vocês estão esperando a chegada de Mischa Busnetsky, não é?

— É. sim.

— Sabe se o vôo está no horário?

— Até agora não ouvimos nada em contrário.

— Quem está com Busnetsky não avião?

Sabia que suas perguntas talvez não fossem respondidas, mas era melhor arriscar.

— O pessoal da segurança, é claro.

— Sabe onde ele vai ficar, aqui na Inglaterra?

— Não posso dizer-lhe.

— Sabe se ele tem amigos, aqui?

— Não posso dizer-lhe.

Lucy continuou conversando com o homem sobre assuntos gerais, na esperança de que ele deixasse escapar inadvertidamente alguma informação, até que John foi procurá-la. Ele estava com todo o equipamento fotográfico.

— Acho que descobri o carro em que ele vai embora daqui — disse John no ouvido dela.
— Não quer vir dar uma olhada?

Lucy consultou o relógio: ainda faltava meia hora para as dez horas.

— Quero, sim.

De longe, John apontou disfarçadamente para um carro no estacionamento. Havia um

homem fumando, ao volante, e outro que andava por ali, vigiando, e que, de quando em quando, falava em um *walkie-talkie*, procurando ser discreto.

Tudo indicava ser esse o carro que transportaria Mischa.

— Você viu o número da placa? — perguntou Lucy.

— Não deu para chegar muito perto.

Lucy pegou o bloco de anotações e escreveu a marca, a cor do carro e outros detalhes, mas percebeu que ia ser difícil aproximarem-se para ver a placa.

— John, será que não dava para você tirar uma foto com teleobjetiva?

Estava mesmo parecendo que Busnetsky evitaria um contato com a imprensa; iria enfiar-se naquele carro e desaparecer. John e Lucy teriam de trabalhar rápida e discretamente.

— Vou tentar. Fique na minha frente, um pouco.

Assim protegido, John colocou as lentes de longa distância com presteza e guardou depressa a máquina na bolsa. Depois, fingindo estar conversando, andaram um pouco, até que ele achasse um ângulo favorável. Então ele

se ajoelhou, colocou a bolsa no chão, pegou a máquina depressa, tirou várias fotos, guardou-a de novo e ergueu-se. Tudo isso no tempo que teria levado para amarrar o cordão do sapato.

— Tem certeza de que conseguiu, John?

— Tenho sim. Quer tentar chegar mais perto?

Mas já eram quase dez horas e o avião de Mischa poderia estar aterrissando.

— Não. Vamos voltar para lá!

Quando voltaram ao terminal do aeroporto, todos os outros jornalistas já não estavam mais na sala. Tinham ido para o corredor onde Lucy vira os guardas de segurança e que estava agora abarrotado de gente com câmaras de *video-tape*, microfones, gravadores, e blocos de anotações. Um vozerio enchia o ar. Seria impossível sequer chegar perto de Mischa essa manhã!

Quando o alvoroço aumentou, ela percebeu que Mischa devia ter desembarcado. Sentindo um nó na garganta, pôs-se a procurá-lo e afinal conseguiu localizá-lo em meio àquele mar de cabeças.

Ele estava muito magro e abatido, quase irreconhecível, bem diferente da foto no jornal e da lembrança que Lucy tinha dele. Os ossos

da face estavam salientes e os olhos fundos, embora continuassem brilhantes. Parecia até mais alto, de tão magro.

Os jornalistas se amontoaram no cordão de isolamento e os que estavam mais perto começaram a fazer perguntas:

— Sr. Busnetsky, como se sente em liberdade?

— Quantos presos políticos o senhor acha que há na União Soviética?

— O senhor pretende ficar morando na Inglaterra?

Mikhail Busnetsky encarou-os com certo horror por instantes, mas logo seu olhar ficou parecido com o da foto: cheio de arrogância e cinismo. Depois ignorou todos eles e continuou seu caminho, sem dizer uma só palavra.

Um repórter mais ousado ultrapassou o cordão de isolamento com sua câmara e filmou um *close* do rosto de Mischa. Foi o quanto bastou para que todos o imitassem e Busnetsky desceu as escadas completamente cercado pelo pessoal da imprensa.

Lucy e John foram arrastados com a multidão, e John ia tirando fotos de tudo, não só do recém-chegado, mas principalmente da recepção que ele teve.

Quando chegaram à calçada, Lucy já estava bem mais perto de Mischa e, ao ver melhor aquele rosto torturado e abatido, sentiu uma necessidade repentina de se aproximar ainda mais, de tocá-lo, falar com ele, saber se aquele homem atormentado ainda se lembrava dela e daquela noite que a transformara tanto. Foi abrindo caminho, como um animal desesperado lutando pela sobrevivência, até que ficou face a face com ele.

Mischa tinha observado sua aproximação, mas, quando ela parou diante dele e o encarou, sentiu uma barreira intransponível entre eles.

O olhar que ele lhe lançou foi de desconfiança e acusação.

— Mischa... — murmurou ela, mas, em meio àquela balbúrdia ele provavelmente nem ouviu.

— Por favor, deixem-me em paz — disse ele, com voz cansada, fitando-a, arredio.

No olhar de Mischa não havia o menor sinal de ter reconhecido Lucy. Ele se virou e entrou no carro que o esperava, deixando-a petrificada. Os outros repórteres correram para seus carros, para seguir o de Busnetsky, que ninguém sabia para onde ia, mas Lucy não

conseguia despregar do lugar. Por isso viu bem quando uma mulher loira, que passara despercebida até então, entrou no carro e sentou-se ao lado de Mischa.

Quando o carro cinzento se afastou, vários outros o seguiram. De repente, um outro veículo atravessou no caminho, impedindo que Mischa fosse seguido. Houve um coro enfurecido de buzinas, mas quando afinal o caminho ficou livre, o carro cinzento já havia desaparecido. Lucy ficou imaginando se alguém teria a idéia de seguir o carro que atrapalhara a perseguição.

— Quem era aquela loira? — perguntavam-se todos os jornalistas.

Ninguém conseguirá arrancar uma só palavra de Busnetsky e já o estavam acusando de não ter colaborado com a imprensa. Nenhum deles sabia quem era a loira. Resolveram não perder mais tempo com conversas. Alguns começaram a fazer perguntas aos guardas de segurança, enquanto outros corriam para os telefones no prédio do aeroporto.

Lucy continuou parada, como se estivesse grudada na calçada, a cabeça fervilhando de pensamentos. Ela conhecia aquela loira! Tinha

certeza. Já a vira em algum lugar, no passado, mas não conseguia se lembrar de quem era, nem de onde a vira.

Enquanto procurava uma cabine telefônica desocupada, John tirou o filme da máquina e entregou-o ao *office-boy*, que estava esperando para levá-lo ao *Herald*.

Na cabina telefônica. Lucy discou o número que conhecia tão bem e começou a ditar a história que formulara na cabeça assim que vira a chegada de Mischa.

— "É preciso que alguém diga: eu não pisarei nas flores", disse Alexander Solzhenitsyn certa vez — ditou Lucy. — Mas a recepção do dissidente soviético, Mikhail Busnetsky, no Aeroporto de Heathrow, esta manhã, mostrou claramente que a imprensa desta cidade não vai deixar de pisar nas flores quando houver uma história nova. O homem cansado e sofrido que chegou hoje aqui, depois de nove anos nas prisões soviéticas, campos de trabalho forçado e hospitais psiquiátricos, deve ter pensado que estava tendo um pesadelo...

Lucy ditou depressa, abordando com rigor profissional e com clareza a carreira de Busnetsky e a descoberta dele pelo mundo

ocidental, mas enfatizando o ar sofrido, a magreza e a acolhida da imprensa.

Quando terminou de ditar a matéria, pediu para falar com Harry.

— Ele chegou e sumiu, Harry — disse ela. — Não fez nenhuma declaração e não temos a menor pista. Os filmes estão indo para aí.

Harry resmungou qualquer coisa e Lucy percebeu que ele estava lendo o que ela acabara de ditar.

— Mas que diabo é isso, Lucy?

— Foi isso que aconteceu, foi...

— Acho melhor se concentrar um pouco e escrever isso de novo, minha querida.

— Sinto muito, Harry, mas a coisa foi assim mesmo e essa é a minha versão.

— Está bem. então não escreva... Não tem mais nada?

— Acho que conseguimos o número da placa do carro dele. John tirou umas fotos. E você, não tem nada para nós?

Lucy decidiu não falar nada sobre a mulher loira, pelo menos não naquele momento.

— Aqui não tem nada, minha querida. É melhor voltarem logo para cá.

Harry desligou o telefone com certa exasperação.

John saiu da cabine ao lado, onde estivera telefonando para Richard Snapes.

— Vai voltar para a redação? — perguntou ele, e Lucy fez que sim. — Richard quer que eu vá fotografar uma greve, mas não tem tanta pressa. Vamos tomar um café, antes.

Os dois sentaram-se em um barzinho, num lugar meio escondido, onde pudessem conversar à vontade. Falaram sobre as fotos que ele conseguira tirar e outras coisas relacionadas aos acontecimentos daquela manhã, mas Lucy não conseguia esquecer o rosto magro de Mischa nem a loira que entrara no carro. Quem seria ela? Tentava desesperadamente localizá-la em suas recordações do passado. De repente, percebeu que John estava falando.

— Seria maravilhoso fazermos essa viagem... Ouvi dizer que a Grécia é muito bonita! Lucy...

— Olhe, eu preciso voltar para a redação e ver se consigo uma pista do lugar onde Busnetsky foi. Até mais tarde.

Ela se inclinou, beijou-o de leve e saiu.

Havia realmente muito pouca informação na biblioteca, considerando-se que a batalha para libertar Mischa Busnetsky durara vários anos. Ia ser uma tarefa árdua. Lucy resignou-se. Não haveria um caminho fácil para chegar até Mischa. Só se tivesse muita sorte.

Tudo o que conseguiu depois de muita leitura foi o nome do presidente do Comitê pela Libertação de Mikhail, que sabia ser composto em parte por gente do CIL, e os nomes que assinavam uma carta dirigida ao editor do *Times*, condenando a prisão do intelectual soviético. O nome de Mikhail constava também, é claro, da lista da Anistia Internacional e da Campanha contra Abusos Psiquiátricos.

Lucy terminou a leitura e apoiou a cabeça nas mãos, desolada de ler mais uma vez todos os horrores por que Mischa havia passado. Será que tinham conseguido destruir seu espírito brilhante?

Guardou o envelope cinza de novo e voltou para sua mesa, na sala da redação. Procurou o telefone de todas aquelas pessoas, cujos nomes anotara, e de todos os comitês, depois ligou para cada um deles.

Sempre o mesmo resultado: ou ninguém sabia mesmo para onde Mischa tinha ido, ou ninguém queria dizer. Nem mesmo os velhos amigos de seu pai, que estiveram com ele no CIL, disseram alguma coisa. Afinal, sabiam que ela era uma jornalista.

— Não posso lhe dizer onde está Mischa — disse alguém de um desses comitês —, mas posso lhe dizer onde está Anatol Alexei Kolakowski: num campo de trabalhos forçados, na Sibéria. E Ludmila Rinkovitch está em um hospital psiquiátrico, passando por um "tratamento". E...

— Está bem, já entendi.

— Gostaria mesmo que tivesse entendido! — continuou o homem. — Por que é que vocês só se interessam por uma pessoa depois que ela já foi libertada? Por que não se preocupam um pouco com as milhares de pessoas que ainda estão presas?

— Não sei — foi tudo o que Lucy pôde responder.

— Mischa está doente e muito abatido, deixem-no em paz! — disse o homem, e desligou.

— Você pediu isso? — perguntou uma voz, e, quando Lucy virou-se, deparou com

Salvatore, o mensageiro da redação, que lhe estendia umas fotos.

— Ah, pedi, sim, obrigada.

Lucy pegou as fotos, mas o rapaz não se afastou. Ficou olhando para ela, cheio de entusiasmo. Ele sempre acompanhava com interesse as reportagens que estavam sendo feitas.

— Você está fazendo a cobertura do caso Busnetsky, não é?

— Estou.

— Ele escapou de todos vocês, não foi? Que pena que eu não estava lá!

— Pena nada; sorte, isso sim! Foi horrível e não adiantou nada ficarmos lá.

— É, às vezes isso acontece.

Com essas palavras, Salvatore saiu da sala, pensativo.

Duas fotos da placa do carro tinham saído muito boas. Era de Londres. Lucy deu vários telefonemas e acabou descobrindo que a placa era de um veículo alugado. A única possibilidade agora era ir à agência que o alugara e tentar convencer o encarregado a deixá-la ler o registro da transação.

Lucy ergueu-se da mesa e foi buscar um café. Depois voltou e pegou o jornal da tarde,

que estava sobre a mesa e ainda não tinha sido aberto. A fotografia de Mischa saíra cortada. Tinha sido tirada pouco antes de ele entrar no carro, quando olhara a multidão de jornalistas que se acotovelava a sua volta. Mas só aparecia o rosto de Mischa, cansado e abatido, com um olhar de acusação. John não ia gostar de ver aquilo! Olhou de novo para o jornal e dessa vez focalizou a manchete: "Busnetsky na Inglaterra! E, logo abaixo: "Lucy Laedelia Penreith, repórter".

Começou a ler a reportagem distraidamente e logo nas primeiras linhas percebeu que não era o seu texto. Harry tinha escrito outro texto usando o seu nome! Que bandido! Ficou com tanta raiva que seu estômago chegou a doer. Leu até o fim. Harry só havia aproveitado os dados biográficos e outras informações sobre Busnetsky e deixara de lado tudo o que se referia à chegada dele no aeroporto. Era uma baboseira sem sentido que qualquer pessoa poderia ter escrito, mesmo sem ter estado presente à cena.

Pela segunda vez em dois dias, Lucy foi à sala de Harry agitando um jornal diante do nariz dele.

— Por que você não publicou meu texto?

Harry ergueu a cabeça e fitou-a com frieza.

— Porque, minha querida, com ele você está desmoralizando a profissão. Aliás, eu é que devo perguntar o que deu em você para escrever aquele lixo, ridicularizando todos os jornalistas.

— Você viu ou não as fotos que John tirou? Não deu para ver a cena?

— Deu, sim. Mas, se é a primeira vez que você vê uma coisa desse tipo, ou é cega, ou não conhece a profissão! O que você escreveu depõe contra nós, será que não entende?

Era como se ele tivesse dito "cresça e apareça". Ficou parado olhando para ela, esperando que falasse algo ou saísse da sala.

Lucy respirou fundo, conteve as palavras de revolta e saiu da sala.

O carro cinzento tinha sido alugado pelo presidente do Comitê pela Libertação de Mikhail Busnetsky, mas ele não estava disposto a falar nada. Lucy desligou o telefone e ligou para Harry, disse o que havia descoberto e avisou que iria para casa.

Eram cinco e meia da tarde de sexta-feira. Lucy nunca ficou tão contente com a chegada de um fim de semana, embora isso não

significasse que suas preocupações cessariam. Seu problema maior naquele momento era encontrar Mischa. Foi pelo caminho todo até sua casa pensando nisso e, quando chegou, percebeu que só tinha duas alternativas: ou plantar-se na frente da casa do homem que alugara o carro, ou lembrar-se de quem era aquela mulher loira,

Lucy entrou em casa, foi até a cozinha, encheu a chaleira com água e acendeu o fogão. Fazia as coisas automaticamente. O pensamento estava muito distante dali. De repente, uma cena surgiu em sua mente, como um trecho de sonho. Ouviu a voz de seu pai apresentando-a para alguém. Uma mulher sorridente, que apertou sua mão e disse:

— Ela é muito parecida com você, Lewis.

A água ferveu. Lucy fez o chá, levou-o para a mesa, e sentou-se para tomá-lo.

Pelo menos esse comentário situava a cena no tempo, pois, até os catorze anos, ela fora parecida com o pai, depois começara a mudar e ficara parecida com a mãe, que era muito bonita. Portanto, ela devia ter conhecido a mulher loira há uns dez anos. Mais de dez anos e menos de quinze, porque, se sua mãe

fosse viva, estaria junto com eles naquele momento.

Lucy suspirou, tentando lembrar-se de todas as viagens que fizera com o pai naquele período. Correu para o arquivo dele e resolveu olhar a agenda onde ele anotava todos os seus contatos, na esperança; de ver uma frase, um nome, uma anotação qualquer que reavivasse sua memória e revelasse a identidade da mulher.

Às dez horas, parou para ver o noticiário na tevê.

Mikhail Busnetsky era a notícia central e o filme mostrado foi o da chegada ao aeroporto, com o *close* do rosto atormentado. O microfone do repórter captou também o "deixe-me em paz" que ele disse. E, então, apareceu a mulher loira entrando no carro, o filme paralisou nesse pedaço, enquanto o repórter continuava a falar. De repente, Lucy empertigou-se na cadeira: já sabia quem era aquela mulher!

CAPÍTULO V

Lucy dirigia seu carro pela estrada, na noite escura como breu. Sua única companhia era a voz no rádio que cantava uma canção romântica e nostálgica embalando suas recordações.

"Richard Digby, Tymawr House, Trefelin, Pembrokeshire, Gales do Sul." Esse era o endereço que ela havia encontrado na agenda do pai. E assim que o achou, foi tomada por uma compulsão de ir até lá. Nada a impediria de correr para o lugar onde Mischa poderia estar... nem mesmo o fato de ter que dirigir na estrada, sozinha, e à noite.

Não era certeza e não havia nenhuma garantia de que Mischa estaria lá. Fazia muitos anos que Lucy havia passado duas semanas com Richard e Helen Digby, em Gales; a casa podia já ter sido vendida e nem ser mais deles! Ou talvez Helen tivesse levado Mischa para outro lugar...

Lucy não podia ter telefonado a eles àquela hora da noite, tão tarde, e também não conseguiria esperar até de manhã. Além disso, se avisasse os Digby, eles poderiam ter se descartado dela.

Helen Digby era uma artista. O marido dela, Richard, é que era um velho amigo de

seu pai, que também militava no CIL. Devia ter sido por isso que Helen é quem fora buscar Mischa no aeroporto, ela era a loira que afinal Lucy identificara. Richard era muito conhecido pela imprensa. Teria chamado a atenção e seria mais difícil manter em segredo o local onde Mischa ficaria.

Não havia nenhuma certeza, mas o sexto sentido de Lucy lhe dizia que Mischa, àquela hora, estava dormindo em Tymawr House, na cidade de Trefelin, na magnífica costa Sudoeste de Gales. E que, dentro de poucas horas, ela lhe estaria entregando os manuscritos que haviam custado a vida de seu pai.

Será que ele se lembraria dela? Ali, naquele lugar, longe da balbúrdia da chegada, será que quando lhe falasse de seu pai, ele se lembraria de que ela estivera junto, uma certa noite, em Moscou? Pensou nos horrores que ele vivera naquelas prisões e hospitais, na necessidade maior de sobreviver que deveria ter destruído nele os sonhos e a poesia, e teve a certeza de que Mischa não se lembraria dela.

No rádio começou a tocar uma outra canção que falava de reencontro e, não

podendo suportar o que a música evocava, ela desligou o botão.

Depois de todos esses anos, era impossível que ele se lembrasse dela, e muito menos poderia estar apaixonado por uma mulher com quem apenas falara por algumas horas. E até ela própria não poderia esperar encontrar nele o mesmo homem que conhecera naquela noite e por quem estivera apaixonada durante todo esse tempo.

Aliás, não estava apaixonada por Mischa, como pessoa; estava apaixonada pela idéia que fizera dele a partir da forte impressão por ele causada num momento especial de sua vida em que começava a se descobrir como mulher. Estava apaixonada pela lembrança da primeira promessa de realização sexual, o primeiro desejo.

Entretanto, sempre achara que devia encontrá-lo de novo; era muito importante revê-lo! Precisava curar-se dessa obsessão! Não poderia passar o resto da vida amando um estranho, vivendo de fantasias. Tinha de destruir o fantasma de Mischa para que pudesse viver normalmente, tendo uma vida afetiva equilibrada.

Um contato com o Mischa real era o melhor remédio para destruir o Mischa de seus sonhos. Encheu-se de coragem e ânimo para enfrentar essa penosa tarefa.

Os primeiros clarões da aurora começaram a surgir no céu. Lucy estendeu a mão e ligou o rádio; a essa hora não havia mais música românticas. O mundo começava com o novo dia e era hora de acordar e esquecer os sonhos da noite.

Trefelin ficava a poucos quilômetros ao Sul de Fishguard, na costa de acordo com o mapa rodoviário que acabara de comprar. Faltava pouco para sair da rodovia principal e pegar a serra que conduzia ao mar.

Lucy estava cansada de ter dirigido a noite toda. mas o pior era a tensão, a expectativa, e, por que não dizer, um medo vago. Quando se aproximou da entrada de Trefelin, sentiu um impulso covarde de fazer meia-volta e rumar para Londres de novo.

Entretanto, parou no acostamento para ver se relaxava um pouco. A paisagem era tão tranqüila e o dia estava tão bonito que de fato conseguiu. Com ânimo novo, prosseguiu e entrou na cidade. No centro, parou em uma

mercearia, onde quatro mulheres de meia-idade gorduchas e atarracadas, conversavam.

— Bom dia — foi dizendo Lucy, com um sorriso meio sem jeito — Será que alguém pode me dizer onde fica Tymawr House?

Uma das mulheres fitou Lucy com olhar penetrante e interrogativo.

— Tymawr House? — disse a mulher que estava no balcão trocando um olhar com a outra. — É para lá de Aberdraig. Siga por essa rua até passar pela igreja; e, depois que passar Mill Path, vire na primeira rua à direita. — Em seguida virou-se de novo para a jovem, que parecia tão interessada na conversa, e perguntou: — Eles estão aqui, Mairi?

Lucy virou-se para Mairi, sorrindo, curiosa para saber o que tinha a dizer.

Mairi se pôs a falar, dizendo ingenuamente que os Digby haviam chegado na véspera com um hóspede. Toda importante, contou que sua irmã Brigit ia trabalhar para eles.

Ao sair da mercearia, Lucy sentia um nó na garganta que quase a impedia de respirar, Não havia mais dúvida, agora. Dentro de pouco tempo estaria face a face com Mischa.

Seguiu as indicações e chegou à casa, que ficava no topo de um penhasco, com vista para

o mar. Era toda branca, de teto baixo, cercada de árvores e arbustos.

Lucy parou o carro perto do portão, atrás de outro que já estava estacionado ali. Pegou a bolsa, as duas almofadas e caminhou até o portão.

Respirou fundo para criar coragem e entrou. Atravessou o jardim, admirando sua beleza simples e acolhedora. Ao bater à porta, ouviu passos atrás de si, virou-se e deparou com Mischa.

Ele estava com uma camisa de algodão azul-marinho, calça de veludo cotelê, e uma jaqueta xadrez em tons de azul que disfarçava sua magreza.

O rosto estava um pouco menos abatido e dessa vez ele a olhou de modo diferente, como se a tivesse reconhecido. Invadida por uma indescritível felicidade. Lucy sorriu para ele.

— Olá, sou eu de novo — disse ela, baixinho.

Mischa estreitou os lábios e seus olhos brilharam como se estivesse com raiva, mas, quando ia dizer algo, a porta abriu-se e os dois viraram-se para ver quem era.

— Bom dia — disse Richard, num tom de surpresa, ao deparar com uma mulher em seu jardim, ao lado de Mischa.

Não era possível que ele não a reconhecesse! Afinal, fazia só três anos que estivera no enterro de seu pai! Ela não podia ter mudado tanto assim!

— Bom dia. Richard, Como tem passado?

Antes que ele respondesse qualquer coisa, Mischa falou, com certa rispidez:

— Não a convide para entrar, por favor. Ela estava no aeroporto ontem. Ela é repórter e eu não quero falar com repórteres agora.

Lucy ficou perplexa. Então era isso! Ela pensando que ele a reconhecera e ele estava apenas se lembrando de tê-la visto na véspera!

— É verdade, eu estava no aeroporto, mas isso não quer...

Mischa não a deixou terminar a frase. Interrompeu-a com mais rispidez ainda, olhando-a com desconfiança.

— Por que está carregando essas almofadas? O que há dentro delas? Câmeras e microfones secretos? Quer deixar isso aqui na casa para nos espionar? Será que vocês jornalistas são piores do que a polícia?

— Mas o que significa isso, afinal? — perguntou Richard, perturbado com as acusações de Mischa, esquecendo-se de que quase a reconhecera.

— Não é o que vocês estão pensando!

— Tem mesmo equipamento de espionagem dentro dessas almofadas? — perguntou Richard, com calma e frieza.

— Não!

— Vá embora!

Mischa exclamou em russo e, num gesto inesperado e agressivo, avançou para ela. Lucy gritou, assustada, desequilibrando-se, e os dois caíram no chão. As almofadas e a bolsa rolaram pelo gramado e o conteúdo da bolsa espalhou-se.

Lucy ficou caída de costas e ele sentado sobre suas pernas, segurando seus braços para cima, apertando-os no chão com força. Ela não esboçou a menor resistência.

— Será que você não veio aqui para acabar com a minha vida, hein?!

Passara oito anos esperando encontrar esse homem, esperando que ele a tocasse, que a beijasse... O rosto dele nunca estivera tão perto do seu quanto naquele momento, nem o

corpo dele tão junto do seu; entretanto, não era uma cena de amor, como ela queria.

— Não... eu... — Lucy nem conseguia raciocinar.

Umedeceu os lábios e olhou-o bem nos olhos. De repente, o olhar dele começou a se transformar e alguma coisa mudou naquele contato, como se seu corpo a tivesse reconhecido antes que sua mente o fizesse.

— Quem é você, afinal? — disse ele, meio confuso, franzindo testa.

— "O mundo não é como gostaríamos que fosse" — citou Lucy, repetindo o que ele lhe havia dito aquela noite, em Moscou,

Um brilho de reconhecimento e paixão acendeu-se nos olhos dele e ela entreabriu os lábios, quase sufocada de felicidade.

— Lucy!

Mischa curvou-se sobre ela, aproximando o rosto para beijá-la na boca.

— Acho que ela não é o que você está pensando, Mischa! — disse Richard, parado bem perto deles.

Assustada. Lucy virou a cabeça de lado e viu-o remexendo nas coisas que haviam caído de sua bolsa. Estava lendo sua carteirinha de identificação como jornalista.

— Ela é... alguém que conheço muito bem — continuou ele. — a filha de um velho amigo meu, o homem que publicou os seus trabalhos aqui no Ocidente, Mischa. Olá, Lucy, há quanto tempo! Desculpe por essa acolhida.

Mischa soltou-a e ergueu-se. Lucy riu, sentando-se ligeiramente atordoada.

— Não precisa se desculpar, Richard. Eu fiz mal em vir sem ter avisado, ainda mais carregando duas almofadas!

— Por que trouxe as almofadas, afinal? — perguntou Mischa, enquanto ajudava Lucy a erguer-se e tirava umas folhinhas de grama do cabelo dela.

— Eu vim lhe trazer algo importante e achei que seria um bom esconderijo colocar nas... — Ela se interrompeu bruscamente e olhou em redor. — As almofadas! Onde estão elas?!

Richard acabou de guardar as coisas na bolsa, que entregou a ela.

— Bem, eu achei melhor sumir com elas, caso contivessem algo perigoso... — disse ele, sorrindo —, por isso joguei-as lá dentro.

Ele apontou para uma espécie de baú de pedra, com porta de madeira, que servia de geladeira para as donas-de-casa de épocas

antigas. Depois foi até lá, curvou-se e pegou as duas almofadas de dentro.

— Elas não são perigosas, então? Não vão mesmo explodir, aqui?

— Bem, devo dizer que não sei quão explosivas elas podem ser... Só quem sabe isso é Mischa, pois aí dentro estão dois manuscritos dele. Pelo que me consta, os últimos que meu pai conseguiu. Eles são tão importantes assim, Mischa?

— Meu Deus! E eu que quase joguei as almofadas pelo penhasco! — horrorizou-se Richard.

— Por que você pergunta se são tão importantes, Lucy?

— Porque minha casa foi vasculhada depois que meu pai morreu, e eu imaginei que estivessem procurando esses manuscritos.

— Seu pai morreu? O Dr. Penreith?! Lamento muito... Como foi...

Richard olhou de um para o outro e interrompeu-os, decidido.

— Acho que, antes de mais nada, devemos entrar. Podemos continuar a conversa, tomando chá. Isto é sem dúvida uma longa história.

Os três entraram e Richard foi quem levou as almofadas, que colocou sobre a mesinha da sala.

— Helen está trabalhando — disse ele. — Pendurem seus casaco-que eu vou pôr água para ferver.

Quando ficaram a sós. Mischa virou-se para Lucy.

— Quando seu pai morreu?

— Há três anos.

Sentaram-se frente a frente, nas poltronas da sala, perto da janela que dava para o mar. O sol da manhã fazia brilhar as ondas que quebravam ruidosamente. Ficaram se olhando, em silêncio, até que Richard entrou com a bandeja de chá, que colocou na mesinha ao lado de Lucy.

— Eu fiz, agora você serve, está bem?

Lucy serviu os três e, enquanto tomavam o chá, contou a história de como havia encontrado os manuscritos. Quando terminou, Richard virou-se para Mischa e disse:

— Mas isso é uma maravilha! Que tal olharmos para ver de que se trata?

Ele se ergueu e foi buscar as almofadas.

— Talvez seja melhor forrar com jornal embaixo, antes de abri-las — disse Lucy. —

Brigit não vai gostar de ver o tapete cheio de pedacinhos de espuma.

Richard olhou para ela, espantado.

— Brigit?! Mas como é que você sabe o nome de nossa empregada?

Lucy riu.

— Eu parei numa mercearia, para pedir informações...

— Puxa vida! E eu que pensei que nessa cidadezinha seu anonimato estivesse garantido, Mischa! Talvez fosse melhor ter ficado em Londres. — disse Richard, pegando um jornal velho para forrar o chão, — Vou buscar uma faca, não sei onde está a tesoura...

— Espere aí, onde é que está minha sacola? — Mischa ergueu-se, saiu da sala e voltou com um pacotinho embrulhado num papel amassado e sujo. — Veja só como são as coisas! Há dois dias isso aqui podia ser trocado por comida quente, o que significava duas semanas de vida para alguém. Agora não vale nada, só serve para abrir umas almofadas — disse ele, com um riso amargo, entregando a Lucy uma gilete.

Tão emocionada ela estava com aquele encontro, que sua mão tremeu e ela se cortou com a lâmina afiada.

Imediatamente. Mischa precipitou-se para ela. segurando-lhe o pulso e cuidando do machucado. Depois beijou a palma de sua mão. como se com isso quisesse aliviar a dor. Lucy estremeceu, lembrando-se do beijo com que se despedira dela, há oito anos, e, ao perceber que ele também estava trêmulo, ficou ainda mais emocionada.

Richard olhara aquilo tudo sem entender muito bem. Então Mischa olhou para ele e disse calmamente:

— Bom, vamos ver esses manuscritos!

Poucos minutos depois, dois envelopes estavam no chão da sala. Mischa pegou um deles e abriu.

— *Kafka vivo* — traduziu ele o título da primeira página, depois folheou devagar. — Este eles realmente não vão gostar de ver publicado!

Mischa entregou as folhas a Richard e Lucy lembrou-se de repente de que ele era um editor.

— Você quer traduzir pessoalmente?

— Não, não, meu inglês não dá para isso!
— disse Mischa, pegando o outro envelope.

Abriu-o também, leu o título para si, riu baixinho, olhou direto para Lucy e depois ficou com o ar sonhador de quem lembra de algo.

— Este não é político — disse ele a Richard. — É ficção. Na verdade, é uma história de amor. Estranho que seu pai tenha adquirido este, Lucy, talvez tenha trazido o que conseguiu.

— Qual é o título? — perguntou Lucy, pois não tinha aberto envelopes antes de colocá-los nas almofadas. Não tivera coragem.

Mischa olhou-a bem dentro dos olhos, como se quisesse ver sua reação.

— *A mulher amada* — disse ele, devagar, e o olhar que trocara deu a Lucy a certeza de que seu sofrimento tinha terminado.

CAPÍTULO VI

Richard pegou os manuscritos e foi direto para seu escritório, iniciando a tarefa de procurar tradutores e editores interessados na publicação.

Assim que ele saiu, Mischa sorriu para Lucy.

— Nossa, como ficou entusiasmado! Ele estava pensando que ainda teria de esperar até eu escrever alguma coisa e, agora, aí estão dois livros prontinhos!

— Realmente, foi um achado e tanto! E vai ser um sucesso de vendas. No mês que vem você já estará rico — disse Lucy.

— Ótimo! — Ele fez uma pausa e respirou fundo. — Estou muito cansado... eu me canso facilmente, agora.

Lucy leve vontade de acariciar-lhe a fronte e fazê-lo deitar a cabeça em seu colo para repousar. Parecia-lhe a coisa mais natural do mundo acolhê-lo, assim, como a um guerreiro que volta fatigado de tantas batalhas.

Depois de mais alguns instantes em silêncio, ele respirou fundo de novo e ergueu-se, olhando-a com um sorriso.

— Se eu me deitar aqui, você fica comigo?

Ela apenas fez que sim, incapaz de dizer qualquer coisa. Nada a teria feito sair de perto dele naquele momento.

Mischa se deitou no sofá. Lucy cobriu-o com um cobertor, puxou uma cadeira para perto e sentou-se.

— Fique falando comigo — pediu ele, com voz de fadiga. Conte-me coisas de sua vida, o que andou fazendo nesses oito anos, tudo que lhe aconteceu... Estou cansado demais para falar, mas quero ouvir.

Lucy contou, então, sobre a faculdade, seu curso, seu primeiro emprego, o entusiasmo de ser repórter, o emprego que conseguira no *Herald* e a morte de seu pai. Contou tudo com voz calma e lenta. Tudo, exceto o principal: que estivera apaixonada por ele todos esses anos, que vivera da lembrança dele e temera nunca mais vê-lo. Omitiu essa parte, porque, com vinte e cinco anos, não tinha a mesma coragem que tivera aos dezessete, de simplesmente pegar a mão dele e dizer "eu amo você", sem se importar em saber se ele queria ou não aquele amor.

Depois falou, ainda, de como ficara sabendo da libertação dele, de como fizera sua reportagem e brigara com Harry por ter reescrito seu texto e como fizera para encontrá-lo, pensando em devolver-lhe os manuscritos.

Não falou, entretanto, das cartas que tinha escrito a ele, da dor de não receber resposta,

da aflição de procurar saber sempre em que prisão ele estava.

Isso tudo ele poderia ler nas entrelinhas. Talvez, se ele perguntasse algo, ela tivesse coragem de lhe dizer.

Mischa, porém, estava esgotado, não tinha forças para falar. Apenas ouvia, e ouvia com atenção, cada palavra que ela dizia. Quando ela terminou, olhou-a e disse:

— Sua voz é tão melodiosa! — Depois virou-se de lado adormeceu.

— Quanto tempo ao todo passou na prisão? — perguntou o Dr. Edmund Bear a Mischa depois do jantar, aquela noite.

— Dos últimos nove anos, passei quase seis em prisões e em campos de trabalho forçado.

O Dr. Edmund era um médico especialista em terapia nutricional, amigo de Richard e Helen, que tinha vindo a Londres examinar Mischa.

— Bem — disse ele — considerando-se o que sofreu durante seis anos, até que você está em boas condições! Naturalmente, vai ter que tomar um certo cuidado enquanto recupera sua saúde e se fortalece. Mas, eu

diria que você é forte como um touro. Olhe que tenho examinado vários exilados!

Edmund era um homem de meia-idade, cheio de vitalidade, moreno e saudável, que falava com forte sotaque canadense.

— É verdade que você está um pouco fraco agora, mas, com a boa comida de Helen, bastante repouso e exercícios moderados, vai se recuperar logo. Não há nenhum dano patológico grave; o mais importante é ter paciência. Não vai poder recuperar nove anos em uma semana, é claro!

Lucy observava o jeito de Mischa tomar café enquanto ouvia as recomendações médicas. Será que ele era um homem paciente? Engraçado, ela não sabia nada a seu respeito. Como podia sentir-se tão ligada a ele?

Richard riu.

— Será que está fraco, mesmo, Mischa? Quem visse você hoje de manhã não acharia isso. — Virou-se para Helen e Edmund. — Vocês podem não acreditar, mas de manhã nós ficamos desconfiados com a visita de Lucy. Ela ainda não tinha se identificado, e, enquanto eu estava pensando no que fazer, Mischa avançou nela e derrubou-a no chão, num golpe de fazer inveja...

— O quê?! — Helen arregalou os olhos, enquanto Mischa e Lucy trocaram um olhar que a fez enrubescer.

— Mischa segurou-a no chão enquanto eu examinava sua bolsa — continuou Richard, rindo. — Felizmente, antes que acontecesse algum mal pior, eu descobri o nome dela e me lembrei de quem era.

Mischa olhou para Lucy de modo significativo, num código que só eles entendiam. Só eles sabiam o que tinha acontecido com o contato de seus corpos.

— Pois é — disse o Dr. Edmund —. as reservas de energia do corpo humano às vezes nos surpreendem! Eu diria que você não tem condições para uma reação dessas!

Edmund captou o olhar entre os dois e Lucy percebeu que ele tinha entendido que havia algo entre eles. Richard e Helen não perceberam nada, ou pelo menos não demonstraram.

— O senhor disse que tratou de muitos exilados? — perguntou Mischa.

O médico explicou, então, que tinha sido membro do CIL e geralmente cuidava dos prisioneiros que o conselho conseguia libertar.

— Gostaria de lhe fazer umas perguntas sobre alguns deles. Talvez amanhã.

— Quanto tempo vai poder ficar conosco, Edmund? — perguntou Helen.

— Só esta noite. Preciso pegar o trem para Londres amanhã à tarde, infelizmente.

— Não há trem amanhã à tarde. É domingo — disse Helen. Aliás, não há trem nenhum domingo. Vai ter que ficar até segunda-feira.

— Mas como?! Na estação me garantiram que teria! E eu preciso voltar antes de segunda-feira.

— Eu vou voltar amanhã à tarde e estou de carro — disse Lucy. — Se quiser, pode ir comigo, assim me faz companhia.

Mischa, que estava colocando fumo no cachimbo, interrompeu a tarefa para fitar Lucy.

— Vai voltar para seu trabalho... no jornal? — perguntou ele, com certa ansiedade.

— Vou. Segunda-feira acaba a folga.

— Dessa vez sua incumbência sou eu, não é?

— É verdade! — Ela deu uma risadinha nervosa.

Parecia ter se passado tanto tempo, desde que pedira a Harry para fazer a cobertura da chegada de Mischa Busnetsky a Londres! E. no entanto, eram só dois dias. Quanta coisa podia acontecer em dois dias!

— E agora que me encontrou, vai dizer a seu chefe na segunda-feira?

— Não! De jeito nenhum!

— Você tem uma história e tanto aqui! — insistiu Mischa, pressionando-a. Todos o observavam, atentos, e trocavam olhares desconcertados. — Um esconderijo em Gales, um agente editorial, um médico que trata de presos recém-libertados, e dois manuscritos perdidos! — Com a ponta do cachimbo, foi enumerando os itens nos dedos da mão esquerda, com uma calma e frieza impressionantes. Seu poder intelectual era realmente de assombrar!

Ele não confiava nela. Apesar do modo como a olhara, das coisas que lhe dissera, considerava-a tão suspeita como quando a acusara de estar com um gravador escondido nas almofadas.

Quando ele parou de falar, fez-se um silêncio pesado. Ouviu-se apenas o riscar do fósforo com que acendeu seu cachimbo.

No íntimo de Lucy, travou-se uma batalha entre a profissional e a mulher: a repórter que tinha um dever para com o jornal e a mulher apaixonada que via seu amor voltar, cansado e sofrido, querendo apenas paz e tranqüilidade.

— Quanto tempo você quer ficar sem falar com a imprensa? — perguntou ela, fazendo uma tentativa.

Mischa, que havia percebido sua luta interior, disse, com a mesma calma e frieza:

— Não, nada disso. Recuso-me a negociar alguns dias ou semanas de paz por uma história exclusiva. Já negociei demais com meus direitos, minha liberdade e até minha vida.

— Mas eu poderia...

— Não! Já disse, não faço mais isso. Muito menos com você. Agora vou viver minha vida do jeito que quiser e os outros que façam o mesmo. Paguei caro pelo meu direito à privacidade e liberdade. Se vai tirá-lo de mim, agora, você vai ter que se decidir a roubar, porque não está à venda.

Lucy já devia ter imaginado que ele não faria concessões. Não fizera concessões nem ao governo da poderosa União Soviética!

Sabia que, se dissesse a Harry para manterem em segredo o esconderijo de Mischa por uma ou duas semanas, em troca da exclusividade de uma reportagem, ele concordaria. Mas, se não houvesse essa promessa, Harry não ficaria de braços cruzados, é claro, e aí seria uma questão de fazer a reportagem ou perder o emprego.

Tinha apenas duas escolhas: ou não dizer nada a Harry e rezar para que ele nunca descobrisse que ela sabia; ou escrever a reportagem e perder todas as esperanças de conquistar o amor de Mischa.

Sentiu-se arrasada, dilacerada. Teria sido mais fácil se ele lhe tivesse pedido para morrer por ele. Não teria hesitado um só instante.

Não se tratava simplesmente de publicar ou não a história. Ele havia colocado a questão em outros termos: colocara sua integridade em confronto com a dele, criando um problema intransponível a troco de nada.

E ela? Será que amava o homem ou a lembrança que tinha dele? Se o amava de verdade, por que aquela raiva, aquela mágoa e aquele desejo de feri-lo também, por estar lhe causando aquele impasse cruel? Nada fazia sentido.

— Antes de ir embora, amanhã, eu lhes digo qual foi minha decisão — disse ela, dirigindo-se a todos.

Lucy foi cedo para o quarto, mas não para dormir. Confusa, abalada e cansada, queria ficar sozinha, para descobrir o que fazer e tentar entender tudo o que lhe acontecera apenas no espaço de um dia.

Seu quarto dava para os fundos da casa, de onde se avistava a cidadezinha. Ficou olhando pela janela até que as luzes das outras casas foram se apagando e teve a impressão de estar sozinha no mundo... sozinha com uma decisão impossível de tomar.

Já passava de meia-noite quando ela decidiu vestir-se de novo, descer e sair.

Estava frio e úmido, e, como sempre, o cheiro do mar parecia mais forte à noite. Lucy caminhou no escuro até a beira do penhasco e sentou-se em uma pedra.

Ficou ali um longo tempo, pensativa, em companhia das estrelas, da lua crescente e do mar. A decisão chegou devagar, e quando tudo ficou esclarecido ela voltou ao quarto.

— Bom dia — disse uma voz simpática, acompanhada de um tilintar de louça,

Lucy acordou, virou-se na cama e deparou com uma versão mais jovem de Mairi, a moça que falara com ela na mercearia.

— Você deve ser Brigit — disse ela, sorrindo.

— Sou. sim. E você deve ser a moça de Londres que tem parentes em Fishguard, não é?

Lucy sentou-se na cama, olhou a bandeja e riu.

— É, pode-se dizer isso. Meu bisavô nasceu em Fishguard, há cento e cinqüenta anos. Eu nasci no Canadá. Sabe quanto tempo faz que não tomo café na cama? A última vez foi quando tinha nove anos e estava com sarampo.

— Não é café, é só chá. O café completo é servido lá embaixo, na sala. Dona Helen é que mandou trazer.

Um gesto bastante simpático, na opinião de Lucy. Principalmente depois do que tinha havido na véspera, durante o jantar.

— Obrigada. Vai ser bom para me reanimar um pouco. Estou me sentindo como se não tivesse dormido. Que horas são? Já é tarde?

— São só oito e meia. Como pode ter dormido mal, se aqui é tão silencioso e tranqüilo?

— Vai ver que eu já me acostumei com o barulho da cidade — disse Lucy, tomando um gole de chá.

— Se ficasse aqui mais tempo, não ia querer voltar nunca mais para a cidade!

— Fala por experiência própria?

— Morei três anos em Londres. Fui para estudar arte e disse que nunca mais voltaria a Trefelin.

— E o que aconteceu?

— Achei a cidade barulhenta demais, suja e triste. Ninguém se fala, os vizinhos nem se cumprimentam... Não agüentei mais do que três anos e voltei para cá. — Ela consultou o relógio. — Preciso descer, agora, senão vou atrasar o café.

— Mas, e o curso de arte? — perguntou Lucy, colocando a xícara vazia em cima do criado-mudo.

— Ah, não preciso de Londres para minha arte. Se ficar mais tempo aqui, um dia eu lhe mostro meu trabalho, se quiser — disse Brigit, sorrindo, e saiu do quarto,

Lucy saiu da cama, lavou-se, vestiu-se e resolveu maquilar-se um pouco. Estava precisando, para se sentir mais segura.

A porta do escritório de Helen estava aberta e, quando Lucy passou, ela a chamou.

— Oi, também estou indo para a sala. Estou faminta!

As duas seguiram juntas e Lucy sentiu que era uma forma de ela lhe dar apoio moral.

Mischa já estava na sala, em pé, perto da janela, olhando o mar. Estava de calça preta e pulôver preto. Depois de instantes, virou-se e fitou Lucy com uma interrogação no olhar. Bom dia — cumprimentaram-se todos.

Helen manteve uma conversa cordial e amena enquanto se sentavam à mesa.

Lucy deixou-se cair em uma cadeira e serviu-se de café, apenas Não estava com o menor apetite.

— Nesse vidro está o complexo vitamínico que Edmund preparou para você. É muito bom, mas o gosto é meio ruim, por isso é melhor tomar antes de comer — disse Helen a Mischa.

Ele se sentou bem em frente de Lucy e, sem querer, seus olhares se encontraram. Fitou-a como se ela já o tivesse traído.

— Você quer saber qual foi minha decisão?
Mischa respirou fundo e fez que sim.

— É surpreendente que você tenha conseguido tomar uma decisão, Lucy. — disse Helen.

Nesse momento, Richard e Edmund entraram na sala e o grupo se completou.

— Não vou escrever a reportagem agora e não vou dizer ao meu editor o que sei — continuou ela, dirigindo-se a todos. — Mantereí tudo em segredo até que Mischa sinta que está pronto para falar imprensa. Assim que eu souber disso, escrevo minha reportagem. Não lhe pedirei que me avise primeiro, antes dos outros, mas também não vou ficar em Londres esperando, de braços cruzados, para receber o comunicado, do mesmo modo que os outros. Passarei minhas férias aqui em Trefelin, naturalmente hospedada numa pensão, e, se for preciso, fico mais tempo até. — Ela parou de falar e olhou para Mischa, mas a expressão dele era impenetrável. — Você já me disse que não aceita condições ou negociações e eu também não quero tratamento especial. Só espero que me trate igual aos outros e me comunique ao mesmo tempo, se decidir falar à imprensa.

Assim ela contaria com a vantagem de já estar no local. Traria uma máquina fotográfica de Londres e ficaria a postos. Quando Mischa fizesse o comunicado, todos os outros teriam de viajar até ali. Enquanto isso, ela escreveria a matéria, tiraria fotos e entregaria a Harry antes que qualquer outro jornalista tivesse começado a escrever.

Parecia-lhe uma solução perfeita, mas, na verdade, suscitava várias questões: se as férias não bastassem, como conseguir tempo extra para ficar ali sem dizer nada a Harry? E se Mischa não se resolvesse a falar? Não poderia ficar ali indefinidamente! E o que diria a Harry se o plano gorasse e ele viesse a descobrir? Seria seu fim! Olhou para Mischa, que não estava mais olhando para ela. Por que ele estaria fazendo aquilo? Poderia ter sido tão simples...

— Tudo bem, mas nem pense em ficar numa pensão — disse Helen. — Enquanto estiver nesta cidade, vai ficar conosco. É muito mais confortável e, de qualquer maneira... causaria comentários, se você fosse procurar uma pensão em Trefelin.

— Posso me hospedar num hotel em Fishguard. Também é bem perto daqui...

— Não tem sentido! Você fica aqui e pronto! — Helen encerrou a questão e nenhum dos homens discordou.

Assim, ficou combinado que Lucy voltaria a Tymawr House logo que fosse possível e com isso o ambiente ficou bem mais descontraído e leve. Lucy sentiu que todos lhe estavam gratos por ter descoberto uma saída para um dilema de solução quase impossível. Percebeu que a atitude de Richard, Helen e Edmund em relação a ela, na véspera, não havia sido hostil nem desconfiada, como imaginara a princípio. Fora apenas um certo constrangimento por terem compreendido que Mischa a havia deixado num beco sem saída.

Helen confirmou isso mais tarde, quando as duas foram dar um passeio, depois do almoço, antes de ela e Edmund saírem de viagem.

— Quanto tempo acha que vai levar para conseguir voltar — perguntou Helen.

— No mínimo uma semana, é o que imagino. Minhas férias só começam daqui a quinze dias e duvido que Harry me conceda muitos dias a mais. Só espero que seja o suficiente...

— Eu também. Torço por você. É muito difícil o que está fazendo. Acho que Mischa não está consciente do que lhe pediu.

Lucy, entretanto, achava que ele estava consciente, sim, embora não entendesse por que havia agido daquela maneira.

— Você já tinha feito planos para as férias? Aqui é muito gostoso no fim da primavera...

Lucy percebeu, aliviada, que Helen não desconfiava de nada entre ela e Mischa.

— Não, não tinha planos ainda... — Interrompeu-se, de repente, lembrando-se do convite de John para ir à Grécia.

Incrível! Havia esquecido completamente da existência de John! Ela que pensara que encontrando Mischa ficaria livre da obsessão e teria uma vida normal! Mal tinha visto Mischa e já sua vida virara de cabeça para baixo! Estava confusa, mais do que nunca sentindo-se perdida e desamparada. Não sabia o que queria, o que era certo ou errado, nem quem amava. Chegara até a ter vontade de ir para a Grécia com John! Antes de ver Mischa, é claro...

Lucy suspirou e olhou para o mar. A decisão que havia tomado implicava em perder John. Estava consciente disso ao decidir.

Já nem sabia mais se amava ou se odiava Mischa Busnetsky!

CAPÍTULO VII

Na quinta-feira, saiu a notícia de que duas das maiores editoras, uma inglesa e outra americana, planejavam a publicação simultânea de dois trabalhos inéditos de Mikhail Busnetsky e, graças a Richard, a notícia saiu no *Herald*, na coluna de Lucy.

O assunto causou uma repercussão incrível e muitos debates. Todos queriam saber como esses manuscritos haviam chegado ao Ocidente, se Busnetsky os havia trazido consigo, e várias outras questões. Estavam todos arrancando os cabelos para descobrir o paradeiro de Mischa Busnetsky, mas ele continuava em seu esconderijo, sem que ninguém o descobrisse. Tinham que se contentar com as informações de Richard Digby, seu agente editorial.

— O que temos dito é que — explicou Richard a Lucy, numa conversa telefônica, no dia seguinte à publicação da notícia — os

manuscritos já estavam aqui; foram trazidos antes. Deixamos a coisa meio misteriosa, de propósito. Se você está pretendendo publicar a versão verdadeira, nós, o editor e eu, não Mischa, veja bem, gostaríamos que você pudesse esperar um pouco mais.

Richard estava pretendendo com isso dar publicidade às publicações, embora Mischa fosse contra esse tipo de coisa.

— Você contou a verdade aos editores? — perguntou Lucy.

— Não, eu apenas mencionei que havia um caso muito interessante a respeito, e achamos que seria melhor se isso só fosse revelado pouco antes da publicação.

Realmente, era uma história e tanto! Lucy deu graças a Deus por ser a única a saber, além de, é claro, a pessoa que assassinara seu pai. Mas essa não iria querer revelar o segredo.

— Vocês não têm medo de que descubram Mischa através de você, Richard?

— Espero que não. Em todo caso, pretendo ficar aqui na cidade por algumas semanas. Tenho muito trabalho, também, e assim não corro o risco de ser seguido. A casa de Trefelin está em nome de Helen e meu endereço residencial é o apartamento aqui de Londres.

— Mesmo assim, estou admirada de ele ter concordado com isso.

— Não temos escolha. Os editores pagaram uma grande quantia adiantado e talvez esse segredo não demore muito a ser descoberto. Quem sabe? Quando é que você vai para lá de novo, Lucy?

— Só depois de terça-feira.

— E não vai passar este fim de semana lá?

Era sexta-feira. Lucy poderia dirigir à noite de novo... mas estava tão exausta que dessa vez realmente nem se importava se Mischa fizesse revelações estrondosas à imprensa. Estava cansada de ter que escrever só amenidades sobre ele. Que todos os outros jornalistas publicassem furos de reportagem! Que Harry a despedisse ou a colocasse na seção de astrologia do jornal!

— Não, vou passar o fim de semana preparando minhas coisas. Pretendo viajar terça-feira à noite ou quarta de manhã.

— Está bem, então. Falo com você de novo antes que viaje. Não quer me dar o telefone de sua casa, caso eu precise ligar com urgência?

Isso queria dizer que, se Mischa fosse descoberto por jornalistas, ele a avisaria. Ela ditou o número e ficou pensando por que

Richard e Helen se preocupavam tanto com ela. Seria por causa de seu pai?

Escreveu a continuação da reportagem sobre Mischa com os dados que Richard forneceu, depois falou com um correspondente em Jerusalém sobre uma questão de fronteiras, colocou papel na máquina e preparou-se para escrever outra matéria.

— Ah... amor, mas por que não? — perguntou John, com voz embargada.

Largou o cardápio na mesa e olhou para Lucy.

John voltara para Londres sexta-feira à tarde, depois de ter passado três dias no Mar do Norte, fotografando um acidente com um petroleiro, e tinham ido jantar no restaurante grego que costumavam freqüentar.

Lucy acabara de lhe dizer que não poderia ir à Grécia e desviou o olhar do dele, sentindo-se confusa, num turbilhão de emoções contraditórias. Sabia que depois dessa negativa ele se afastaria definitivamente. Jamais saberia se ele a teria feito esquecer Mischa.

Estava sendo forçada a tomar uma decisão que talvez não fosse a que realmente queria.

Não podia ir para a Grécia com John, mas isso não significava que não estivesse querendo ir.

— John, eu não posso lhe dizer... é questão de trabalho. Tenho que esperar uma história...

— E você vai desistir de suas férias para ficar à espera de uma história? Deve ser uma coisa excepcional! De que se trata? Da Terceira Guerra Mundial?

— Não brinque John. É que eu prometi a alguém não escrever uma determinada matéria, até que eles...

— Puxa vida, amor! Mas você não precisa ficar por aqui esperando, precisa? Escreva o texto, deixe-o pronto e peça para que Harry, ou seja lá quem for, telegrafe para você quando puder ser publicado!

Lucy não respondeu e ele percebeu que havia algo mais.

— Que mistério é esse, meu amor?

— John... eles não vão me dar exclusividade... Eu preciso estar perto quando eles decidirem...

— Será que eu entendi bem? Você tem uma história, mas prometeu não publicar até que lhe dêem o sinal verde para isso, e sem

promessa de exclusividade. É isso? Mas é incrível! Absurdo!

Lucy fez que sim. Realmente, era inacreditável e absurdo, e ela nem deveria ter tentado explicar. Nesse momento, o garçom aproximou-se da mesa e John olhou-a como se viesse de outro mundo.

— Não estou com fome, Lucy. Acho que é melhor sairmos daqui.

Antes mesmo que ela respondesse, ele se ergueu, desculpou-se com o garçom e deu-lhe uma boa gorjeta. Depois pegou o casaco de Lucy, ajudou-a a vesti-lo e conduziu-a para fora, apressado.

Andaram em silêncio até onde seus carros estavam estacionados. Ele abriu a porta do dele para ela entrar e sentou-se ao volante.

— Você não está sendo honesta comigo, Lucy. Quero que me fale a verdade!

— Tudo o que lhe disse é verdade, John! Só não posso lhe dizer mais do que isso porque... porque nem eu entendo.

— É outro homem! Não, não negue! Eu sei... Entre quinta-feira passada e hoje você conheceu um homem que... bem... virou sua cabeça, não é isso? Incrível Lucy! — Ele bateu com força na direção. — Como pode ter

acontecido tão depressa? Assim, tão de repente? Como? Existia alguma coisa entre nós... Lucy. eu...

— Não foi assim depressa. Eu já o conhecia, há muitos anos, Ele...

— Ele voltou? — O olhar dele fuzilava de raiva.

— Ahn...

— Eu sempre imaginei que devia haver alguém, mas achei que já estivesse fora da jogada. Alguém que deve ter magoado você...

— Ele não pôde evitar isso, John, mas eu...

— Você acha que ainda o ama!

— Eu não sei...

— Mas, enquanto eu estiver longe daqui, em férias, ele vai ter oportunidade de provar que você o ama, não é isso?

— Não... não é assim. Tem uma história...

Num gesto brusco, ele deu partida no carro e ficou olhando para a frente, sem engatar a marcha.

— Não quero saber o nome desse desgraçado! Mas, se você mudar de idéia, pode me chamar, Lucy.

Ela desceu para passar para seu carro e ficou na calçada até vê-lo sumir no fim da rua.

Lucy passou a maior parte do fim de semana com Margaret e Ben, cuidando do jardim, arrependidíssima de não ter ido para Trefelin. John não apareceu mais, nem deu notícias, e, na segunda-feira, não foi trabalhar.

No fim da tarde de segunda-feira, um rico comerciante de ouro foi assassinado em frente à sua casa e Harry telefonou para que Lucy fizesse a cobertura no dia seguinte, logo cedo.

Ela estava quase certa de que iria encontrar John naquela manhã e ficou imaginando o que se diriam. Mas ele não apareceu. Quem estava fotografando em seu lugar era Bill Hazzard, um antigo funcionário do *Herald*.

Lucy e Bill passaram a maior parte do dia indo do local do crime ao hospital e vice-versa, à cata de novidades. Em uma dessas idas, ocorreu a Lucy que John devia ter pedido a Richard Snapes para não mandá-lo fazer a cobertura da mesma notícia que ela. Depois afastou a idéia, achando que ele não seria capaz disso. Era um ótimo profissional e colocava o dever acima de tudo.

Lucy partiu para Gales na quarta-feira de manhã, muito mais confusa e agitada do que quando fora pela primeira vez.

Mischa havia arrumado seu escritório em um dos chalés para hóspedes que Helen e Richard tinham mandado construir. A casa em si não era muito grande e não havia acomodações confortáveis para muita gente, além de ter só um banheiro.

— Mas Mischa continua dormindo na casa — explicou Helen. — Assim eu fico mais sossegada. Coloquei você no chalé ao lado do escritório dele, espero que goste.

— Esses chalés são uns amores! — disse Lucy, encantada. — Eu não me lembro deles quando estive aqui com papai!

— Nós só os mandamos construir depois daquela ocasião.

Helen abriu a porta que dava para uma pequena cozinha e entraram. À esquerda, ficava o banheiro e, à direita, ficavam a sala, com lareira, e o quarto que dava para o mar. Parecia um lugar de sonho.

— Você não pretende vendê-lo, não é? Porque senão eu compraria esse chalé e viria para cá, escrever um livro.

— Engraçado você dizer isso, porque Richard e eu acabamos de vender o outro chalé a Mischa!

— Ah, é?!

Apesar de Helen ter convidado Lucy para fazer as refeições na casa, ela achou melhor preparar sua comida no chalé e só acabou concordando em jantar lá porque Helen insistiu muito.

Depois de instalada, foi até a cidade comprar mantimentos. Era uma bela e agradável tarde de primavera e, quando ela voltou com as compras, Mischa estava na porta de seu chalé, como se a estivesse esperando.

— Quer dizer que agora a imprensa está acampada diante de minha porta?! — brincou ele, e adiantou-se para pegar um dos pacotes. Depois abriu a porta para ela.

Mischa já estava bem mais saudável e até engordara um pouco. O cabelo estava mais brilhante e parecia tão macio que ela teve vontade de passar a mão.

Lucy riu.

— Pois é, eu até estava pretendendo comprar este chalé e fiz uma oferta, mas isso foi antes de ficar sabendo que você comprou esse aí ao lado!

— E mudou de idéia por isso? — perguntou ele, com um sorriso charmoso, aproximando-se mais.

— Achei que você ia reclamar... — disse ela, meio nervosa, colocando o pacote sobre a mesa.

— De quê?

Mischa colocou o outro pacote em cima da mesa e virou-se para ela, ficando bem perto. Depois segurou-a pelos ombros, fazendo-a tremer como se tivesse levado um choque elétrico.

— Você não revelou meu esconderijo no texto que escreveu... Por quê?

— Você pensou que eu iria revelar? — espantou-se ela.

— Não, mas não tinha certeza. Por que não revelou?

O olhar dele a atraía tanto que Lucy não conseguia evitá-lo e tinha até mesmo vontade de se afogar nas profundezas daqueles olhos escuros, cheios de mistérios e promessas.

— Helen me disse que isso ia lhe causar muitos problemas — continuou ele —, que você poderia até perder o emprego...

— Eu perderia a confiança de meu editor, se ele descobrisse, mas ele não tem como descobrir.

— Mas isso é muito sério. Eu fiz mal em colocá-la nessa situação perigosa e difícil, quando teria sido tão fácil prometer-lhe exclusividade! Não sei onde eu estava com a cabeça! Vou lhe prometer, agora, uma entrevista exclusiva, mas com uma condição.

Lucy estava cabisbaixa e ele a fez encará-lo, olhando-a bem dentro dos olhos.

— A condição é a seguinte: que você me diga por que não publicou a matéria como pretendia, revelando meu paradeiro.

Lucy sentiu-se enrubescer. Encarou-o sem conseguir dizer uma palavra e sem conseguir desviar o olhar. Ele não estava mais sorrindo, olhava-a de um modo diferente e perturbador.

Num gesto suave e delicado, acariciou-lhe os lábios com os dedos, e ela imediatamente lembrou-se da cena com a mulher da pintura a óleo. Era como se o tempo não tivesse passado e estivessem de volta àquela noite.

— Mischa... — murmurou ela, emocionada.

Ele se aproximou devagarinho e, finalmente, depois de tantos anos e tantos

sonhos frustrados, seus lábios se uniram num beijo.

Era o beijo que eles queriam ter se dado, naquela noite, no apartamento em Moscou. Lucy abraçou-o apaixonadamente, como se tivesse ainda seus dezessete anos e tivesse acabado de descobrir o amor.

Ele a beijou nos olhos, no rosto, no pescoço; depois olhou-a nos olhos e abraçou-a bem apertado.

— Como sonhei com este momento... Você não tem marido, nem namorado, tem?

— Não. Nem marido, nem namorado... ninguém!

— Mas não vai continuar assim por muito tempo.

— Pelo menos espero que não sejam oito anos...

Mischa acariciou-lhe os cabelos, entendendo o sentido do que ela dissera, fazendo-a tremer com sua emoção.

— Você não respondeu por que não publicou a matéria...

Lucy sentiu que agora poderia dizer sem medo o segredo que guardara em seu coração por oito anos.

— Porque eu te amo.

O olhar dele se iluminou com um brilho de paixão e ele a apertou contra o peito, com ternura e ardor, depois beijou-a de novo. Ela entreabriu os lábios e entregou-se, confiante e apaixonada.

— Lucy... Lucy... — repetia Mischa, entre um beijo e outro, com voz entrecortada de emoção, a respiração ofegante.

— Eu te amo... — dizia ela, apertando-o com força, como se temesse perdê-lo de novo. — Eu te amo tanto, tanto!

E afinal Lucy pôde sentir a plenitude e o prazer de entregar-se ao amor sem temores e restrições, de confessar abertamente os sentimentos.

Mischa a beijava cada vez mais ávido, sem perder a ternura. Suas mãos começaram a percorrer o corpo de Lucy em carícias mais ousadas e seu desejo chamejante instigava o dela.

— Abra os olhos, meu amor — ordenou ele, com voz trêmula. — Esperei todos esses anos e agora quero ver em seus olhos... Pensei que iamais chegaria este momento... Abra os olhos que eu quero ver...

— O que você quer ver?

— Quero ver o que tanto sonhei... o brilho da paixão, a chama do desejo...

Depois abraçou-a de novo e as carícias foram ficando mais íntimas, Quando ajoelhou-se e descansou a cabeça em seus seios. Lucy acariciou-lhe os cabelos negros, deixando que ele abrisse sua blusa e explorasse com os lábios quentes sua pele.

Lucy estava embriagada de desejo e paixão e nem percebeu quando ele a ergueu do chão e a deitou na mesa; depois deitou-se sobre ela e, acariciando com os lábios e a ponta da língua sua orelha, ia murmurando seu nome. repetidas vezes, de um modo que a deixava maluca.

— Eu quero ser sua... eu me guardei só para você... não quero ser de mais ninguém, meu amor... quero que me ame... — murmurava ela, em êxtase.

— Eu vou te amar... Lucy, eu te amo.

Ela entendeu então por que nunca se entregara a ninguém, nem de corpo, nem de alma. Porque nenhum homem havia ultrapassado todas as barreiras e conseguido chegar ao âmago de seu ser daquela forma que Mischa tinha conseguido. Com ele era diferente! Ela sentia que não precisava

esconder nada, envergonhar-se de nada, e entregava-se por inteiro, sem medo de admitir tudo o que estava sentindo.

— Eu te amo Mischa... como nunca amei ninguém!

Acariciava-o também, seguindo seu instinto, apertando-o contra si, querendo arrancar as roupas para sentir a pele dele contra a sua e querendo cada vez mais que ele a possuísse.

Quando, porém, parecia inevitável o desfecho, a união de seus corpos sedentos, ele parou bruscamente de agradá-la e assumiu atitude contida.

— Eu vou te amar, Lucy... mas não agora, nem assim... — disse, com voz suave, afagando-lhe os cabelos.

Quando entendeu o que ele estava querendo dizer, Lucy ficou desolada e uma enorme frustração tomou conta dela.

— Por quê? — disse ela, segurando-o com força, querendo impedi-lo de afastar-se.

Mas todo aquele ardor de Mischa parecia ter esfriado. Ele se manteve firme em sua decisão.

— Por que não quero que aconteça assim, no primeiro encontro. Quero namorar você,

quero ir aos poucos, ensinando, aprendendo e saboreando cada avanço... até nós dois ficarmos malucos de desejo. Vamos recuperar com muito amor os oito anos que perdemos!

Ela fechou os olhos e sentiu rolar lágrimas. Imediatamente ele beijou-lhe as pálpebras, com ternura. — Lucy... minha Lucy querida...

Através da dor de sua frustração, ela percebeu o quanto era difícil para ele manter-se firme nessa decisão.

— Mischa!... Mischa! — A voz chegou até ela, como num sonho.

Só quando Mischa desvencilhou-se dela e ajeitou a roupa é que Lucy entendeu que a voz era real. Era de um garoto que estava batendo à porta do chalé dele e que, sem dúvida, iria até o dela procurá-lo.

CAPÍTULO VIII

— Mischa! — chamou de novo a voz.

Lucy soergueu-se, apoiando-se nos cotovelos, depois sentou-se na beirada da mesa, vendo Mischa afastar-se dela e respirar

fundo. Era como se de repente tivesse sido expulsa do paraíso para um mundo frio, onde se sentia a mais solitária das criaturas, e isso lhe causou revolta.

— Amigo seu? — perguntou ela, em tom de despeito, e Mischa fez que sim. — Que hora mais inoportuna para chegar!

Mischa achou graça naquela braveza e caiu na risada; depois estendeu a mão e fez um carinho no rosto dela.

— Não precisa ficar tão brava! Vamos ter tempo de sobra para o nosso amor. — Num gesto rápido, curvou-se e beijou-a de leve.

Passos apressados soaram perto da casa e Mischa correu para a porta, que tinha ficado aberta. Lucy ficou onde estava, cabisbaixa, tentando controlar suas emoções.

— Oi, Rhodri! — cumprimentou ele.

— Ah, estava aqui, então! Você mudou para este chalé? — O modo como o garoto falava com ele indicava admiração, como se considerasse seu herói.

— Eu não, mas alguém de quem gosto muito acabou de se instalar aqui.

— Um amigo seu? — perguntou o garoto, e Lucy detectou uma ponta de ciúme no tom de voz.

Ela também sentiu-se enciumada e, descendo da mesa, resolveu aproximar-se da porta, para ver o menino.

— Lucy, este é o meu amigo Rhodri. Rhodri, esta é a minha amiga Lucy.

Rhodri sorriu para ela, visivelmente aliviado por ver que era uma mulher.

— Oi, Rhodri.

— Oi, Lucy.

Ela sorriu também, reconhecendo que sua reação tinha sido infantil, e disse:

— Eu ia começar a preparar um chá. Você quer nos fazer companhia?

— Ah, quero, sim, obrigado. Quer dizer... se não for muito trabalho. Senão posso ir tomar lá com Brigit... — acrescentou ele, como se quisesse deixar claro que não tinha ido filar a refeição.

— Não é trabalho nenhum.

Lucy voltou para dentro da cozinha e foi até a mesa. Um dos sacos de compras estava meio amassado contra a parede e, o outro, caído no chão. Só faltava ser o que continha ovos! Vestígios da cena que acontecera ali há poucos minutos apenas. Mischa e Lucy trocaram um olhar cúmplice e ela enrubesceu. Mas continuou a olhá-lo com um sorriso,

sentindo os beijos dele ainda em seus lábios, dizendo com o olhar que sabia que ele a amava e a queria tanto quanto ela o amava e queria.

— Então você conhece Brigit? — perguntou ela a Rhodri, enquanto ajeitava as compras no armário.

— Ah, claro que a conheço! Ela é minha irmã, sabe?

— Ah, é?! Por acaso você tem doze anos?

Os ovos realmente estavam no saco que tinha caído no chão e, enquanto falava, ela pegou quatro que tinham se quebrado e colocou-os numa vasilha. Ao preço que estavam, não podia desperdiçar e dava para aproveitá-los numa omelete.

— Logo vou fazer treze anos — disse Rhodri, com ares de importância.

— Ora, então você deve ser o gênio da família! Brigit falou-me de você, da outra vez em que estive aqui.

Lucy colocou no fogo a chaleira com água e voltou para a mesa onde estavam Mischa e Rhodri. Subitamente, a cena pareceu-lhe um quadro familiar cotidiano, como se fossem pai e filho, e desejou com intensidade que o menino fosse filho deles dois, fruto do amor que começara há oito anos.

Como se tivesse captado a emoção, Rhodri olhou para ela, sorrindo com simpatia. De repente, estabeleceu-se entre eles uma forte afinidade, de inteligência, dedicação e amor, e uma sensação aconchegante de felicidade tomou conta do ambiente.

Juntos, arrumaram a mesa, prepararam torradas com queijo e geleia e tomaram o chá, conversando animadamente e à vontade, como se fossem amigos há séculos. Lucy sentia-se radiante e cheia de amor.

A paixão de Rhodri era a arqueologia e principalmente a pré-história de Gales. Ele tinha a firme convicção de que havia cavernas com pinturas primitivas naquela região e sua maior ambição era descobrir uma delas. Ele expôs sua teoria sobre a era glacial nas regiões de Fishguard e Trefelin e de como as cavernas desses lugares eram mais habitáveis. Mischa foi até o chalé dele buscar o cachimbo e o fumo. Estavam tão entretidos na conversa que nem perceberam que já anoitecia e que estavam na penumbra. Lucy percebeu e acendeu a luz.

— Você me mostra isso num mapa depois?
— pediu ela.

— Talvez você queira ir conosco qualquer manhã, explorar cavernas — disse Mischa, olhando primeiro para ela e depois para o garoto.

— Rhodri vai quase todos os dias e às vezes eu vou com ele.

— Aos sábados também, depois que faço meu trabalho — disse ele, entusiasmado de ter os dois como companhia.

— Eu adoraria ir!

— É úmido, frio e escuro, mas indo com roupa especial não tem perigo — preveniu ele, achando que era seu dever.

E a conversa continuou tão animada que, quando bateram na porta, os três se sobressaltaram. Lucy ergueu-se e foi abrir. Era Brigit.

— Helen pediu que avisasse você que o jantar é daqui a uma hora — disse ela a Lucy; depois, espiou por sobre o ombro dela a cozinha acesa.

— Ah, então você está aqui, Rhodri! Estávamos preocupados, a Mairi já ia mandar procurar você! Boa noite, Mischa.

— Boa noite Brigit — disse ele, soltando uma baforada de fumaça.

— O jantar é daqui a uma hora — repetiu ela. — Sua bebida já está na geladeira. Venha, Rhodri, vamos para casa, eu já estou indo embora.

Mischa e Lucy ficaram parados na porta, em silêncio, vendo os irmãos se afastarem. Depois de instantes, ele bateu de leve com o cachimbo na parede de pedra, jogando fora o fumo queimado e espalhando fagulhas na grama.

— Depois do fumo de rolo que fumei na prisão, todos os outros parecem fracos demais — comentou ele, com um sorriso meio triste.

— Fumo de rolo?

— É, é muito forte. Era o único que conseguíamos arranjar na prisão. Mas a gente acaba acostumando.

O escuro aumentava à medida que anoitecia e os dois estavam em silêncio, encostados no umbral da porta que dava para o lado da cidade.

— Que malditos! — exclamou ela, num repente incontido, desabafando seu ódio. — Eu odeio todos eles! — O olhar estava fixo, mas ela não via nada diante de si. — Vendo Rhodri hoje, eu pensei em como você deve ter sido em menino! Inteligente, cheio de vida e energia! —

A voz embargada de emoção foi entrecortada por soluços. — E o que eles fizeram com você! Tomaram os seus livros, destruíram tudo e jogaram você naqueles lugares horríveis, sem nada! Tentaram destruir sua mente... por isso eu os odeio! Roubaram oito anos de sua vida! Essa foi a recompensa que lhe deram por ser inteligente e brilhante! Trancafiaram você em lugares onde precisava se acostumar com as privações e torturas para não morrer!

Lucy estava tremendo e ofegante, e continuava olhando fixo para a frente.

— Eu os odeio! Tenho vontade de matar todos eles! De gritar a verdade, de varrê-los da face da Terra! Mas não posso fazer nada disso, não tenho poderes... E isso, me faz sentir responsável também, como se fosse cúmplice, como se aprovasse as barbaridades que fazem! A única coisa que posso fazer é odiá-los! Ah, meu Deus...

As lágrimas escorriam por sua face sem que ela tentasse impedi-las e, afinal, virou-se para fitá-lo.

— Lucy, desabafe, vamos, faz bem.

— Ah, desculpe. Desculpe, Mischa. Isto é imperdoável de minha parte. Ficar lembrando você desses horrores...

Ela enxugou o rosto na manga da blusa num gesto infantil.

— Não foi tão horrível assim...

Lucy, entretanto, sabia que não era verdade. Ele segurou seu rosto entre as mãos e beijou-a de leve, carinhosamente.

— Agora não precisa odiá-los mais. Já está tudo terminado, eu estou aqui com você.

— Eu te amo tanto, Mischa...

— Lucy, também eu te amo loucamente!

Ele a puxou para si, encostando-a em seu peito e envolvendo-a com os braços. E ficaram assim até que as primeiras estrelas apareceram no céu. Lucy nunca se sentiu tão aconchegada e protegida em toda a sua vida; era como se, ali, dentro daquele abraço, nada de ruim pudesse lhe acontecer, nada a atingisse.

Lucy vestiu-se devagar, languidamente, sentindo-se relaxada depois do demorado banho quente de imersão. A túnica de seda amoldou-se com sensualidade a seu corpo. Escovou os cabelos, prendendo-os para cima num coque frouxo, e colocou os brincos de argola de ouro. Estava bonita e a consciência

disso aumentou o brilho de seus olhos. Queria causar boa impressão a Mischa.

Pegou a lanterna na cozinha e atravessou o gramado que, conduzia até a casa. No meio do caminho, parou e apagou a lanterna. Ficou assim alguns instantes, olhando as estrelas e ouvindo o murmúrio das ondas do mar.

Mischa, que saíra da casa para ir buscá-la, encontrou-a parada ali, admirando o céu. Tirou a lanterna da mão dela, que não opôs resistência.

— O que está fazendo? Invocando algum deus da antigüidade?

Lucy olhou para ele e, vendo aquela presença tão querida, respondeu, insinuante:

— É, e acho que fui atendida...

Ele se aproximou mais, sorrindo, e colocou a mão no ombro dela.

— Será que foi mesmo?

— Fui sim. Se não tivesse vindo, eu ia morrer de amor... porque fui feita para amar só você...

Ele se apossou dos lábios dela com fúria e doçura, impedindo-a de continuar falando, abraçando-a, apertando-a contra si. Ao notar que o corpo dele respondia ao apelo do seu, ela

sentiu um estranho e inebriante poder. Mas logo ele a afastou de si.

— Não me provoque assim, amor! Olhe lá... você está querendo que aconteça aqui mesmo, no gramado?

— Estou...

Ele, entretanto, acendeu de novo a lanterna, pegou Lucy pela mão e conduziu-a até a casa, para jantar.

Mais tarde ela nem conseguia se lembrar do que comera. As únicas coisas de que se lembrava eram os olhos de Mischa, os lábios e as mãos dele. Quando a refeição terminou, ele a conduziu de volta para o chalé.

Abriu a porta para ela, depois puxou-a para si e beijou-a.

— Você está linda hoje... mas não temos pressa...

Abraçou-a outra vez, com ardor, acariciando-a pelo corpo todo, fazendo-a suspirar e gemer baixinho, louca de desejo. Mas depois afastou-a de novo.

— Por quê... — indagou ela, agoniada, ardendo de paixão.

— Porque a espera aumenta o prazer, e eu quero que a nossa realização seja perfeita.

E, muito a contragosto e com esforço, ele se afastou afinal.

CAPÍTULO IX

— O que está fazendo, aí? Trabalhando? — perguntou Lucy.

Estava uma manhã bonita e o sol a aquecia através da camiseta de algodão. Lucy tinha parado à porta do chalé de Mischa e falava com ele, que estava sentado à mesa, muito compenetrado, diante de uns papéis.

Ele ergueu a cabeça e sorriu, aquecendo-lhe a alma.

— Estou transcrevendo um livro da minha cabeça para o papel. E você, o que está fazendo?

— Olhando você... — disse ela, como se pudesse ficar ali o resto da vida, olhando-o sem se cansar; depois entrou na cozinha, que era igual á sua. — Por que disse transcrevendo? O livro já está pronto na sua cabeça?

— Está. Nem sempre havia papel nas prisões e, dessa última vez, para não

enlouquecer, eu escrevi o livro em pensamento e decorei-o inteirinho. Agora estou passando-o para o papel. Só que não estou muito confiante no meu inglês.

— Mas... você escreveu o livro em pensamento e ainda por cima em inglês?! Uma língua estrangeira para você! E ainda diz que foi para não enlouquecer!

Mischa riu, pegou o cachimbo e começou a limpá-lo e colocar fumo.

— Era um método para exercitar o raciocínio e mantê-lo em atividade... — Ele pegou umas folhas manuscritas. — Se tiver um tempinho disponível, será que poderia ler umas duas ou três páginas, só para ver se há muito erro de gramática?

— Quero ler tudo — disse ela, sentando-se em uma cadeira, de frente para ele.

— Mas, você não tem seu trabalho?!

— Eu estou de férias e, além do mais, se está lembrado, meu trabalho é você.

Ele entregou as folhas, fitando-a com um sorriso maroto e insinuante, e dizendo:

— Espero que seu prazer seja eu também.

O coração de Lucy bateu mais rápido e ela entendeu de repente o que Mischa queria dizer quando falou em namorá-la, em prolongar o

prazer. Aquele arrepio de amor e desejo, aquele enlevo era a coisa mais deliciosa que já acontecera em sua vida; uma espera cheia de promessas e expectativa.

— Isso depende — respondeu ela, rindo. — Só se eu for o seu prazer.

Ele a fitou de olhos semicerrados, com visível admiração, sabendo ter encontrado uma companheira de verdade.

A semana seguinte foi transbordante de felicidade. Parecia a Lucy que o mundo havia se transformado: as cores estavam mais vividas, os perfumes e aromas mais marcantes, o sol brilhava com mais intensidade. Ela olhava a natureza em redor, as primeiras folhas da primavera que brotavam, e se perguntava como é que nunca havia prestado atenção a esse milagre de criação, crescimento e vida. Sentia-se esfuziante, lúcida, perspicaz e cheia de vivacidade, e o poder que ela e Mischa exerciam um sobre o outro era ao mesmo tempo uma tortura e um deleite.

Passava quase que o tempo todo com Mischa. Tomavam café da manhã e almoçavam juntos e, à noite, jantavam na casa em companhia de Helen. Quase todas as manhãs, saíam a pé para passear e, às vezes,

acompanhavam Rhodri em suas explorações a cavernas ou a ruínas romanas. Durante a tarde, Lucy fazia anotações para a série de artigos sobre Mischa, que começara a planejar enquanto ele escrevia seu livro, na mesa da cozinha de seu chalé. Outras vezes trabalhava com ele, revisando seus escritos.

Tudo dentro da mais completa felicidade. Quando ele a abraçava e beijava, então, era um delírio. Trocavam palavras, olhares provocantes e cheios de insinuações, com sentido especial só para eles, e carícias inesperadas. Lucy estava recuperando tudo o que não vivera na adolescência, quando, em vez de ter namorados e apaixonar-se, ela viajava com o pai. E, aos poucos, Mischa tomou conta de sua vida: era seu primeiro amor, seu amor maduro, verdadeiro... e seu único amor. Havia momentos até em que tinha impulsos de desenhar corações e escrever as iniciais de seus nomes, como se fosse uma garotinha apaixonada. Chegou a imaginar uma teoria maluca, segundo a qual o amor era o último estágio na evolução do homem e que os que se amavam faziam parte de uma nova espécie.

Certa manhã, mais de uma semana depois de sua chegada, Lucy acordou com alguém batendo na janela de seu quarto. Levantou-se, ainda atordoada, afastou a cortina e escancarou a janela para o sol da manhã e o rosto de Mischa.

— Bom dia! — disse ela, alegre, ao vê-lo.

— Bom dia. — Mischa aproximou-se e espiou dentro do quarto. Ela estava com pijama de calça comprida, comum, mas ele a olhou como se tivesse gostado. — Você está muito bonita.

Apoiou-se no peitoril da janela e beijou-lhe os cabelos em desalinho, depois passou a mão por seus ombros e braços, numa carícia.

— Tenho uma idéia para o café da manhã — disse ele. — Que tal irmos a pé até Coastal Path e fazermos um piquenique lá?

— Eu adoraria! Agora, se você não se importa, eu vou me vestir... — Ela sorriu, insinuante.

— Eu não me importo. Vista-se, porque, se for preciso, não vou ter trabalho em tirar sua roupa.

Ela riu, mas não pôde deixar de ficar perturbada com aquela sugestão.

— Então, me dê vinte minutos para que me apronte.

Lucy tomou um banho rápido e, quando ficou pronta, os dois foram até a casa e pediram que Brigit lhes arranjasse comida para um piquenique. Brigit arrumou as coisas numa cesta e entregou a eles.

— Tomem. Está tudo aí. Se encontrarem Rhodri no caminho, por favor, digam a ele para não se atrasar para a escola. — Sorriu e despediu-se.

De fato, encontraram Rhodri no caminho, carregando sua mochila e a lanterna.

— Oi! — cumprimentou ele, alegre. — Querem ir comigo, hoje?

— Já está tarde — respondeu Lucy, sorrindo. — Aliás, Brigit pediu que lembrássemos você para não chegar atrasado na escola.

— Ah... a escola! — disse ele, com pouco-caso, os olhos brilhando de euforia.

— Você encontrou alguma coisa? — perguntou Mischa, percebendo a animação dele.

O menino abriu um sorriso de orelha a orelha.

— Descobri, sim. Numa caverna em que já estive, mas nunca tinha reparado. Ela é rasa, sabe, e a maioria das cavernas que têm desenhos são profundas. Mas a caverna desabou parcialmente e talvez haja uma parte mais funda em baixo das pedras que caíram. Talvez isso tenha acontecido há muito tempo e pode ser que ninguém ainda tenha encontrado. Se houver algo da pré-história lá dentro, é capaz que não tenha sido destruído.

Rhodri interrompeu a enxurrada de palavras, olhou para a praia, depois olhou para seu relógio.

— Gostaria de poder levar vocês lá agora, para mostrar... uma fenda na parede...

— Uma fenda? — perguntou Mischa, atento. — Uma fenda esculpida?

— Pode ser — disse Rhodri.

— Acho que você vai precisar levar um arqueólogo lá na caverna, Rhodri.

— Só depois que eu encontrar alguma coisa — disse ele, decidido — Gostaria de mostrar a vocês, mas, se eu chegar atrasado na escola outra vez, eles...

— Amanhã você nos mostra, então — sugeriu Lucy. — Se durou tantos anos, vai durar mais um dia.

Rhodri riu, depois fez cara de impaciência.

— Ah, que chato ir à escola! Não aprendo nada lá! Só ensinam a Guerra das Rosas! — Ele saiu correndo, mas, depois de um bom pedaço, parou e virou-se para eles. — Amanhã cedo, então? Combinado?

— Combinado!

O casal ficou vendo o menino desaparecer no caminho, antes de descerem para a praia. O dia estava bonito, límpido e agradável. Lucy tinha vontade de sair correndo, mergulhar naquelas águas clara: e nadar até se cansar.

— Rhodri fala com tanta convicção e certeza que a gente chega a pensar que ele entende mesmo do assunto — comentou Mischa

— Talvez ele entenda mesmo; ou seja, sua memória ancestral está falando mais alto.

Caminharam devagar pela praia, ao pé dos rochedos, passando por grutas e cavernas escuras, algumas das quais já haviam visitado com Rhodri. Subiram pela encosta de um penhasco, atravessaram um pasto de ovelhas, até chegarem ao local desejado, que haviam descoberto uns dias antes, com o garoto.

Mischa largou a sacola no chão e desdobrou a esteira, com a ajuda de Lucy.

Depois, ela tirou a jaqueta de brim, ficando só de camiseta e sentou-se; enquanto ele arrumava a comida.

— Estou morrendo de fome! — disse ela. — Esta caminhada me abriu o apetite!

— Ótimo! — Ele sorriu e jogou uma laranja para ela. — O meu também.

Os dois comeram o que tinham levado. Depois, languidamente deitados na esteira, ela com a cabeça apoiada no ombro dele, puseram-se a conversar, continuando com naturalidade assuntos antes interrompidos. Falaram de novo sobre a vida na prisão e depois ficaram alguns instantes em silêncio.

— Eu lhe mandei uma porção de cartas — disse ela, de repente. — Meu pai sempre descobria em que prisão você estava e eu escrevia.

— Nós só podíamos receber um certo número de cartas por mês. Em geral, só uma ou duas. Às vezes eu ficava sabendo que você tinha escrito, mas não podia ler a carta porque havia outras que precisava ler, de pessoas que estavam lutando por mim fora de Moscou e mandavam informações importantes, que eu não podia deixar de receber. Por isso, eu tinha que escolher essas cartas e ficava sem ler as

suas. Mas sabia que você me escrevia sempre e, quando parou de escrever, entendi...

— Mas não foi por isso que você está pensando. — Ela se aconchegou mais a ele. — Não foi por causa de nenhum outro.

Mischa soergueu-se, apoiando-se nos cotovelos, e beijou-lhe a testa. Depois ficou contemplando-a de pertinho e com tanta ternura no olhar que ela estendeu a mão e acariciou-lhe o rosto. Ele segurou sua mão e beijou-a de leve.

— Mischa...

— O que foi, Lucy?

— Qual era a pior coisa? A mais difícil de suportar?

— As privações do espírito... ver que as pessoas vão nos abandonando e se afastando, desistem de lutar pela causa. Isso é pior do que a certeza de que se vai morrer ali.

Lucy entendia bem que sentir-se traído fosse a pior coisa, pois considerava imperdoável qualquer traição. Sentiu, naquele momento, que eles realmente partilhavam os mesmos valores, os mesmos ideais e sentimentos e invadiu-a uma onda de plenitude e felicidade. Os dois se abraçaram, como se nada os pudesse separar, nunca mais.

À tarde. Helen saiu de viagem, para passar uns dias com Richard em Londres e, naquela noite, Lucy preparou o jantar para ela e Mischa. Era a primeira vez que ficavam sozinhos e ela entendeu que seria difícil separarem-se depois da refeição como de costume.

Quando a comida ficou pronta, Lucy tomou um banho rápido e colocou a túnica cor de vinho. Escovou bem os cabelos, deixando-os soltos sobre os ombros; e resolveu não se maquiar, já que sua pele estava corada de sol, e passar só um pouco de rímel e um pouquinho de perfume suave.

Mischa, que tinha se mudado para o chalé onde trabalhava, logo depois de sua chegada, estava demorando e já deveria ter chegado. Por isso, Lucy resolveu ir até lá, ver por que se atrasara.

Bateu na porta, mas não houve resposta. Ela esperou alguns instantes, abriu a porta e entrou na cozinha escura.

— Mischa! — chamou, sem gritar.

De repente, um certo temor apoderou-se dela, e ela avançou até a sala, no escuro, para ver, aliviada, uma réstia de luz que vinha

quarto. Mischa costumava cochilar à tarde. Fazia parte de seu tratamento para recuperar as energias.

Estava ali quando ouviu um gemido de tortura que a encheu de pavor. Sem pensar duas vezes correu para o quarto e escancarou a porta.

Mischa estava deitado na cama, vestindo o roupão preto de toalha, e a fronha do travesseiro estava úmida, como se ele tivesse pegado no sono depois do banho. Estava de lado, um braço segurando o travesseiro, o outro encolhido contra o peito que o roupão entreaberto deixava à mostra. Só a luz do abajur estava acesa, mas dava para ver que a expressão do rosto dele era de sofrimento. Era evidente que estava tendo um pesadelo.

Mischa gemeu de novo e murmurou coisas desconexas que Lucy não entendeu, mas isso bastou para fazê-la ajoelhar-se ao lado cama e chamá-lo, com voz suave.

Ela passou a mão carinhosamente em sua testa e chamou-o várias vezes, até que ele abriu os olhos, meio atordoado. Quando a reconheceu, olhou-a como se precisasse desesperadamente dela.

— Ah, Lucy! Minha Lucy!

No mesmo instante abraçou-a, apertando-a com tanta força e desespero que ela mal podia respirar. Com a cabeça apoiada no peito másculo, ouvia o coração dele pulsar acelerado, enquanto ele escondia o rosto na maciez de seus cabelos perfumados.

— Lucy, estou precisando muito de você... eu preciso de você!

As palavras vieram do mais fundo de sua alma, a voz tremia de emoção. Então, ele a beijou como quem precisasse daquele beijo para continuar a viver. Com tanta fúria e tanta carência que destruiu as resistências dela, arrastando-a para além dos temores, da razão e de si própria.

— Eu te amo — disse ele, com os lábios roçando os delas, e repetiu centenas de vezes, beijando-a inteirinha.

— Eu te amo, Mischa! Tanto, tanto!

Ela o abraçava e acariciava, doando-se de corpo e alma, amando-o, confortando-o, misturando prazer e dor. Vagamente entendeu que, do ponto em que estavam não havia mais volta.

Seus corpos carentes se encontraram sem repressões e barreiras, como se essa união fosse fazer deles um único ser, completo e

harmonioso. A necessidade dos dois era igual, o desejo era o mesmo e o amor tinha a mesma intensidade. E não foi com paixão que ele a possuiu, foi com amor.

Quando, no momento final, ele segurou o rosto de Lucy entre as mãos e gemeu de prazer, com os lábios perto dos dela, ela sentiu que não podia haver alegria maior no mundo do que ter lhe dado aquela emoção, e abraçou-o com força, sentindo-se enfim completa e realizada.

Mischa começou a acariciar devagar seu rosto e seu corpo, olhando-a nos olhos.

— Lucy, você é tão linda!

— Você também, meu amor, tão lindo...

Ele a abraçou de novo.

— Eu quase perdi o controle... tive medo de machucar você... Não sabe o bem que me fez, acordando-me daquele pesadelo! Eu fiquei desesperado... com uma necessidade terrível de abraçar você...

— Como era o pesadelo?

— Era com você. Você ia descendo as escadas, afastando-se de mim e eu queria chamá-la, fazê-la voltar para ficar comigo. Mas minha voz não saía e, quando quis correr para alcançá-la, os homens da KGB me seguraram;

apareceram pessoas do partido, gente conhecida, todos tentando me impedir. E você, sem saber, indo embora sem olhar para trás...

Um brilho de angústia passou por seu olhar e ele encostou o rosto nos seios dela, como em busca de proteção.

— Fique comigo esta noite! Lucy, Lucy! Eu não canso de abraçar você!

Com um gemido, ela o apertou contra si e os dois ficaram assim abraçados, juntinhos, com a mesma fome de amor, antiga, e difícil de saciar.

De repente ouviram alguém chamá-los lá fora, com voz aflita.

— Lucy! Mischa! — Era uma voz de mulher, agoniada.

Em seguida, bateram com desespero na porta do chalé de Lucy.

— Rhodri! Lucy! Mischa! — chamava a voz, e então eles reconheceram a voz de Brigit, distorcida pela aflição.

— Aconteceu alguma coisa! — exclamou Lucy.

Seus corpos nus separaram-se com relutância e Lucy pegou a túnica que estava no chão, vestindo-a às pressas, enquanto Mischa enfiava o roupão, rápido.

Quando abriram a porta, depararam com Brigit, que estava diante do chalé ao lado. Assim que os viu ela correu para lá.

— Brigit, o que aconteceu? — perguntou Lucy, ansiosa.

— Rhodri... Ah, nós tínhamos tanta certeza de que ele estava com vocês! Ele sumiu, Lucy. Quando começou a ficar tarde ele não aparecia, fomos procurá-lo nas casas dos amigos... Ele não foi à escola hoje...

— Não foi à escola! — exclamaram Lucy e Mischa, em uníssono.

— Nós encontramos com ele hoje de manhã, perto de Mill Path e ele estava indo para a escola! — disse Mischa.

— Mas não chegou lá — disse Brigit, com olhos arregalados de medo. — Ah, meu Deus, será que alguém fez alguma coisa para ele?!

Lucy e Mischa trocaram um rápido olhar e ela disse, tentando acalmar Brigit.

— Não, ele deve ter voltado para a caverna.

CAPÍTULO X

Encontraram Rhodri quando os primeiros clarões da aurora surgiam no horizonte. Mischa e Lucy tinham passado a noite toda procurando-o por todas as cavernas que conheciam, sem esmorecer, apesar de ele não ter ainda recuperado totalmente sua condição física.

— Rhodri! — chamou Lucy, enquanto Mischa iluminava com a lanterna o teto desabado da caverna.

— Estou aqui!

— Graças a Deus! — exclamou Lucy, aliviada e exausta. — Você está bem. Rhodri? Está machucado?

— Só na perna — respondeu o menino, com voz cansada. — E eu estou com muita sede.

Mischa e Lucy iluminaram o túnel de onde vinha a voz, para ver se conseguiam enxergar Rhodri, mas não adiantou.

— Como é que ele conseguiu cavar um túnel assim tão comprido? — perguntou Lucy, horrorizada de imaginá-lo preso naquele lugar escuro e sufocante.

— Tudo bem, Rhodri, nós temos água aqui — disse Mischa, com voz calma. — Dá para você ver a luz da lanterna?

— Dá, sim. Eu estou logo abaixo dela.

— Abaixo dela?! — disse Lucy, preocupada, — Será que ele caiu num buraco?

A passagem do túnel era estreita demais e, achando que não daria para Mischa, ela falou:

— Deixe que eu vou, eu consigo passar por ali.

Ele olhou para ela, depois largou a lanterna no chão e tirou a jaqueta.

— Eu vou. Dá para eu passar, sim. Aliás, estou acostumado a me movimentar em espaços pequenos. Você, fique aqui.

Mischa pegou de novo a lanterna e começou a entrar pela abertura estreita.

— Cuidado, Mischa! É muito estreito! O teto está...

Com um ruído de pedras rolando, ele sumiu de repente, do outro lado, Lucy ficou desesperada, tentando localizá-lo com a luz de sua lanterna, que era mais fraca.

— Mischa! Mischa!

Então o rosto dele apareceu no foco de luz e ele sorriu,

— Puxa, há uma caverna enorme, aqui! Vou dar uma olhada em Rhodri. Pegue o cantil na sacola e me chame quando puder passá-lo

para mim. — O rosto dele desapareceu do foco de luz.

— Lucy, você também veio! Que bom! Quero que venha ver!

Rhodri falava com o entusiasmo de sempre. Ela pegou o cantil e dirigiu-se para a entrada do túnel, que na verdade não era tão longo quanto parecia. Logo saiu do outro lado da parede de pedra, numa enorme caverna. Pouco adiante, estavam Mischa e Rhodri, visivelmente aliviados. Mischa se inclinava sobre o menino com tal expressão no rosto, como se ali, naquela caverna escura e erma, ele tivesse encontrado sua própria infância,

Lucy largou o cantil no chão e imediatamente o foco da lanterna de Mischa a iluminou.

— Mas que diabo você está fazendo?! — disse ele, bravo. — Não me ouviu dizer para que ficasse do lado de lá?

— Não — respondeu ela, protegendo os olhos da luz.

— Se o teto ruir de novo e nós três ficarmos presos aqui, como é que vai ser, hein? Ninguém sabe onde estamos!

Mischa tinha razão. Um arrepio de medo percorreu seu corpo, mas, para não entregar

os pontos, ela se empertigou, respirou fundo e disse:

— Tenho certeza de que você conseguiria nos tirar daqui!

Aproveitando o escuro, ele a apertou contra o peito e beijou-a com paixão, fazendo-a lembrar do que tinha acontecido entre eles no começo da noite. Mas logo separaram-se.

— Volte para lá enquanto eu dou uma olhada na perna de Rhodri. — disse Mischa. — É muita imprudência ficarmos os três neste lugar.

— Espere aí — pediu Rhodri —, não vá ainda. Quero que vocês dois vejam a caverna.

— Eu trouxe água para você — disse Lucy.

— Depois eu bebo a água. Quero que vocês olhem a parede! Olhem!

Os dois entenderam então a importância daquilo para o menino. O que ele tinha descoberto era mais importante do que a perna machucada, a sede, tudo. Sem dizer mais nada, Mischa iluminou com a lanterna a parede de pedra e eles viram, atônitos, um veado grande, pintado em vermelho.

— Rhodri! — exclamou Lucy, pasma de admiração.

Por instantes, ficaram em silêncio, examinando melhor o desenho em tamanho natural.

— Muito bem, Rhodri — disse Mischa, elogiando-o. — Você sabe de que período é isso?

— Pelo tamanho do desenho, o uso da perspectiva, a cor... eu acho que é do Magdaleano. Tem uma cena completa pintada aí...

Enquanto ele falava, eufórico, Mischa e Lucy iam olhando o desenho na pedra, que continuava até onde a luz da lanterna não alcançava mais.

Um sentimento de reverência uniu os três na contemplação daquela manifestação de arte.

— Quantos anos tem isso, Rhodri — perguntou Lucy.

— Se realmente for do período Magdaleano, deve ser de dez a quinze mil anos antes de Cristo.

— Será que ninguém nunca viu isso aqui?

— Não sei... depende de quando aconteceu o desmoronamento. E acho que deve ter outras coisas. Eu vou telefonar para o museu e avisar! — disse Rhodri, cheio de satisfação.

— Puxa, até onde será que vai isso? — perguntou Mischa, vendo que o desenho não tinha fim.

— Não sei. Estava procurando descobrir isso quando caí e machuquei a perna. Daí não consegui mais ficar em pé, por isso me arrastei até aqui de novo, para não ficar sem ar. Depois, acabou a pilha de minha lanterna.

Enquanto ele bebia água do cantil, Mischa examinou-lhe a perna.

— Parece que não há fratura — disse —, só uma torção feia no joelho. Acho melhor darmos um jeito de enfaixar e sairmos logo.

Imediatamente, Lucy tirou sua blusa, e entregou a ele.

— Dá para enfaixar com isso?

— Mas o que você está fazendo, sua maluca? Você vai ficar gelada!

— Você me dá seu pulôver. Isso aí é melhor para enfaixar.

Ele acabou concordando e, com rapidez e presteza, enfaixou a perna do menino. Depois conduziu-o até a boca do túnel, ajudado por Lucy. Lá, deixou-os esperando um instante, enquanto atravessava primeiro a passagem estreita.

— Você está bem? — perguntou Lucy a Rhodri.

— Estou, sim. Fico contente por vocês terem vindo. Eu pensei que fosse morrer aqui, sozinho. Se não fosse por você e Mischa, ninguém iria me encontrar aqui.

Lucy achou-o mais amadurecido, como se aquela experiência o tivesse transformado num adulto, da noite para o dia.

— Nós não iríamos deixar você morrer aqui — disse ela, abraçando-o afetuosamente, com admiração.

Pouco depois, Mischa fez Rhodri passar pela fenda da rocha, e, enquanto esperava do outro lado, sozinha, Lucy sentiu um arrepio. Aconchegou-se no pulôver, sentindo o cheiro másculo e aquele contato a fez lembrar dos momentos que passara nos braços dele, há apenas algumas horas. Agora eles eram amantes! Depois de oito anos, tinham se reencontrado e ela sabia que jamais poderia pertencer a outro homem, nem apagar a marca que ele havia deixado nela para sempre.

— Meu Deus, Lucy, isso é verdade? — disse Harry, incrédulo, do outro lado do fio.

Abafando um bocejo. Lucy confirmou. Eram dez horas da manhã, ela ainda não havia dormido.

— Quando foi feita a descoberta?

— Ontem à noite. Rhodri descobriu a caverna e nós encontramos lá, hoje de manhãzinha.

— Nós, quem?

— Um amigo meu e eu — apressou-se ela, sentindo um calafrio por quase ter cometido um deslize. — Havia umas doze pessoas procurando o garoto a noite toda.

— Algum profissional já confirmou a autenticidade dos desenhos na caverna?

— O Museu Nacional já foi notificado e até hoje à tarde deve chegar alguém qualificado para isso.

— E fotos, como fica?

— Se você mandar alguém para cá hoje à noite, amanhã vai publicar uma notícia com exclusividade. Só três pessoas sabem onde fica a caverna.

— Está bem. Vou mandar um fotógrafo para aí. Você quer fazer a cobertura disso, apesar de estar de férias?

— Quero, sim, obrigada.

Lucy suspirou. O sossego de Trefelin ia acabar: jornalistas e curiosos acorreriam para ali, como resultado da publicação de sua notícia. Mischa já não poderia sair à vontade, sem correr o risco de ser reconhecido. Mas ela não podia fazer nada, estava fora de seu alcance impedir isso. Aquela descoberta certamente não iria ser mantida em segredo. E precisava escrever logo a matéria, senão perderia a exclusividade. Harry cumprimentou-a pela eficiência e Lucy deu o telefone da casa de Helen, explicando como o fotógrafo entraria em contato com ela, assim que chegasse.

Quando afinal trancou a porta da casa e foi para seu chalé, Lucy estava morrendo de cansaço. A manhã estava linda e ela respirou fundo, enchendo os pulmões com o ar fresco e perfumado, tentando relaxar. Mas sua cabeça ardia, remoendo o grande problema: como contar a Mischa que no dia seguinte Trefelin estaria fervilhando de jornalistas e que ele precisaria ter toda a cautela, talvez até se esconder, para não correr o risco de ser reconhecido? E, o que era pior, como contar a ele que a responsável por isso tudo era ela?

Passava um pouco das seis horas, aquela tarde, quando alguém bateu a porta do chalé. Lucy acabara de se vestir, depois de ter tomado um banho. Tinha dormido algumas horas e recuperara as energias. Sentia-se disposta e cheia de amor e correu para abrir a porta para Mischa.

Assustou-se tanto ao deparar com o homem loiro e bonitão que por instantes ficou parada, sem saber o que fazer, como se não o tivesse reconhecido.

— Oi, Lucy! — disse ele, sorridente, com seu sotaque nortista.

— John!

— Por que está tão admirada assim de me ver?

— Bem... eu, hum... Ué, mas você não estava em férias?

John encolheu os ombros.

— É, mas perdi a vontade de viajar e para Richard era melhor que eu não tirasse férias agora. Como você está, Lucy? — Ele ainda estava parado no degrau de entrada.

Lucy estava desolada e aflita, sem saber o que fazer. Logo John tinha que ter vindo! Ele, que reconheceria Mischa se o visse abrir a

porta do chalé ao lado! Ela se afastou da passagem e convidou-o a entrar.

— Bem confortável isto aqui — comentou ele, olhando em redor.

— Eu estou hospedado numa pensão que não é das melhores. Quero ver quando chegarem os outros jornalistas... Não vão ter onde ficar.

— Há umas duas pensões muito boas em Trefelin,

— Tudo lotado.

— Mas como?! Com quem?

— Ora, a TV I. a BBC e a CBC já estão aqui, que eu saiba, e deve haver outros...

— Meu Deus! Mas, já?

Lucy ficou agoniada. Devia ter contado a Mischa de manhã, mesmo, logo depois do telefonema; não devia ter esperado! Tinha sido covarde de querer esperar até de noite para contar...

John olhava para ela, surpreso.

— Ué, você ainda não viu sua história publicada? Foi um impacto! — Ele pegou na sacola de equipamento fotográfico um exemplar do *Herald* e colocou sobre a mesa da cozinha.

Então ela viu a manchete na primeira página: "Menino descobre caverna pré-histórica", artigo de Lucy Laedelia Penreith. de Trefelin. Gales.

Com um risinho nervoso, Lucy pegou o jornal, deixou-se cair em uma cadeira e começou a ler:

"Talvez tenha sido descoberta, hoje, uma caverna na costa Sul de Gales, o único documento da arte pré-histórica das ilhas britânicas. Um arqueólogo amador, de doze anos, Rhodri Lewis, foi quem fez a descoberta essa madrugada, após meses de pesquisa..."

— Puxa vida! — exclamou Lucy, estupefata, meio rindo. — Ele vai se transformar num herói!

— Ele já é! Não era isso que você queria?

— Queria chamar a atenção dos arqueólogos, só, mas isto... ah, ele vai adorar!
— Lucy riu. — Vai ficar sem ir à escola pelo menos uma semana, dando entrevistas! Ele é ótimo, inteligente e cativante. Vão adorá-lo!

— Por que você não mandou uma foto do garoto, para ser publicada junto?

— É que nós só o encontramos hoje de manhã.

— Ah, é? Mas, então, como... — John interrompeu-se, mudando de idéia. — Não é melhor irmos tirar logo as fotos lá na caverna?

Lucy dobrou o jornal e ergueu-se.

— É melhor, sim. Dê-me um minuto para trocar de roupa.

Ela foi para o quarto levando o jornal e, depois de ter se trocado rapidamente, escreveu às pressas, acima da manchete: "Mischa... cidade cheia de jornalistas esta noite. Tenha cuidado. Amor. L".

Quando saíram. Lucy deu uma corrida até o chalé e largou o jornal a porta.

— Para que isso? — perguntou John, quando ela voltou para seu lado.

— Meu vizinho é escritor e estava ajudando a procurar Rhodri. Nós dois é que encontramos o menino... Achei que ele se interessaria em ler a publicação no jornal, só isso.

O que é mentira, pensou Lucy. Interessado, certamente Mischa estaria, mas, ao mesmo tempo, ele poderia achar ruim de ela não lhe ter dito antes que a cidade iria ficar cheia de repórteres por ter divulgado a notícia.

— Tem alguém tomando conta do lugar? — perguntou John, enquanto caminhavam pela praia, ao sol poente.

— Tinha um homem do museu. Se ele estiver lá agora, não vamos poder tirar fotos...

— Vamos tirar de qualquer jeito, mesmo que tenha um batalhão de arqueólogos acampados lá! Esse local não é propriedade particular e todos têm direito a livre acesso, enquanto não conseguirem permissão para fechá-lo. E isso é coisa demorada.

— Batalhão não vai ter, só Roger Smith deve estar lá.

Mas, quando chegaram à caverna, não havia o menor sinal dele. Depois de se certificarem de que não havia ninguém à vista, Lucy e John entraram na caverna. Lá dentro, ele deu uma olhada geral.

— Tem certeza de que é esta aqui, mesmo, Lucy?

— Tenho. Para se chegar à parte onde estão as pinturas, é preciso passar por ali.

John olhou com má vontade para a estreita passagem. Ele era bem mais encorpado do que Mischa.

— Ah, não vai dar. Só se a agente alargar o buraco.

— Não podemos fazer isso. Não podemos mexer em nada... arrume a máquina para mim que eu vou lá tirar as fotos.

Ele não contestou e começou a arrumar as lentes da máquina. Ao ficar pronta, explicou a Lucy como funcionava. Ela pegou a lanterna e passou pelo túnel. Quando chegou do outro lado, pediu que John lhe passasse o equipamento.

Focalizou o melhor que pôde e tirou umas vinte fotos de vários ângulos diferentes, abrangendo o máximo possível do mural. Em seguida, voltou para o túnel e passou primeiro o equipamento fotográfico.

John tirou ainda umas fotos da parte da caverna em que estavam e afinal declarou-se satisfeito.

— Será que posso agora tirar umas fotos do menino prodígio? — perguntou ele, trocando o filme da máquina.

— Nossa! É melhor irmos logo, antes que ele vá dormir.

— Duvido que consiga dormir antes de meia-noite hoje. Afinal, ele é a notícia do momento, lembra?

Rhodri estava adorando aquela fama súbita. Na pequena e acolhedora casa em que moravam Mairi e o marido, Brigit e Rhodri, ele havia se tornado de repente o rei.

Estava sentado no meio da sala, cercado por jornalistas e câmaras de televisão, que lhe faziam perguntas, tomavam notas e ouviam-no com respeito. Os outros membros da família estavam num canto da sala. Mairi e o marido Alun, Brigit e o noivo Bran. Vários vizinhos tinham ido espiar. Rhodri estava com o rosto corado e os olhos brilhantes.

— Eu não encontrei por acaso as pinturas — explicava ele, com clareza e paciência, a um entrevistador. — Eu estava procurando esse tipo de caverna há muito tempo, e sabia que havia possibilidade de encontrar. Não estava procurando uma ovelha desgarrada do rebanho ou fazendo um piquenique. Por favor, explique bem isso.

— Pode ficar tranqüilo — disse o homem, rindo, e todos na sala riram também.

John ajustou as lentes e preparou-se para fotografar, procurando o melhor ângulo.

— Menino inteligente! — comentou ele, sucinto.

— Tire fotos dele com a imprensa, John — disse Lucy, antes de ir sentar-se ao lado de Brigit.

— Orgulhosa? — perguntou Lucy baixinho.

— Nós estamos muito gratos a você e a Mischa — disse Brigit, apertando de leve sua mão. — Se não fosse por vocês, nós nunca o teríamos encontrado...

— Meus dois amigos é que me encontraram — disse Rhodri, com voz clara.

Lucy captou essas palavras e gelou de pavor. Lembrou-se, de repente, de que não tinha avisado Rhodri para não mencionar o nome de Mischa diante dos repórteres!

Como se tivesse lido seu pensamento, Brigit inclinou-se para frente e falou;

— Eu o avisei para não falar em Mischa, não se preocupe. Lucy olhou para ela, admirada e agradecida. Brigit havia identificado Mischa, mas não contara nada a ninguém e, apesar da agitação do dia, lembrara-se de proteger a privacidade dele... Rhodri continuava falando.

— Eles sabiam que eu estava examinando várias cavernas e quando eu não voltei para

casa eles foram me procurar e me encontraram.

— São amigos da escola? — perguntou um repórter.

— Não — respondeu Rhodri, com um sorriso largo. — Eles são adultos e eu acho que vão se casar...

O carro parou diante do portão branco e Lucy desceu depressa, antes que John tivesse tido tempo de abrir a porta para ela.

— Não desça, John, não quero mais falar sobre isso.

Ela foi andando sem olhar para trás, mas ouviu o barulho da porta do carro e entendeu que John a estava seguindo.

— Eu quero esclarecer isso de uma vez, Lucy.

Percebendo que ele a seguiria até o chalé, Lucy parou e o encarou.

— Não tem nada para esclarecer, John! Já lhe disse que é fantasia de Rhodri. O que mais posso dizer?

— Pode dizer que volta para Londres comigo, se é mentira o que o menino falou.

— Pois eu não vou voltar para Londres com você, John. — Ela estava ficando com

raiva. — Estou esperando a ocasião certa para escrever meu artigo e não vou sair daqui enquanto não fizer isso. Além do mais, Rhodri...

— Ora, pare com isso, Lucy! Seu artigo já saiu no jornal de hoje, não lembra mais? É por isso que estou aqui. Não era essa a história que você estava esperando confirmar?

Fez-se silêncio entre eles. Teria sido bom se Lucy o deixasse pensar que era essa a história, mas era tarde demais...

— Não, essa história surgiu por acaso. Há uma outra...

— Lucy — disse ele, em tom de súplica —, por favor, não minta para mim. Eu amo você... Diga-me a verdade, eu mereço.

— Não posso lhe dizer toda a verdade, John...

— Então me diga apenas isso: você me ama?

— Não, John, eu não amo você. Eu...

De repente, num gesto brusco, ele a segurou pelos ombros.

— Mas você me amaria se não fosse por ele! Esse cara, aí, sei lá quem é!

John puxou-a para si e, enquanto ela se debatia para se desvencilhar, beijou-a com

paixão atormentada. Ela parou de se debater e ficou impassível, rígida, até que ele a largasse.

— Depois disso, não precisa continuar dizendo que é o trabalho que está nos separando — disse John, bravo. — Não há reportagem que mereça um sacrifício desses!

Ele se virou e foi para o carro.

Cansada e abalada, Lucy continuou indo para o chalé e, quando viu Mischa abrir a porta, à sua espera, correu para ele, desesperada, carente. Atirou-se nos braços dele, apertando-o com força.

— Abrace-me... abraça-me...

E Mischa a envolveu nos braços, aquecendo-a, protegendo-a, mas, por sobre a cabeça dela disse, com incrível frieza:

— É claro. Uma mulher que se sacrificou tanto assim, merece um pouco de conforto.

CAPÍTULO XI

— O que você quer dizer com isso? — disse Lucy, afastando-se, com espanto.

Mischa não procurou retê-la em seus braços. Estava com o olhar distante, uma

expressão de censura, e ela se sentiu rejeitada, como se ele fosse bater a porta em sua cara. Entrou depressa na cozinha.

— Mas o que é isso? Por que está falando assim?

— Você se esqueceu de que eu gosto de caminhar por aí, à noite, e que neste silêncio é fácil escutar de longe?

— Mas de que você está falando, Mischa? Por acaso quer dizer que escutou minha conversa com John? Mas... — Ela se interrompeu, ao perceber um movimento na janela. — O que foi isso? Tem alguém...

— Não vi nada. Não adianta querer desviar minha atenção.

— Vamos para a sala. Lá as cortinas estão fechadas, Mischa.

— Não acha que já representou bastante ontem à noite? Pare de fingir!

— Mischa! — disse ela, em tom de súplica, sentindo um calafrio de medo. — O que está acontecendo? Não me olhe desse jeito...

Ela fez menção de abraçá-lo, esperando com isso dissipar aquela frieza.

— Não toque em mim, por favor, a não ser que esteja querendo se submeter de novo ao sacrifício de ontem à noite!

Lucy arregalou os olhos, entendendo afinal a que ele estava se referindo. Sentiu um frio na boca do estômago, ao pensar no que ele estava imaginando. Correu para ele e passou os braços por seu pescoço.

— Não sei o que você ouviu da minha conversa, mas acho que entendeu errado!

Ela queria que Mischa a abraçasse, que tocasse nela daquele jeito carinhoso e acabasse aquele pesadelo. No olhar dele, entretanto, parecia arder uma chama, e, quando a segurou pela cintura, não foi carinhosamente.

— Ou será que você se sentiu lesada ontem à noite? Eu estava tão desesperado e afoito que não devo ter lhe dado o prazer que você merecia. Desculpe, sei que agi mal, mas esta noite vai ser diferente... não vou estar tão desesperado.

Lucy não gostou do modo como ele a estava segurando, nem da raiva que viu no olhar dele. Tentou se afastar, mas ele a apertou.

— Mischa!... — suplicou ela.

Mas ele não deu ouvidos. Inclinou-se e beijou-a na boca, entreabrindo-lhe os lábios, com fúria. Apesar de assustada, Lucy não pôde deixar de corresponder, e ele a apertou contra

o peito, com força, fazendo-a sentir seu corpo quente vibrando de desejo. Daí ela não pensou em mais nada. Abandonou-se à paixão, beijando-o com ardor e acariciando-o.

Percebeu vagamente quando ele a ergueu nos braços e levou-a para quarto. Deitou-se com ela na cama, depois estendeu o braço e acendeu a luz do abajur. Devagarinho, foi abrindo a blusa de seda, até descobrir os seios alvos e redondos para receber suas caricias. Nesse momento, seus olhares se encontraram e ela percebeu nos olhos dele aquele mesmo brilho de raiva e rancor que vira pouco antes.

— Mischa... — disse ela, sentindo falta do olhar carinhoso e cheio de amor — você me ama?

— Eu te amo, sim, embora você minta para mim...

— Mentir para você?! — Lucy espantou-se. — Mas, Mischa. eu te amo...

— Não fale mais, é melhor assim...

Ele a beijou de novo e, nesse momento, não precisaram de palavras para se entenderem. Suas mãos acariciavam de leve os seios dela e, quando seus beijos foram descendo, devagar, pelo pescoço, e chegaram

ao bico dos seios, ela estava maluca de desejo, gemendo baixinho.

Entre beijos e caricias, ele lhe tirou a blusa e o jeans, depois tirou suas roupas também e, quando seus corpos nus e quentes se encontraram, ela sentiu que não podia haver nada mais completo e delicioso do que o contato da pele dele.

— Eu te amo... — disse ela, olhando-o nos olhos e vendo neles um brilho de mágoa.

— Fique quietinha — disse ele, tapando sua boca com um beijo.

— Eu te amo... — repetiu ela, com os lábios encostados ao dele, preocupada com a mágoa que sentira nele. — Eu te amo, te amo...

— Fique quietinha! — repetiu ele.

Mas Lucy já não conseguia falar mais nada. O corpo dele sobre o seu, em movimentos ritmados e sensuais, estava conduzindo-a numa viagem fantástica de êxtase e deleite. Arrebatada naquela cadência, ela sentiu chegar de repente um prazer que jamais imaginara existir, e tão forte que arrancou dela um gemido de que nem se julgava capaz.

Não tinha sentido isso na véspera. Olhou bem dentro dos olhos de Mischa, entre surpresa e maravilhada, prolongando seu prazer, e só então, feliz e triunfante, ele se deixou levar, acompanhando-a naquela torrente de sentimentos e emoções.

— Lucy... Lucy, meu amor...

Ela apertava os ombros dele, afundando os dedos na carne, gemia e chamava-o pelo nome.

Quando passou o momento culminante, eles não se separaram; continuaram abraçados, sentindo chegar a calma a seus corpos cansados e suados.

Mischa afastou os cabelos dela do rosto e beijou-lhe os olhos.

— Estou começando a viver... depois de oito anos — disse ele.

Lucy sabia que o mundo havia mudado para eles, que o amor os via transformado.

— Eu amo você, não canso de repetir isso! Estou começando a viver depois de vinte e cinco anos... e não sei como pude ficar sem você esse tempo todo. Não vou mais saber viver sem você, Mischa, meu amor...

Ela afagou-lhe o rosto e os cabelos e ele segurou-lhe a mão, beijando-lhe a palma, como havia feito há oito anos.

— Lembrar de você foi o que me manteve vivo nestes oito anos, mesmo sem saber se eu iria encontrá-la de novo, eu gostava de pensar que precisava sobreviver para voltar para você.

Ela o beijou e ficaram abraçados, sentindo que nada os podia parar.

— Por que você estava bravo comigo? — disse ela, de mansinho, pouco depois.

— Aquele cara falou que amava você, beijou-a e depois disse que você estava fazendo muito sacrifício para publicar sua reportagem...

— Mischa fez uma pausa, beijou-lhe de novo a palma da mão. — Daí eu achei que você tinha mentido que me amava só para conseguir a reportagem.

— Não, não é nada disso!

— Eu sei, vi a verdade em seus olhos agora há pouco... desculpe-me.

— John é fotógrafo do *Herald*. Nós estávamos saindo juntos, mas quando você apareceu...

— Não me diga que eu quase perdi você! Ah, meu amor... se isso tivesse acontecido...

E ele a abraçou com força.

De manhã cedo, foram acordados por alguém batendo à porta, ainda atordoada de sono, Lucy sentiu Mischa sair da cama.

— Deve ser Roger, o arqueólogo amigo de Rhodri — disse ela, com voz sonolenta. — Aposto que veio filar o café da manhã.

— Vou dizer a ele que não temos nada em casa, hoje — disse Mischa, sorrindo e amarrando o roupão. Depois inclinou-se e beijou-a, antes de sair do quarto. — Não vá embora, hein?

— Claro que não! — concordou ela, sem abrir os olhos.

A conversa se prolongou por muito tempo e Lucy começou a se inquietar. Tentou identificar a outra voz, mas não conseguiu reconhecê-la. Alarmada, sentou-se na cama e procurou a roupa.

Vestiu-se depressa e estava abotoando a blusa quando Mischa voltou para o quarto. Ela olhou para ele, mas seu sorriso esmoreceu ao deparar com a expressão dele.

Mischa estava parado na porta, o rosto pálido, o olhar sombrio e sinistro, fitando-a como se fosse uma estranha.

— Mischa! O que aconteceu? Quem era? — Correu para ele, mas parou antes de tocá-lo,

sentindo uma barreira entre eles. Arregalou os olhos, horrorizada. — Quem era, Mischa?

— Era Duncan Foster, do *Times* — disse ele, com voz fria, sem emoção. — Parece que você representa melhor do que eu pensava! É ótima atriz!

— O quê?!

— Se soubesse que você iria chegar a esse ponto, eu teria lhe dado a entrevista exclusiva há duas semanas e nós dois teríamos nos poupado de tudo isso!

Lucy achou que ia enlouquecer.

— Pelo amor de Deus, de que você está falando, Mischa? Eu mal conheço Duncan Foster e...

— Talvez você não o conheça, mas ele a conhece. E ele sabe que saiu uma reportagem com fotos sobre Mikhail Busnetsky na edição matutina do *London Evening Herald*.

Lucy olhou para ele, desolada e perplexa.

— No *Herald*? Com você? — repetiu ela, incrédula.

Mischa sorriu com frieza e não disse nada.

— Mas, não pode ser verdade! Ainda não são dez horas... o *Herald* acabou de sair... não daria tempo...

Lucy pensou rápido: daria tempo para o editor de Duncan ler o jornal, telefonar para Duncan em Trefelin e este último ir até o chalé... E só havia um modo de essa história ter sido publicada no *Herald*.

— John! — concluiu ela, em voz alta. — Ele deve ter adivinhado, ou deve ter conseguido fazer Rhodri contar... mas, você falou em fotos?

— Eu disse a Duncan Foster que darei uma entrevista coletiva para a imprensa, às duas horas. Talvez você queira ir...

Lucy continuou imóvel onde estava.

— Eu não dei essa história a John! — disse ela, com veemência — Você tem que parar de desconfiar de mim toda vez que acontece algo errado! Você tem que confiar em mim... ou será que não sabe mais o que significa essa palavra?

Ela se lembrou do que Mischa dissera sobre a traição ser pior do que a morte e imaginou quantas vezes, naquelas prisões sombrias ele devia ter sido traído.

— Eu sei muito bem o que significa a palavra.

— Então, se você me ama, precisa confiar em mim. Mischa, senão não é amor!

O olhar dele deixou-a aterrorizada: ele devia ter olhado assim para algum companheiro de ala, depois de descobrir que era informante da K.GB. Lucy começou a sentir-se mal, como se estivesse ferida. Desviou o olhar e perguntou, sem encará-lo:

— Você me ama, Mischa?

— Não.

— Então, por que mentiu para mim?

— Eu não menti... achei que a amava. Você foi minha primeira mulher de verdade...

— E agora percebeu que estava enganado?

Não houve resposta.

— Eu amo você, Mischa. Amo mais do que minha própria vida! Nunca amei ninguém antes de você! Como pode achar que eu roubaria seu sossego por uma reportagem que apenas faria vender mais alguns exemplares de um jornal. Como pôde acreditar numa coisa dessas?

Alguém bateu na porta, fazendo-a sobressaltar-se. Mischa virou-se calmamente e foi abrir. Depois de ele ter conversado com outros jornalistas e ter fechado a porta de novo, ela foi ao seu encontro, na cozinha.

— Abrace-me, Mischa, por favor... Se me abraçar, você vai saber a verdade, você...

Ele riu, com amargura.

— Se eu abraçar você, tenho certeza de que conseguirá me convencer de qualquer coisa! Até de que eu posso respirar debaixo d'água!

— Você me ama, eu sei...

Mischa olhou-a sem emoção, sem se deixar impressionar pelas palavras, e ela sentiu que havia uma barreira intransponível entre eles.

— Você quer acreditar nessa história absurda! — acusou ela, sentindo lágrimas deslizarem por seu rosto. — Você não quer saber a verdade, prefere acreditar numa mentira. Por quê? Por que, Mischa?

— Instinto de autopreservação.

— Instinto de autopreservação?! Mas, comigo?!

— É isso mesmo.

Ao ver que ele a olhava como inimiga, sentiu uma pontada no peito.

— Mas, você não pode querer se preservar do amor! Não posso entender isso! Eu amo você. O que pode ser mais importante do que isso?

Mas Mischa havia se tornado inacessível, distante dela. Quando a olhou, foi como se não a conhecesse.

— Mischa! Eu não disse nada a John. Eu não escrevi aquela reportagem, ele deve ter...

— Lucy se interrompeu, lembrando-se de algo.

— Ontem à noite, naquela hora em que eu vi um vulto na janela... devia ser John, tirando fotos! Lembra? Ele deve ter reconhecido você; ele estava no aeroporto na sua chegada...

Mischa sorria, com cinismo.

— Não se lembra de ontem à noite? — repetiu ela.

— Pode ter sido combinado.

— Não!

Ela estava furiosa, com vontade até de xingá-lo por duvidar assim de seu amor, de seu caráter. Agora a situação chegava a um ponto irreversível. Não tinha como convencê-lo.

Mischa fez menção de ir abrir a porta, mas ela correu e encostou-se no trinco, de frente para ele.

— Não me mande embora! — suplicou, alucinada, chorando. Agarrou o braço dele com força. — Se você me mandar embora, eu morro. Mischa, não posso viver sem você!...

Nunca se imaginou capaz de dizer isso a um homem, de se humilhar assim. E, no entanto, lá estava ela, suplicando amor.

Por instantes, os olhos dele brilharam, e ela chegou a pensar que tinha vencido a barreira, mas logo o olhar mudou de novo, afastou-a da frente da porta.

— Você vai sobreviver, sim. Você é forte! — disse-lhe ele, abrindo a porta.

E não havia mais nada a fazer, senão cruzar aquele umbral e sair da vida dele.

CAPÍTULO XII

— Harry — disse Lucy, quase sem fôlego, ao telefone. — Você publicou um artigo sobre Mischa Busnetsky hoje de manhã?

— É claro que sim, minha querida! Muito bom trabalho, por sinal. Estou vendo que você não perdeu a oportunidade!

Lucy ficou completamente confusa. Ele estava falando como se ela tivesse escrito a reportagem!

— O que exatamente você publicou, Harry?

— Só um comentário sobre a exclusividade da reportagem e uma foto tirada por John.

O coração de Lucy quase parou.

— Exclusividade da reportagem?!

— Mas é claro, minha querida; vamos deixar a cidade de boca aberta. Estou publicando hoje a primeira parte da sua excelente reportagem sobre Busnetsky. — Ele estava amável, mas um tanto impaciente. — O que mais você quer saber?

Ela não podia acreditar no que acabara de ouvir.

— Harry! — disse ela, depois de alguns instantes em silêncio. — Como o texto chegou até você?

— Ora, minha querida, estava com medo de que John falhasse? Ele me entregou direitinho o seu pacote, hoje bem cedo. Bem, se não tem mais nada.

Lucy despediu-se e desligou o telefone, sentindo o coração bater como se fosse sair pela boca. Será que John fizera mesmo o que ela estava pensando?

Bateu a porta da casa e trancou-a, depois saiu correndo até seu chalé, cuja porta ela nunca trancava, e entrou como um furacão, só parou quando chegou à escrivaninha onde estava sua máquina e escrever.

A pasta que continha a série de artigos sobre Mischa Busnetsky, que ela estava preparando, tinha mesmo sumido.

Richard e Helen Digby chegaram de avião, à uma hora da tarde, aquele dia, e avisaram que a entrevista coletiva seria na casa deles. Quando Lucy chegou lá, pouco antes das duas horas, a sala estava preparada com uma porção de cadeiras diante de uma pequena mesa cheia de microfones. Ela escolheu um lugar bem longe da mesa, no canto da sala, e sentou-se.

Pavel Nikolaivich Snegov, o correspondente da agência de notícias russa Novosti, estava lá, conversando com um outro repórter e, assim que Lucy se instalou, ele se aproximou, sorrindo.

Lucy não gostava de Pavel, nem confiava nele. Tinha quase certeza que ele sabia tudo sobre ela e seu pai e, ao fitar os olhos frios do homem, perguntou-se se ele tinha ido a Trefelin por causa da descoberta da caverna, ou se já estaria lá, vigiando Mischa.

— Então, você passou a perna em todos nós, duas vezes, hein? — disse Pavel, com um vozeirão, sentando-se ao lado de Lucy.

— Passei a perna? Acho que não devia dizer isso.

— Como não, minha cara Lucy! Descobrir esse homem taciturno quando toda a imprensa da Inglaterra não conseguiu achá-lo e, ainda por cima, ter conseguido uma entrevista exclusiva?! Se isso não é passar a perna, então o que é?

Lucy olhou-o, pensativa, querendo descobrir qual seria a jogada dele.

— Bem, é certo que eu passei à frente dos outros, mas não vai querer me dizer que nem você sabia onde Mischa estava!

Se fosse verdade, então Mischa tinha conseguido escapar à vigilância do serviço secreto de espionagem e o artigo no jornal dessa manhã havia posto um fim nisso que ele tentara tão desesperadamente evitar, pelo menos até que ficasse um pouco mais forte.

Estava absorta em seus pensamentos caóticos quando percebeu que se fizera silêncio na sala e que Richard estava cumprimentando os jornalistas.

— Busnetsky ainda não está totalmente recuperado e se cansa com muita facilidade — disse Richard. — Por isso eu aviso que ele vai responder às perguntas dos senhores durante

meia hora, e nem mais um minuto. Depois disso, eu estarei à disposição para o que quiserem saber.

Ouviu-se um ruído de passos e Mischa surgiu à porta da sala. Como que atraída por uma força poderosa e irresistível, Lucy olhou para ele. Ele devolveu o olhar por alguns instantes, depois fixou-o no homem ao lado dela e, quando voltou a olhar para Lucy, foi com repúdio e frieza. Com um ríctus de tensão nos cantos da boca, ele se virou e sentou-se à mesa, diante dos microfones, tendo antes pendurado seu paletó no encosto da cadeira.

— Com exceção de um ou de outro — disse Mischa, com voz cansada — eu não conheço os senhores. — Olhou furtivamente para o canto onde estava Lucy e Pavel. — Portanto, peço que me desculpem por não tratá-los por seus nomes. O único que conheço pelo nome é o Sr. Foster e espero que ele me inicie com suavidade neste costume ocidental de entrevista coletiva.

Mischa sorriu e todos riram com simpatia e surpresa, pois muitos esperavam que ele fosse arredo e lacônico.

As perguntas variavam, indo desde as condições de vida em seu país natal, até seus

planos no país que escolhera para viver. Mischa ia respondendo abertamente, com simplicidade, presença de espírito e senso de humor, fazendo os entrevistadores rir várias vezes, mas sem deixar de mostrar sua ira, quando necessário.

— Sr. Busnetsky, quantos presos políticos calcula que existem na União Soviética? — perguntou uma mulher morena, na primeira fila, quase ao fim da meia hora.

— Não preciso calcular; posso lhe dar um número exato: duzentos e sessenta milhões.

Houve uma pequena pausa, depois Pavel ergueu a mão, com displicência.

— Snegov, da Novosti — apresentou-se ele. — Quando...

Mischa fez um gesto interrompendo.

— Sinto muito, mas já respondi a todas as perguntas que devia ao governo russo. Não vou responder a mais nenhuma.

Houve uma certa agitação no ambiente, mas Mischa não se perturbou; calmamente, desviou o olhar para outro jornalista.

— O cavalheiro ali na segunda fila, deseja fazer uma pergunta?

Pavel Snegov sentou-se de novo, fingindo calma.

— Gerald Harding, do *Reuters* — disse um jovem loiro, parecido com John. — Quanto tempo vai ficar aqui em Gales e para onde planeja ir depois?

— Devo viajar para os Estados Unidos, dentro de uma semana — respondeu Mischa, fazendo Lucy empertigar-se, num sobressalto.

— Primeiro ficarei numa clínica para um tratamento de saúde; depois, já tenho um convite para fazer uma série de conferências.

Ele se apoiou no encosto da cadeira e Lucy percebeu que estava exausto, mais do que ficara depois de passar a noite procurando Rhodri. Em seguida, sorriu e fez menção de erguer-se, encerrando a entrevista.

Pouco antes de irromperem os aplausos, uma voz de mulher se elevou.

— Uma última pergunta, Sr. Busnetsky... — disse Lucy, quase sem perceber. — Um compatriota seu, um outro dissidente, disse que, para se manter vivo na prisão, era preciso acalentar um sonho. Qual foi o sonho que manteve o senhor vivo, se é que teve um?

Ela precisava fazer isso, tinha que fazê-lo lembrar-se do que havia entre eles, das coisas bonitas que ele lhe havia dito.

— Eu tive um sonho, sim... — disse ele, com certa rispidez. — Mas a mulher cuja lembrança me manteve vivo está morta agora.

— Morta?! — disse ela, incrédula.

— Morta para mim.

Com uma ligeira inclinação de cabeça, deu por encerrada a conversa e saiu da sala, sob os aplausos calorosos dos jornalistas. Lucy bateu palmas automaticamente, como um robô. Por dentro, era como se tivesse deixado de existir.

— Mas como é que foi acontecer isso?!

Helen e Lucy estavam sentadas à mesa da cozinha, na Tymawr House. Lucy olhava, desolada, para o exemplar do *Herald*, onde aparecia uma foto recente de Mischa, sob a manchete: "Busnetsky Exclusivo". A notícia principal, entretanto, era sobre a caverna pré-histórica.

"O intelectual soviético dissidente Mikhail Busnetsky, recentemente posto em liberdade em troca de um espião russo, falou à repórter do *Herald*, Lucy Laedelia Penreith, sobre o movimento dissidente na Rússia, a vida nos campos de trabalhos forçados, suas primeiras impressões do Ocidente e seus planos para o futuro. Uma interessante série de reportagens

exclusivas que começarão a ser publicadas a partir de amanhã..."

— Não sei como isso aconteceu — disse Lucy a Helen. — Mas posso imaginar. John deve ter entrado em meu chalé ontem à noite e levado minhas anotações. Não há outra explicação!

— E como seu editor pôde publicar a matéria sem falar com você primeiro?

— É difícil telefonar para mim, aqui; e, depois, John entregou os artigos dizendo que eu os mandara. — Ela se ergueu, desconsolada. — Preciso falar com Harry de novo, Helen! Posso usar o telefone?

— Alô, Harry! — disse ela, dez minutos mais tarde, quando conseguiu fazer a ligação. — Escute aqui: John roubou da minha casa os textos que lhe entregou, tirou da minha escrivaninha sem meu consentimento. Você não pode publicar esses artigos, Harry! Pelo menos por enquanto. Eu prometi a Busnetsky deixá-lo ler antes da publicação, e ele não leu ainda! Eu prometi também não publicar nem divulgar o paradeiro dele até que ele se sentisse preparado para enfrentar a imprensa... Isso foi imperdoável!

Houve uma pausa em que ela ouviu apenas o estalido do isqueiro de Harry.

— John tirou fotos de Busnetsky... junto com você...

— E tirou também sem permissão, pela janela da cozinha, isso depois de eu ter dito a ele que ainda não era hora de publicar a história!

— Você já deve ter percebido, minha querida, que, se tivesse me contado o que estava fazendo, desde o início, isso não teria acontecido. Mas, agora é tarde! Você ficou com cópias desses textos que John me deu?

— Fiquei. Ele me deixou as cópias.

— Pois então, submeta à apreciação de Busnetsky o quanto antes, para que ele dê a aprovação.

Lucy respirou fundo

— Ele está muito bravo comigo, Harry. Pode ser que não deixe publicar nada!

— Ele não vai fazer isso. Afinal, ele lhe deu a entrevista! Diga-lhe para ser sensato e reconhecer que não foi culpa de ninguém. Essas coisas acontecem. Entre em contato comigo assim que puder.

Por direito, os artigos pertenciam a Lucy e, se ela quisesse brigar feio, poderia recusar-se a

permitir a publicação. Mas isso deixaria Harry furioso, abalaria o prestígio do *Herald* e sua reputação profissional. E afinal, o mais importante, que era o segredo do esconderijo, já havia sido revelado. O mundo todo sabia onde ele estava, agora. O pior já estava feito; portanto, de que adiantava impedir a publicação das entrevistas?

— Preciso conversar com você — disse ela a Mischa, que estava na cozinha de seu chalé.

Ele a olhou com frieza, como se fossem estranhos.

— Acho que não temos nada para conversar.

— Helen me disse que você leu o *Herald* hoje de manhã, antes da entrevista coletiva. — Lucy mostrou umas folhas datilografadas. — Isto são cópias dos artigos que Harry quer publicar a partir de amanhã. Eu disse a ele que submeteria à sua apreciação, antes. Leia e risque o que não quer que seja publicado... mas precisa fazer isso agora, Mischa.

— Como não quero ver nada publicado, não vou perder meu tempo — disse ele, e voltou ao que estava fazendo.

— Você me prometeu uma reportagem exclusiva. Mischa — disse Lucy, desesperada.

— Eu esbocei esses artigos... eu ia mostrá-los a você, para ver se os aprovava. Não tinha a menor intenção de entregá-los a Harry, Mischa! — gritou ela, pois ele continuava a escrever, ignorando-a totalmente. Ele ergueu a cabeça devagar e encarou-a. — John roubou isso da minha escrivadinha ontem à noite, e agora não posso fazer mais nada para remediar a situação! Mas, por favor, leia isso agora e veja se não tem nada que *não* deva ser publicado.

Ela largou as folhas na mesa, diante dele, mas Mischa não as pegou e nem sequer olhou para elas.

— Eu já disse uma vez que não estou disposto a negociar minha liberdade, que você vai ter de roubá-la de mim, se quiser. Aliás, parece que você já fez isso. Portanto, publique o que quiser, não me envolva nessa farsa querendo que eu dê minha aprovação.

— Mischa, eu posso impedi-los de continuar! Vai me custar caro, mas posso fazer isso. Mas você não leu os artigos, nem sabe o que está escrito aí! Não me faça brigar por nada, Mischa. Se depois de ler você achar que o que escrevi aí não deve ser publicado, então eu parto para a briga e vou impedi-los. Mas,

por favor, não me faça pagar um preço tão alto, sem ao menos saber por quê! Por favor, Mischa, leia os artigos!

Ele olhou para ela, sem emoção.

— Mas o que será que eu preciso dizer para convencê-la do meu direito à privacidade? Você quer que eu leia e diga que tal frase pode ser perigosa para tal e tal causa, ou que este ou aquele parágrafo põe em perigo a vida de tal pessoa... mas acontece que não lhe dei essas informações em momento algum! Só coloquei em suas mãos a liberdade de uma única pessoa: a minha. E eu lhe digo que não negocio isso. As pessoas sempre pagam por seus atos e eu estou pagando pelos meus, agora. Vá em frente, publique seus artigos. Você trabalhou bem e com afinho para consegui-los!

— Eu amo você, Mischa. Será que não acredita nisso?

— Sem dúvida, dentro de seus limites, você deve me amar. Mas, será que não entende que estou cansado de sentimentos limitados, principalmente de lealdade limitada?

— Não há limite para o amor que sinto por você — disse ela, apesar de saber que seria inútil. — Eu seria capaz de morrer por você,

Mischa! Eu o amo mais do que a minha própria vida.

— Não acho.

Lucy empertigou-se diante dele.

— Você está falando comigo como se eu não passasse de uma repórter que você mal conhece! Está me pedindo muito e não está dando nada. Por que não fala comigo como o homem que eu amo e... que me ama? Se me falasse assim e se pedisse, eu os impediria de publicar os artigos!

Lucy parou de falar e Mischa ficou olhando para ela sem dizer nada.

— Mischa! — implorou ela. — Será que você não vê? O que está me pedindo, em nome do amor, é demais! Eu não posso jogar fora minha reputação profissional e o respeito que conquistei a duras penas no *Herald*, para ficar num vazio total, sem que você nem ao menos fale comigo... — Parou de falar, tentando conter as lágrimas.

O olhar dele continuava sombrio, com uma expressão que ela não conseguia entender.

— Adeus, Lucy — disse ele, apenas.

Pegou o lápis e continuou a trabalhar. Depois de alguns instantes, Lucy encaminhou-se para a porta.

— Se vai continuar por aqui — disse ele, antes que ela saísse —, quero avisá-la de que este chalé é propriedade minha e não quero mais que venha aqui.

Um frio gelou-lhe a alma. Com a mão já no trinco, ela se virou e encarou-o pela primeira vez com altivez e frieza.

— Não tenho o menor interesse em manter contato com um vizinho mal-educado e grosseiro.

Quinta-feira de manhã, depois de uma noite mal dormida, Lucy levantou-se e percebeu que estava chovendo e tinha esfriado. Era o primeiro dia sem sol, desde que chegara a Gales.

Caminhou por mais de uma hora ao longo do penhasco que beirava o mar, sentindo a garoa fria molhar seu rosto. Andou até deparar com Aberdraig, uma pequena cidadezinha aninhada no vale, logo abaixo de onde ela estava.

Sentou-se na cerca de uma fazenda e ficou olhando para o penhasco do outro lado do vale, imaginando se por acaso ali também havia cavernas. Será que Rhodri já estivera por lá?

Talvez ele pretendesse ir com ela e Mischa, achando que ainda teriam muito tempo juntos. Só agora Lucy se dava conta de que ela também achara isso, como se fosse a coisa mais natural, e um ponto pacífico, o fato de que ela e Mischa ficariam juntos para sempre. Não importava onde! Lucy riu, com amargura, Teria largado emprego, amigos, tudo, para ficar com o homem que amava.

Tinha esboçado aqueles artigos, apenas como um exercício literário inspirado em seu amor, uma análise do caráter de Mischa tentando entender as perseguições que sofrera e as provações por que passara. Não havia pensado que alguém mais fosse lê-los. Só bem mais tarde tencionava dar para Mischa ler e, se ele concordasse, quem sabe resolvesse publicá-los. Mas, do jeito que estavam, era mais como se constituíssem um diário, com trechos de conversas, comentários e observações, uma coisa íntima, um reflexo de seu amor por ele.

Ele disse que não a amava, mas, antes, havia dito que a amava, e com muito mais firmeza e convicção. Não podia estar mentindo da primeira vez, ela sabia! Mischa a amava, sim, mas estava pensando que ela o traía e

por isso dissera que estava morta para ele. Esse era seu processo de defesa, exercitara-se durante anos, defendendo-se da mágoa que lhe causavam pessoas queridas e companheiros de luta que o tinham traído. Ele devia saber muito bem como se proteger dessa dor. Devia ser um processo tão automático nele que ele já não tinha mais consciência ou controle.

Acontece que ela não o tinha traído. Seu único mal fora não ter trancado a porta e não ter desconfiado de John. Ele, sim, é que traía sua confiança. Ela o julgara amigo e tinha sido enganada.

De repente, Lucy tomou uma resolução. Ergueu-se, decidida, deixando as gotinhas da garoa molharem seu rosto, e sentiu-se mais tranqüila. Faria com que Mischa a escutasse e a entendesse! Não se afastaria dele enquanto não dissesse tudo o que queria!

Pôs-se a caminhar de novo e foi até o centro de Trefelin. Lá comprou um exemplar de cada jornal e alguns mantimentos.

Quando chegou ao seu chalé, estava encharcada. Largou os jornais e o saco de compras na mesa da cozinha e foi direto, para o banheiro, tomar um banho quente. Depois vestiu o roupão de toalha e foi para a sala,

acender a lareira. Instalou-se confortavelmente para ler e ficou alerta aos ruídos lá fora, para saber quando Mischa chegasse em casa. A chuva continuava, cada vez mais forte.

As fotos que ela havia tirado na caverna estavam em todos os jornais e assinadas por John Bentinck. Lucy balançou a cabeça, decepcionada com ele. Que falta de ética profissional! Ele apenas preparara a máquina; quem entrara no túnel estreito e escuro fora ela! Mas, também, isso era o de menos, para quem tivera a coragem de roubar os papéis de sua escrivainha! E pensar que há apenas três semanas ela chegara a achar que poderia amá-lo.

Estava lendo as varias reportagens sobre a entrevista coletiva de Mischa, quando ouviu baterem em sua porta da cozinha. Como se não houvesse mais ninguém no mundo, Lucy imediatamente pensou que era Mischa e correu para, atender, deixando os jornais no chão.

Quando deparou com Rhodri e Roger, molhados da cabeça aos pés, olhando para ela com ar de quem pede desculpas, caiu na risada.

— Meu Deus do céu! O que aconteceu com vocês? Como estão encharcados! Entrem logo.

— Nós vamos molhar seu chão... — disse Roger.

Mas Rhodri já foi entrando, sacudindo a água dos cabelos como um cachorro molhado.

— Não tem importância, é ladrilho — disse ela a Roger.

Ainda hesitante, o jovem arqueólogo entrou, afinal, e Lucy fechou a porta.

— Resolvemos passar pelo leito seco do rio, quando, no meio do caminho, começou a chover forte. Mal dava para andarmos naquelas pedras molhadas!

— O que vocês precisam agora é de um bom banho quente, os dois! — disse Lucy. — Vá você primeiro, Rhodri, enquanto Roger põe mais carvão na lareira e eu vou arranjar umas roupas secas para vocês.

Roger estava meio constrangido, mas, como não tinha outro jeito, tirou a jaqueta encharcada e começou a cuidar da lareira.

No quarto, Lucy tirou o roupão, colocou jeans e pulôver, depois preparou uma calça e uma camisa para Rhodri. Iam ficar grandes para ele, é claro, mas ele precisava vestir algo, enquanto suas roupas secavam. Para Roger,

escolheu o jeans mais velho que tinha e que estava folgado para ela.

Assim, os três almoçaram enquanto as roupas secavam diante da lareira. A chuva continuava forte.

Conversaram sobre a caverna de Rhodri. Roger falava com tanto entusiasmo e conhecimento de causa que Lucy acabou resolvendo gravar o que ele dizia.

— O mais estranho — disse ele — é a pintura do veado, embora os homens do período Magdaleano pintassem animais com freqüência, o que me intriga é o tratamento dado a essa pintura. O artista parece ter dado uma importância especial a esse animal.

— Isso significa que a caverna pode não ser do período Magdaleano?

— É, pode. Mas, outros pontos de comparação mostram que esses desenhos são bastante semelhantes aos descobertos na França, a não ser pelo destaque dado ao veado. Em todo caso, não podemos afirmar nada, enquanto a equipe de químicos não chegar ao local para um exame mais detalhado.

— Diga para ela o que você acha! — disse Rhodri, cheio de animação.

— Bem... — disse Roger, passando a mão pela nuca — é possível que a caverna seja maior do que parece e que haja outros desenhos em maior destaque do que o veado... mas eu ainda estou sozinho lá e não fiz grandes explorações...

Lucy olhou de um para outro por alguns instantes.

— Então você acha que há uma parte da caverna mais rica em pinturas?

— Isso mesmo! — disse Rhodri, eufórico.

— Certo — falou Roger, quase que ao mesmo tempo.

— O que torna a descoberta tão importante que todos os arqueólogos iriam querer trabalhar lá.

— Exatamente! Por sorte, estamos no meio do ano e o museu ainda tem um pouco da verba anual para empregar nesse trabalho. Há uma equipe que deve chegar entre hoje e amanhã, para começar os trabalhos preliminares.

— Posso publicar essas declarações, com uma reportagem no jornal de amanhã?

— Desde que deixe claro que por enquanto são hipóteses — disse Roger.

A chuva continuou no mesmo ritmo a tarde toda e Rhodri começou a se impacientar de não pode ir contar a Mischa as novidades.

— Venha me ajudar a preparar um chá para nós — sugeriu Lucy —, depois você dá um pulo até o chalé dele, para ver se ele já chegou.

— Por que ele não veio aqui? — perguntou Rhodri. — Ele sempre vem almoçar, não vem?

Lucy encheu a chaleira, sem responder. Não queria falar sobre Mischa.

— Rhodri, ainda não deram um nome ao sítio arqueológico descoberto, deram? — Ele fez que não e ela continuou: — Porque estou pensando em dar um nome na reportagem que vou escrever amanhã. Pode ser que pegue, sabe como é... Como acha que devo chamar. Caverna Lewis ou Caverna Rhodri?

Os olhos dele brilharam.

— Caverna Rhodri — disse ele, sem hesitar. — Você pode, mesmo, fazer isso?

— Bem... vamos ver — respondeu ela, e eles sorriram, com cumplicidade.

Lucy não pôde impedir que Rhodri fosse buscar Mischa para tomar chá com eles. Pouco depois, entretanto, ele voltou, dizendo que a

porta do chalé estava trancada e as luzes apagadas.

— Acho que ele ficou preso em algum lugar por causa da chuva — disse o menino —, mas agora está passando; acho que ele vai voltar logo. — Depois virou-se para Roger. — Você vai ter que dormir lá em casa, hoje, não vai dar para dormir na barraca! Deve estar tudo encharcado.

Por volta das quatro e meia, a chuva parou. Roger e Rhodri vestiram as roupas, que já estavam secas, e saíram em direção a Trefelin. Lucy despediu-se deles, depois sentou-se na cozinha, diante da janela, esperando. Mas Mischa não apareceu.

Lucy acordou no meio da noite, com um pesadelo, chorando e chamando Mischa. Agindo por impulso, sem pensar duas vezes, ela saiu correndo no escuro, entrou no chalé de Mischa e enfiou-se na cama dele.

— Abraça-me — pediu ela, tremendo.

Ele, ainda sonolento, envolveu-a nos braços quentes.

— Eu tive um pesadelo horrível... Fique comigo, por favor. Eu quero você... — murmurou ela.

Ele a beijou, no escuro do quarto, acariciando-lhe o rosto.

Com um suspiro de desejo. Lucy correspondeu e aconchegou-se a ele, percebendo, trêmula de paixão, que Mischa estava nu sob as cobertas.

A mão dele deslizou sob a blusa de seu pijama, acariciando-lhe os seios até que ficaram intumescidos. O desejo de ambos foi aumentando com a intensidade dos agrados, e ela, cada vez mais, queria sentir o contato dele em sua pele.

Afinal ele a libertou da blusa do pijama, expondo seu corpo, agora também nu, aos beijos e caricias sensuais que a levaram ao auge da excitação. E foi provocando, agradando-a com paixão contida, despertando respostas até que o desejo se tornou torturante e ela sentiu que, se ele não a possuísse, enlouqueceria.

— Agora, Mischa... me ame — murmurou, apertando os braços dele.

— Está bem... — murmurou ele, rente a seu ouvido. — Lucy, eu vou amar você... mas só quero que me diga uma coisa.

A voz dele era acariciante e cheia de promessas e ela respondeu no mesmo tom.

— O que você quiser, meu amor...

— Qual foi a informação que o camarada Snegov pediu para você conseguir de mim esta noite?

— O quê?! — disse ela, sem entender bem a pergunta ferina, feita naquele tom dócil.

Mischa repetiu devagar, palavra por palavra, enquanto um calafrio percorria-lhe a espinha. E apesar do calor dos braços dele, Lucy ficou gelada.

— Mischa, o que está dizendo? — disse ela, horrorizada, colocando a mão no rosto dele.

— Diga-me — pediu ele, e beijou-a com angústia e avidez. — Diga-me só isso, depois nós nos amaremos. Não vou julgar você, agora, Lucy. Talvez amanhã... Hoje eu quero apenas amar você, como se fosse a última vez...

— Você acha que eu... eu sou uma espiã soviética?! — Ela já estava completamente lúcida. — Mas, por quê? Só porque Pavel Snegov sentou-se ao meu lado, na sua entrevista coletiva?

Todo o seu ardor esfriara por completo e ela começou a se debater, para se desvencilhar dele. Ele não opôs resistência e, enquanto ela se sentava, acendeu a luz do abajur.

Lucy pestanejou com a súbita claridade e ele a encarou, com firmeza, sem a paixão de há pouco.

— Então você sabe que ele é espião!

— Ora, mas quem não sabe disso? O mundo inteiro sabe! — exclamou ela, com certa rispidez. — Se todo mundo que falar com Snegov for considerado também um espião, não se esqueça de que você está incluído!

Lucy tentou fechar a blusa do pijama, mas todos os botões tinham caído; então ela puxou as cobertas, que segurou firme contra o peito.

— Quem leva uma informação ou outra a um espião, não é necessariamente um espião, por isso — disse Mischa, sem se alterar.

— Você se esqueceu de quem sou eu? — gritou ela, exasperada. — Esqueceu quem foi meu pai? Aos doze anos eu já sabia reconhecer um espião e controlar minhas palavras diante de suspeitos! Não é possível que você tenha se esquecido disso! Você só pode ter pensado que eu agi deliberadamente, passando sei lá que informação a Snegov! Que trai você a sangue-frio! — Baixou as pálpebras e virou o rosto. — E você acreditou numa coisa dessas... — Ela balançou a cabeça, desolada, contendo as lágrimas. — Você acreditou, mesmo sem ter

prova nenhuma, nem motivo. Você achou que eu menti quando disse que o amava... que...

Ela se interrompeu e virou-se para ele. Mischa estava estendido a seu lado, apoiado nos cotovelos, contemplando-a sem o menor traço de emoção. O lençol azul caía displicente sobre os quadris dele, mal escondendo a nudez.

Num repente de desespero e angústia, Lucy saiu das cobertas e sentou-se na beirada da cama, de costas para ele, escondendo o rosto nas mãos. No chão, a seus pés, estava a calça do pijama. Lucy inclinou-se para pegá-la e ergueu-se para vesti-la.

As lágrimas rolavam fartas por seu rosto, mas, ao virar-se para ele, ela o fitou, de cabeça erguida.

— Pois vou lhe dizer uma coisa que você não sabe! — falou, com amargura. — Quem matou meu pai foi seu país! Seus compatriotas! Eles o mataram porque queriam seus manuscritos, queriam impedi-lo de publicá-los. Reviraram a casa toda, depois que ele morreu, e levaram o fichário com dados sobre você... mas não conseguiram os manuscritos! Meu pai tinha escondido bem. Tão bem que eu só os encontrei três anos

depois. Encontrei seus preciosos manuscritos e foi então que entendi por que ele tinha sido assassinado! Fiquei olhando para aqueles papéis que lhe custaram a vida e tive que me forçar a aceitar que meu pai achou que os textos valiam esse risco!

Soluções convulsivos sacudiram seu corpo e, quando os controlou um pouco, ela continuou a falar;

— Aceitei o fato e não guardei rancor. Nem mesmo isso me impediu de amar você, e esperei que saísse da prisão para lhe dar o meu amor... mas agora vai ser diferente! Não vou mais amá-lo, porque você não é o homem que meu pai pensou que fosse! A morte dele não representa nada para você! Achou que eu estava dando informações a Pavel Snegov ontem a noite, não é? Pois vou lhe dizer uma coisa que você parece estar esquecendo; Snegov não precisa me perguntar porcarias nenhuma sobre nada! Ele deve saber tudo sobre mim, até a cor de meu esmalte! Se você se esqueceu de quem foi meu pai, ele não esqueceu! Você não merece, mesmo, o meu amor!

Mischa ficou contemplando-a, com olhar triste, o rosto tenso e pálido.

— Eu não sabia...

Mas ela o interrompeu, sem querer ouvi-lo.

— Ah, é... não sabia, coitado! E eu amava você, mais do que a tudo neste mundo! Eu aceitaria tudo de você! Fiquei horas, hoje à tarde esperando você chegar, para lhe dar minha pobre explicação de como estou inocente e fazê-lo entender que não o trai! Eu não o estava condenando por sua atitude, até entendi você e só queria fazê-lo ver a verdade. Achei que se conseguisse isso você ia poder perceber que ainda me amava. — Lucy soluçou e enxugou com a mão o rosto molhado de lágrimas; depois olhou bem para ele. — Mas agora sei que você não é assim. Você não me ama, nunca amou. Nunca. Se me amasse, não teria pensado nem por um momento que eu seria capaz de trair meu pai e a mim mesma, deitando-me na sua cama com intenção de traí-lo. Eu achava que seria capaz de aceitar tudo de você, mas me enganei. Isto é a única coisa que não posso aceitar.

Os soluços tinham parado e as lágrimas haviam secado, mas o peito de Lucy doía como se lhe tivessem cravado um punhal. De repente, tudo lhe fugiu: vida, amor, ânimo e só a dor ficou.

Olhou bem dentro daqueles olhos que tanto tinha amado e sentiu-se sozinha e abandonada.

— Se sua intenção era se livrar de mim, saiba que conseguiu. Você escolheu o único método capaz de dar certo — disse ela com voz pausada. — Não me importa mais agora que você acredite em mim ou não. Nem vai precisar me dizer de novo que não me quer em sua casa. Eu não quero chegar nem perto de você.

Lucy deu-lhe as costas e caminhou para a porta.

— Lucy! — chamou ele, aturdido, antes que ela saísse.

Mas ela já não era mais aquela dócil mulher que teria atendido àquele apelo. Como se nem o tivesse ouvido, sem vacilar, Lucy saiu do quarto de Mischa e mergulhou na escuridão da noite.

CAPÍTULO XIII

O sol brilhava sobre Londres pela primeira vez depois de dez dias. Turistas e cidadãos passavam pela Oxford Street, sorrindo,

contagiados pelo milagre da primavera. Era uma manhã de sábado.

Lucy, entretanto, andava como um fantasma pela rua movimentada da cidade que mais amava no mundo. Estava totalmente indiferente, e isso nunca lhe acontecera antes.

Tinha saído de Trefelin na sexta-feira, depois de almoçar com Richard e Helen, sem ter visto Mischa de novo. Dirigira até Londres como um autômato, quase sem parar no caminho, e, ao chegar, encontrara a casa vazia e escura. Margaret e Ben não estavam. Lucy foi direto para o quarto, tirou as roupas, deixando-as onde caíram, e enfiou-se na cama, esperando adormecer de exaustão. Não conseguia pensar em nada nem em ninguém. Sua cabeça parecia estar oca.

— Ah, desculpe... — disse uma voz, trazendo Lucy de volta à realidade daquela manhã.

Era um japonês com uma máquina fotográfica pendurada no pescoço.

— Eu é que peço desculpas — disse ela, pois, se tinham dado um encontrão, fora por sua culpa. — Estava distraída, nem via por onde ia.

— Ora, não foi nada — disse o homem, educadamente, inclinando a cabeça e sorrindo. A mulher dele e os dois filhos sorriam também.

Só então Lucy percebeu que já era tarde. A luz do sol começou a incomodar-lhe os olhos. Resolveu entrar num restaurante italiano e escolheu uma mesa de onde dava para observar o movimento na Oxford Street.

Não costumava fazer compras nessa rua e jamais ia aos sábados, mas dessa vez decidira de propósito, como se a presença de tanta gente à sua volta e todo aquele burburinho fizessem-na sentir-se viva. Mas nada a tocava. Era como se não estivesse participando e fosse apenas uma espectadora indiferente.

— Bom dia, srta. Penreith — disse uma voz de homem.

Lucy interrompeu o gesto de tomar um gole de café e ergueu o rosto. Ficou gelada ao deparar com a cara gorda e branca de Pavel Snegov sorrindo para ela.

— Bom dia — respondeu ela; depois tomou um gole de café e recolocou a xícara no pires.

— Que surpresa encontrá-la aqui em Londres! Posso sentar-me? Pensei que fosse ficar em Gales por muitos dias ainda — disse

Snegov, acomodando-se na cadeira em frente, sem esperar resposta.

Lucy forçou um sorriso.

— Que coincidência! — disse ela. — Eu pensei que o senhor fosse ficar lá muitos dias.

Snegov ignorou a insinuação.

— Quero cumprimentá-la por seu artigo sobre Busnetsky. Os textos que saíram quinta e sexta-feira foram excelentes! Estou aguardando ansiosamente para ler o resto. Ele é um homem muito interessante, não é mesmo?

Lucy encarou-o bem, com ar severo.

— Na reportagem que vai sair segunda-feira, ele fala do tempo que passou nas prisões e campos de trabalho. O senhor conhece bem as condições carcerárias na Rússia?

— Condições carcerárias são lamentáveis no mundo todo, sem dúvida.

— É, acho que sim. Contudo, não são todos os países que submetem seus melhores artistas e intelectuais a essas condições.

— Não é bem assim, minha cara srta. Penreith. Ele foi um elemento subversivo desde a época de estudante. Foi expulso da faculdade.

Lucy sorriu, achando graça.

— Acho que não precisa contar essas coisas justo para mim, não é?

Pavel Snegov ficou em silêncio. Ela terminou de tomar o café e colocou o dinheiro da conta ao lado da xícara.

— Preços de turista, já — comentou ela — e estamos ainda no último dia de maio.

— Lei da oferta e da procura, srta. Penreith — retrucou Snegov, sorrindo. — A essência do sistema capitalista!

— E qual é a essência do sistema comunista, Sr. Snegov?

— Igualdade — respondeu ele, tão prontamente que a fez rir.

— Sem repressão? — disse ela, arregalando os olhos e erguendo-se.

— É claro! — respondeu Snegov, fingindo displicência, mas já não estava mais sorrindo.

Lucy também parou de sorrir.

— Ora, mas isso é novidade! — disse ela. — Só queria que meu pai estivesse vivo para ouvir uma coisa dessas'

Com uma ligeira inclinação de cabeça, despediu-se e afastou-se. Poucos instantes depois, já estava na rua.

Seu carro estava estacionado longe do restaurante e, durante o percurso até lá, ela foi

pensando no encontro com Pavel Snegov. O que será que ele queria? Assustá-la um pouco? Conseguir alguma informação que ela pudesse dar inadvertidamente? Ou, quem sabe, estivesse contando com a colaboração dela, pressupondo que uma mulher abandonada está sempre disposta a se vingar?

— Eu guardei os jornais, para o caso de você não ter lido — disse Margaret. enquanto enchia de novo as xícaras de café.

— Obrigada. Eu não li nem o de quinta, nem o de sexta-feira. Vou dar uma olhada neles.

Os jornais estavam na cozinha de Margaret, que ficava logo acima da de Lucy. dando para uma sacada com escada que ia até o quintal. Ben estava lá, cuidando das plantas, como fazia com freqüência.

— Ben deixou esse quintal uma maravilha, nesses três anos — comentou Lucy. — Olhe só os canteiros, Margaret! Não tem um pedacinho que não esteja verde e florido.

— É uma terapia para ele. Faz com que esqueça os problemas e não fique resmungando pelos cantos.

— Eu é que estou precisando disso! — disse Lucy. — Será que ele não quer uma ajudazinha, amanhã?

— Ah, Ben sempre arranja o que fazer... — disse Margaret pegando os jornais de cima da geladeira. — Aqui estão, o de quinta e o de sexta-feira. Puxa, Lucy, essas reportagens estão mesmo excelentes! Fazia tempo que não lia algo tão bom assim!

— Ah, o que é isso, Margaret...

Margaret tinha vinte e cinco anos de experiência em jornalismo e não costumava elogiar com freqüência.

— Eu acho que os sindicatos americanos vão querer as reportagens, agora que Busnetsky vai para lá na próxima semana...

— Ah, meu Deus! — disse Lucy, desolada, fechando os olhos.

— Mas o que houve? O que há de errado nisso? Você não ficou contente com a publicação?

— Esses textos não eram para ser publicados, Margaret — disse Lucy, com voz pausada. — John Bentinck roubou-os da minha escrivadinha e os trouxe para Harry como se eu os tivesse mandado. E quando

fiquei sabendo, já era tarde demais para impedir a publicação.

— Meu Deus! John roubou-os? Mas, por que faria isso?

— Ah, Margaret, não me pergunte. Acho que foi por despeito. Ele tinha dito que me amava...

— Mas por que os textos não eram para ser publicados? — Isso parecia-lhe mais estranho do que o roubo.

— Mischa Busnetsky era amigo de meu pai. Ele conversou comigo como amigo, não concedeu uma entrevista! Eu fiz essas anotações por minha conta, pensando em mostrá-las a ele mais tarde e pedir permissão para usá-las. Já foi horrível elas terem sido publicadas à traição; agora, então, se os sindicatos forem utilizá-las, ele vai ficar furioso e eu vou ficar na lista negra de todos os grupos dissidentes em Londres!

— Não vai, não, minha cara. Se os dois últimos artigos forem como os dois primeiros, você terá feito um bem enorme ao movimento dissidente! Eles vão adorar você! E Busnetsky também, depois que ele se acalmar. Agora, eu lhe digo uma coisa: a atitude de John foi

realmente espantosa! Harry está sabendo disso?

— Agora está — disse Lucy secamente e depois fez uma pausa. — Tem mais uma coisinha a respeito de John... Eu pensei muito e resolvi não comentar, mas gostaria de falar para você, Margaret.

— O que é?

Lucy contou a história de como tinham sido tiradas as fotos na caverna e Margaret ouviu, atenta,

— Ele não parecia ser desse tipo, não é? — disse ela, quando a outra parou de falar.

— Pois é, eu nunca pensei. Você acha que estou certa de não comentar o fato, Margaret?

— Acho que só deve fazer o que achar melhor. Já conversou com John, depois que descobriu isso?

— Não, e não quero saber de falar com ele nunca mais. Queria que ele sumisse de vista!

Mas John não ia sumir de vista, assim. Na segunda-feira de manhã, logo depois que Lucy ocupou de novo sua mesa na sala de redação, sentiu alguém se aproximar, e, antes mesmo de olhar, já sabia que era John. Ela continuou colocando papel na máquina.

— Parabéns, Lucy! A matéria sobre Busnetsky estava excelente!

— Suma daqui, John — disse ela, entre dentes, e começou a datilografar.

— Lucy, eu quero falar com você. Almoce comigo, hoje, por favor.

— Não.

Lucy, que até então não tinha olhado para ele, encarou-o, com olhar frio e acusador.

— Eu lhe devo uma explicação, Lucy!

— Ah, deve mesmo, mas eu não quero ouvir. Aliás, tome nota disso: não quero ouvi-lo, não quero vê-lo, não quero sair com você, jantar com você, falar com você e nem quero saber de você!

— E quando tivermos de trabalhar juntos? Lucy ergueu-se.

— Suma da minha vida, John — disse ela, com voz cansada. Deu as costas para ele e encaminhou-se para a máquina de café.

Estava tremendo da cabeça aos pés e se ficasse mais um segundo falando com John era capaz de gritar.

— Eu fiz isso porque amo você, Lucy.

Mas ela não quis nem saber. Apenas contemplou-o por um longo instante e voltou

para seu lugar, na sala de redação. Harry estava à sua espera.

— Minha querida, os sindicatos pediram sua matéria sobre Busnetsky! — disse ele. — Vai ser publicada nos Estados Unidos inteiro e no Canadá, na próxima semana. Se tudo sair como foi programado, isso vai despertar interesse sobre ele uma semana depois de ele ter chegado lá. Diga-lhe isso.

Lucy deu uma risada nervosa.

— Incrível! Harry, obrigada. — Sabia que ele havia se esforçado para vender os artigos. — Não está com medo de que eu fique convencida com o sucesso? Olhe que você pode me perder...

— Francamente, estou com medo, sim. Mas, deixe para lá. Você fica encarregada de Busnetsky enquanto ele estiver nos Estados Unidos, está bem?

— Não pode dar a matéria a outro repórter, Harry? Ele ficou muito bravo... não vai mais querer falar comigo.

Harry riu.

— Ora, isso vai passar logo, se ele tiver um pouco de juízo. Aqueles artigos são a melhor coisa que podia ter acontecido a ele. Os americanos vão adorá-lo!

Alguém chamou Harry para atender ao telefone e, antes de ele se afastar, acrescentou:

— Vai ficar com ele, sim. Ele é todo seu, querida!

Lucy deixou-se cair na cadeira e atendeu distraidamente o telefone, que estava tocando.

Era o correspondente de Israel, para falar de um conflito sobre o qual ele tinha informações exclusivas. Depois de passar a notícia, despedira-se e desligara o telefone.

— Não feche a porta, Lucy — pediu John.
— Por favor, eu só quero falar com você, explicar.

— Não é necessário explicar o óbvio! — disse ela, entre dentes, e empurrou a porta.

A presença de John em sua casa era demais e deixava-a tão cheia de ódio que mal podia falar. Será que era isso que Mischa tinha sentido quando a expulsara da casa dele? Lucy tremeu só de pensar.

— Por favor, Lucy... — implorou John.

Ela fechou os olhos e cerrou os punhos com tanta força que as unhas fincaram nas palmas.

— Está bem, John — disse, com raiva, e abriu a porta afinal.

— Sei que não tenho justificativa, Lucy, nada elimina minha culpa... mas eu só quero que saiba como aconteceu, só isso. Está bem?

Ele se sentou, inclinado para frente, com os cotovelos sobre os joelhos, as mãos cruzadas, e a cabeça baixa.

— Está bem — disse ela, seca, e respirou fundo, à espera.

John explicou que, naquela noite, depois de Lucy o ter deixado, ele fora atrás dela. Tinha apenas pensado em falar mais alguma coisa. Daí viu um homem andando na direção do outro chalé e, quando ele abriu a porta, percebeu logo que era Mischa. Tirou várias fotos, então, algumas diante da porta, outras através da janela da cozinha.

Depois disso. John disse ter ido para o chalé de Lucy, disposto a esperá-la para conversarem. Quando viu que as luzes na casa de Mischa se apagaram e Lucy não voltou, ficou cego de ciúmes. Foi quando começou a vasculhar os papéis dela, procurando alguma prova de que eles eram amantes. Quando encontrou a pasta com as anotações sobre Mischa, a única coisa em que pensou foi que, se o paradeiro dele fosse divulgado pela imprensa, o romance entre os dois acabaria e

Lucy criaria juízo. Com o material em mãos, voltou para Londres dirigindo como um louco.

— Você me amava, Lucy... sabe disso. Se esse maldito Mischa não tivesse sido libertado justamente naquela ocasião, você e eu teríamos embarcado para a Grécia juntos. E não diga que não, porque eu sei que não é verdade. Esses malditos russos! Se tivessem esperado só mais um mês, tudo teria sido bem diferente! Enquanto dirigia para Londres, não conseguia parar de pensar nisso. Fui direto para a redação e cheguei junto com Harry. Entreguei a pasta para ele, dizendo que você tinha mandado. Foi tudo de repente, eu não parei para pensar. Depois me arrependi e estou arrependido ainda. Mas Lucy... foi demais para mim. Se Busnetsky tivesse ficado preso mais um mês...

Mas Lucy sabia que não era bem assim. Ela sempre pertenceria a Mischa, porque o amava de verdade. Mesmo que tivesse ido à Grécia com John, ou estivesse com quem estivesse, se Mischa a chamasse, ela largaria tudo e iria correndo.

John leu isso tudo em seu olhar e ficou consternado.

— Meu Deus... — disse ele, amargurado.
— Não sabia que era assim sério, Lucy, por favor, diga que me perdoa.

— Eu posso perdoar você de ter roubado meus papéis, John, mas não do mal que causou com isso. Jamais vou perdoá-lo por isso. Você fez com que ele pensasse que eu o traí e então ele me abandonou. Não há nada que possa desfazer esse mal, e vou morrer sem perdoar você!

John estava branco como papel.

— Lucy! Lucy... não me olhe assim! Escute-me... eu estava fora de mim, louco de ciúmes! Nunca fiz uma coisa dessas em toda a minha vida, eu juro!

Mas ela ficou impassível.

— Não, mesmo? O que você considera, então, publicar em seu nome uma foto que você não tirou? Não é um roubo também? Não, por favor, não responda nada. Vá embora, é melhor. Não quero ouvir mais nada.

Quando o carro de John afastou-se na rua, Lucy telefonou para a casa de Harry.

— Alô, Harry? Queria lhe pedir uma coisa: eu voltei de férias antes porque achei que seria bobagem continuar, mas será que você se

importa se eu não trabalhar amanhã e quarta-feira?

— Está na pista de alguma outra reportagem estrondosa? — brincou ele.

— Não, Harry, desta vez não. Estou exausta, só isso. Posso faltar?

— Olhe, minha querida, você hoje estava muito abatida, mesmo. É melhor tirar a semana toda de folga. Afinal você não teve férias propriamente ditas. Não é melhor assim?

— Obrigada, Harry.

Ela desligou o telefone com um longo suspiro e ficou imóvel onde estava, sem saber por quanto tempo.

Ben Smiley tinha se dedicado ao sindicato durante toda a sua vida. Lutara muito em favor dos operários da fábrica onde trabalhara por quarenta anos. Era um batalhador incansável e sempre vencera suas batalhas.

Até que, um dia, um jovem operário que ele ajudara a ser promovido para um cargo administrativo traiu-o, arquitetando sua demissão. Ben ficou arrasado, não arranjou outro emprego e perdeu o interesse pela vida.

Há três anos, por motivos econômicos, Ben e a mulher tinham se mudado para o andar de

cima da casa de Lucy. Logo depois, ele começou a se interessar pela jardinagem.

Lucy resolveu adotar a terapia dele de lidar com as plantas do quintal e do jardim.

Ben era um homem de cabelos grisalhos, forte e viril, mas suas mãos se movimentavam com delicadeza e perícia entre as plantas. Lucy não o conhecia muito bem. Ele era calado, embora tivesse feito no passado muitos discursos inflamados, e Lucy sempre tivera um pouco de medo de puxar conversa com ele.

Contudo, quando ela se ofereceu para ajudá-lo, dizendo que precisava de um pouco de exercício por alguns dias, Ben foi compreensivo e aceitou-a de bom grado. Afinal ela conseguia um pouco da tão desejada paz!

Na sexta-feira de manhã, Richard Digby telefonou para ela.

— Você está doente, Lucy? — perguntou ele, preocupado. — Telefonei para a redação e me disseram que você não ia trabalhar esta semana.

— Não, só estava precisando de um pouco de descanso. Afinal, minhas férias não foram nada tranqüilas!

— É, eu sei. — Ele fez uma pausa. — Quer saber notícias de Mischa?

O coração de Lucy começou a pulsar mais rápido, mas ela fingiu calma.

— Claro que sim! Ele é sempre assunto de interesse!

— Nós chegamos de Trefelin ontem à noite... Ele vai pegar um avião ao meio-dia para Nova York e depois vai para Denver.

Um fio de esperança surgiu dentro dela.

— Por acaso... foi ele quem pediu para você me dizer isso?

— Bem, eu...

— Não, não se preocupe — disse ela, fingindo displicência. — Por que ele vai a Denver?

— Mischa vai fazer tratamento numa clínica lá, por um ou dois meses. Depois disso, está pensando nas conferências, mas ainda não decidiu nada.

— Vai ser possível tirar fotos no aeroporto? Escrever alguns comentários?

— Bem, na verdade nós preferiríamos que você publicasse notícia só no jornal da tarde, para evitar tumultos na saída.

— Ninguém mais sabe disso? Não tinha ninguém da imprensa em Trefelin, de olho em Busnetsky?

— Se tinha, nós despistamos.

— Mas alguém deve estar rondando no aeroporto — insistiu Lucy. — A esta hora, já devem estar sabendo que vocês saíram de Trefelin.

— Pode ser... mas talvez Brigit consiga enganá-los; você sabe como ela é.

Lucy sorriu, lembrando.

— Como vai ela, Richard? E Rhodri? Como vão as coisas por lá?

— A equipe de arqueólogos já está organizada, trabalhando... mas você deve estar sabendo.

— É, eu sei.

— Rhodri está adorando! Está se sentindo todo importante!

Lucy riu com gosto, pela primeira vez desde que saíra de Trefelin.

— Posso imaginar!

Conversaram ainda por algum tempo, até que Richard disse que precisava desligar.

— Vai dizer a Mischa que você me telefonou?

— Vou, sim, eu acho que devo.

Ela sentiu um calafrio na boca do estômago e um impulso incontrollável de mandar um recado. Não podia deixá-lo ir embora sem dizer uma palavra. Talvez ainda houvesse uma esperança! Esqueceu o orgulho, a dor da traição e tudo o mais, lembrando-se apenas de que o amava.

— Então diga a ele que... que eu espero reencontrá-lo qualquer dia, você diz?

— Mas, Lucy, é claro que vai reencontrá-lo! Você sabe que ele vai voltar!

— É, eu sei... mas diga a ele assim mesmo, está bem?

CAPÍTULO XIV

Em Londres o verão estava quente e ensolarado. Às vezes chovia, mas sempre depois do entardecer. Todo londrino que possuísse um jardimzinho, por menor que fosse, aproveitava para tomar banho de sol, de modo que, na metade do mês de agosto mais ou menos, quase toda a população estava bronzeada, como se tivesse passado férias na praia.

A cidade estava florida e perfumada que nem o quintal e o jardim de Lucy.

— Faz tempo que não tem um verão igual a este. Desde antes da guerra! — comentou Ben.

— Vai ver que as correntes marítimas estão arrastando as ilhas britânicas para o Equador! — disse Margaret, fazendo piada.

Lucy estava emagrecendo bastante, andava completamente sem apetite e não dormia bem. Sonhava quase sempre com Mischa e, quando acordava e se via sozinha na cama, uma sensação de perda e abandono a invadia, como se ele tivesse ido embora na véspera.

Não adiantava ficar repetindo para si mesma que havia dormido sozinha durante vinte e cinco anos e apenas uma única manhã tinha acordado nos braços de Mischa! Seu corpo não entendia essa linguagem e insistia no desejo.

No jornal, começara a elaborar uma série de reportagens sobre uma jovem viciada em drogas que se tornara prostituta para sustentar o vício, o que era uma inovação na temática do *Herald*. Lucy passava horas entrevistando a moça e estava escrevendo a

matéria de dois pontos de vista; o seu e o de Beth. Trabalhava com afinco, para ocupar a mente e evitar ao máximo pensar em si própria.

Em setembro, no meio do mês, passou três dias em Gales, para escrever uma matéria dando prosseguimento ao assunto da caverna pré-histórica. Ficou hospedada na casa de Rhodri.

O menino tinha se transformado numa celebridade. Logo na primeira noite. Richard mostrou a Lucy todos os recortes em que ele era a notícia; várias fotos coloridas onde ele posava, todo orgulhoso, diante da caverna que tinha descoberto.

Lucy riu, contente.

— Nossa, Rhodri, como você está famoso! Só falta agora ir falar na televisão!

Brigit deu um gritinho de animação.

— Mas, ele vai falar! — disse ela. Rhodri deu um sorriso de orelha a orelha.

— Na televisão americana! — completou ele, eufórico. — Vou para Nova York com Brigit, daqui a duas semanas. Ela vai para tomar conta de mim. Estou um pouco nervoso, sabe, mas louco para conhecer os americanos!

Lucy abraçou-o, elogiando-o.

— Aposto como os americanos vão adorar você!

No dia seguinte, foi até o sítio arqueológico, conversar com a equipe. Era quase certo que a caverna fosse mesmo do período Magdaleano, mas os cientistas ainda estavam trabalhando para determinar com precisão.

No domingo à tarde, quando Lucy já estava se preparando para voltar a Londres, Rhodri aproximou-se do carro dela.

— Como vai Mischa?

— Não sei, Rhodri. Não tenho tido notícias dele desde que ele foi para os Estados Unidos. Acho que ele ainda está na clínica, se tratando.

— Que bom se a gente pudesse visitá-lo!

— É mesmo — retrucou ela, com toda a sinceridade.

Quando chegou a Londres, criou coragem e telefonou ao Dr. Edmund, que estava em contato com a Clínica Colorado, para pedir notícias de Mischa.

— Pelo que eu sei, ele ainda está na clínica — disse ele —, e não deve ficar muito tempo mais. Só se piorar. — Houve uma pequena pausa. — Por que não escreve para ele? Aliás,

eu acho... bem, espere um pouco que vou pegar o endereço dele.

Naquela noite, Lucy não conseguia dormir. Resolveu levantar-se e escrever uma carta a Mischa. A saudade que sentia era tanta que chegava a doer. Não se importava de implorar o amor dele pela terceira vez, essa seria a última. O que adiantava ser orgulhosa? Por isso, esqueceu as acusações, a ofensa e lembrou-se apenas dos bons momentos. Escreveu, afinal, a carta, implorando de modo sutil e discreto que Mischa a amasse.

O outono havia chegado, tingindo as folhas de tons vermelhos e dourados, e, na manhã seguinte, quando saiu para pôr a carta para Mischa no correio, Lucy contemplou as plantas que começavam a morrer, mas sem se deixar suggestionar pela tristeza da estação. Respirou fundo e encheu-se de otimismo e esperança.

Colocou a carta na caixa do correio, na esquina, e prometeu-se esquecê-lo, se ele não respondesse.

Quarta-feira à tarde, Salvatore, o mensageiro da redação, parou diante da mesa dela com uma pilha de comunicados nas mãos.

— Você ainda está fazendo a cobertura de Busnetsky? — perguntou ele, tão de repente que ela se sobressaltou.

— Estou, sim. Tem alguma coisa aí para mim?

— Tome, então — disse ele, colocando uma folha de teletipo diante dela.

Lucy devorou com os olhos o boletim informativo, dizendo que Mischa iria iniciar a série de conferências nos Estados Unidos, a partir da semana seguinte, aparecendo na televisão.

Na primeira semana de outubro, Lucy recebeu uma oferta de trabalho de outro jornal de prestígio. Ficou lisonjeada e aceitou conversar com o editor.

Marcaram uma entrevista para sexta-feira, quando o editor se mostrou realmente impressionado com ela. Combinaram um outro encontro para segunda-feira, em que ele lhe faria uma proposta concreta.

Lucy estava entusiasmada e esperançosa, não apenas em relação ao emprego, mas à carta que queria receber de Mischa. Tinha de ser naquele momento! Era o tempo exato de ele ter recebido a sua e ter respondido.

E, realmente, no sábado de manhã, havia embaixo de sua porta uma carta com selo americano. Só podia ser de Mischa! Sorrindo, abaixou-se e pegou o envelope. Sentiu de repente o coração aquecido, como há muito tempo não sentia. Mischa a amava! Nada mais tinha importância no mundo!

O endereço estava escrito à máquina, o selo era de Nova York. Lucy levou a carta para ler na cozinha. Abriu o envelope e dentro havia uma única folha, também datilografada.

"Cara srta. Penreith,

Tenho certeza de que compreenderá o fato de o Sr. Busnetsky estar muito ocupado com a viagem e as conferências, que tomam quase todo o seu tempo e energia. Ele leu sua carta e pediu-me para lhe escrever, agradecendo. Ele apreciou bastante seu apoio, expresso de maneira tão calorosa, e suas palavras de incentivo, e espera que entenda por que ele não lhe pode responder pessoalmente.

Atenciosamente,

Marsha Miller, secretária particular."

Lucy ficou tão revoltada que chorou convulsivamente, soluçando como criança, em altos brados. Chorou até ficar esgotada e então começou a se acalmar, racionalizando a emoção violenta. Não ia mais se sentir magoada com Mischa, ele não a faria sofrer mais, pois as pessoas só nos magoam quando a gente as ama. E como poderia amar Mischa, se o odiava tanto?

Na segunda-feira de manhã, estourou uma greve no jornal em que Lucy estava pensando trabalhar. O editor recebeu-a, desculpando-se e dizendo que isso afastava a possibilidade da contratação, que lamentava muito mas novas contratações estavam suspensas até segunda ordem. Esperava que ela entendesse e que futuramente pudessem entrar em novas conversações.

Lucy disse que entendia, mas, no íntimo, ficou decepcionada. Conversaram um pouco sobre a greve e despediram-se.

Ela voltou para a redação, sem se deixar abater. Pelo menos restava o consolo de não ter ainda pedido demissão.

As conferências de Mischa Busnetsky estavam causando sensação. Ele falava não apenas das condições nas prisões e campos de trabalho, mas também sobre sua teoria de como o capitalismo ocidental contribuía para a manutenção do sistema soviético e quais as falhas nas relações entre as duas nações. O nome dele estava na crista da onda, em todos os teletipos, cada vez mais associado a adjetivos como franco, direto e outros do gênero.

Por estranho que parecesse, os americanos o estavam adorando e as críticas eram favoráveis. Achavam-no consciente, lúcido e anti-dogmático nas análises da política soviética na Ásia, África e Oriente Médio.

No fim de outubro, Lucy falava por telefone com um correspondente na Flórida, que comentava a repercussão das conferências de Mischa.

— Você falou com ele pessoalmente? — perguntou Lucy.

— Com ele não, mas consegui me aproximar da secretária dele, no bar do hotel, ontem à noite, e ela...

— A secretária dele?! — interrompeu Lucy, com voz estrangulada, sentindo um nó na garganta.

— É a secretária particular, Marsha Miller! Aliás, acho que ela é mais do que isso... porque é de uma família nova-iorquina podre de rica e não precisava trabalhar, ainda mais pelo salário baixo que Mischa deve estar pagando... se é que paga! — disse ele, em tom ambíguo.

— Hã? — fez Lucy, incapaz de articular qualquer palavra. Quando recuperou a fala, não pôde evitar a pergunta: — Como é ela, Gary?

— Cabelos negros como a noite e olhos azuis capazes de derreter qualquer coração. Bonita e charmosa. Puxa vida, ela deve estar fazendo Mischa esquecer tudo o que já passou!

Lucy terminou a conversa e desligou, sentindo um frio na alma. Colocou papel na máquina e começou a datilografar mais um comentário sobre a última palestra de Mischa.

— Busnetsky não era amigo de seu pai? — perguntou Harry, quando ela lhe entregou o texto.

— Bem... pelo menos era a causa predileta dele. Por quê?

— Achei que você também o considerasse amigo...

— O que está querendo insinuar, Harry?
— perguntou Lucy, com um suspiro.

— Este artigo está muito hostil!

— Mas retrata fielmente o que está acontecendo. Acabei de falar com um correspondente na Flórida. Não vai querer que eu minta em nome dos velhos tempos, não é?

— Sabe o que foi que houve, minha querida? — disse Harry, soltando uma baforada de fumaça e fitando-a de olhos semicerrados. — Você perdeu a objetividade no que se refere a este homem. Pena, porque você começou tão bem!

— Harry, isso não é verdade! — protestou ela.

— Reflita um pouco.

Lucy realmente fez um exame de consciência e resolveu abrandar os artigos referentes a Busnetsky.

Na última semana de outubro, houve um assalto de grandes proporções no centro de Londres e Harry recebeu a informação quase que imediatamente. Como o repórter policial

não estava, ele mandou Lucy para lá, fazer a cobertura.

Pouco depois de ela ter chegado ao local, John Bentinck chegou também, com seu equipamento fotográfico.

Já haviam trabalhado juntos várias outras vezes, desde que Lucy voltara de Gales, e sempre conversavam o mínimo possível, mas nesse dia John estava alegre e falante. Quando Lucy saiu da cabine telefônica, de onde tinha ditado a história para a redação, John estava esperando.

— Harry pediu para você ficar por aqui? — perguntou ele.

Lucy fez que sim.

— Se quer saber minha opinião, acho que deveríamos ficar ali no restaurante em frente, de onde poderemos controlar a movimentação na joalheria. A polícia não vai sair dali tão já e, se formos logo, pegaremos uma mesa perto da janela. Vamos! — Ele a segurou pelo braço. — Depressa! Olhe lá aquele cara do *Mail* indo na nossa frente!

Correram em direção ao restaurante, Lucy quase se desequilibrando sobre os saltos altos. Quando chegaram à mesa perto da janela,

estavam rindo como crianças. Lucy esfregou as mãos geladas e ficou séria de repente.

— Ah. Lucy, é tão bom ver você rindo de novo!

— John... — começou ela, em tom de prevenção.

— Não, não me dê o fora, assim, declaradamente. Talvez você me ache um bobo, mas eu não me importo. Lucy... já faz cinco meses! Eu sei, por que cada dia é um suplício para mim! Não quero continuar assim, quero ser seu amigo outra vez... nos termos que você quiser.

Ela ficou em silêncio, contemplando-o.

— Você não o ama mais, Lucy! Se é que o amou. Tenho lido seus artigos e não transparece mais amargura nem mágoa. Eles têm sido frios... você não sente mais nada por ele. Eu sei que ele a magoou muito, conheço você. Sei também que você acha que a culpa foi minha, mas, se ele a amasse de verdade, uns simples artigos no jornal não o fariam mudar de idéia. Ele poderia ter ficado furioso, ter querido me matar... mas não abandonar você, causando-lhe tanta mágoa! Se eu lhe tivesse causado um mal desses, atravessaria céus e terras para consertar as coisas. — John

fez uma pausa; passou a mão pelo rosto. — Só Deus sabe como eu tentei!

— O que quer dizer com esse "tentei"? — admirou-se ela, franzindo a testa.

Ele a contemplou por um longo instante, depois perguntou:

— Quer dizer que ele nunca lhe contou?

— Contou o quê?

— Lucy, eu escrevi a Busnetsky e contei a ele como as reportagens chegaram ao *Herald*. Ele nunca tocou no assunto?

Lucy quase perdeu a respiração.

— Quando? Quando escreveu a ele?

John comprimiu os lábios, hesitante, pois sabia que o que ia dizer iria magoá-la, e ela percebeu.

— Em junho. Antes de ele deixar Gales.

Muito antes de ela ter escrito, então, e antes de ele ter deixado sua bela secretária ler e responder sua carta tão íntima e cheia de súplica! Lucy deu uma risada nervosa, de autodepreciação.

— Que falso, miserável! — Ela balançou a cabeça. — Por que a gente sempre se apaixona pela pessoa errada?

John colocou a mão sobre a dela, num gesto de conforto.

— Você já se apaixonou por mim, lembra? E eu não sou a pessoa errada. Posso ter muitos defeitos, mas não sou a pessoa errada. Não pense mais nele, Lucy!

— Eu não penso mais nele — disse ela, com sinceridade. —, a não ser quando escrevo um artigo. Você tem razão, eu não sinto mais nada por ele... nem sei como pude sentir!

O rosto bonito dele iluminou-se com um sorriso.

— Que tal jantar comigo hoje à noite?

Lucy baixou as pálpebras, meio constrangida.

— John, eu não acho...

— Só para jantar, Lucy, sem compromisso. Não estou esperando nada. Ora, vamos... diga que sim!

— Está bem, John, eu aceito.

Afinal, era preciso recomeçar a viver.

— Lucy — disse Richard Digby ao telefone, poucos dias depois —, de onde está tirando esses artigos sobre Mischa ultimamente? Qual é a sua fonte de informação?

— Nenhuma em especial, Richard, por quê?

— Porque as coisas estão distorcidas. Mischa não está insultando os americanos e os americanos não estão se sentindo insultados. Helen e eu acabamos de chegar da Califórnia, onde o ouvimos falar, e ele está sendo extremamente bem recebido.

— Obrigada por me avisar. Ele deve estar muito contente, então.

— É, pode ser, mas, apesar disso, está louco para voltar.

— Voltar?!

— A última conferência dele é dia dez de novembro, em Seattle; depois ele volta a Nova York para a festa que os editores americanos vão lhe oferecer, dia doze, e então voa direto para Londres, onde haverá uma outra grande festa, dia catorze, para o lançamento de seus livros. A imprensa será convidada. Espero ver você lá!

— É claro! — disse ela, fingindo entusiasmo. — Dia catorze, não é? O lançamento será dos dois livros, então?

— Isso mesmo.

— Trabalharam depressa, hein?

— Temos excelentes tradutores e os americanos queriam a publicação antes do Natal.

— Ah, é lógico! Espero que ele consiga vender bem nos Estados Unidos, depois dessas conferências.

— É o que achamos. Eu mandei os livros para você, claro. Se ainda não os recebeu, vai recebê-los logo.

Realmente, o pacote chegou na redação aquela tarde. Lucy estava desfazendo o embrulho quando o telefone tocou. Era Margaret Smiley.

— Meu carro está na oficina de novo — disse ela. — Será que você pode me dar uma carona para casa? Eu vou sair um pouquinho mais tarde.

— Tudo bem, espero você no bar.

— Então eu lhe ofereço um drinque — disse uma voz familiar, assim que ela desligou o telefone.

Lucy ergueu o rosto e, ao deparar com John, sorriu, fazendo uma careta.

— Nesse caso, vou querer uma coisa bem exótica e bem cara!

— Ah, por que não fica comigo mesmo! — brincou ele. — Vamos logo, amor, antes que o bar encha de gente e não tenhamos mais lugar para sentar!

Sentaram-se a uma mesa de canto e, depois de instalados, John foi até o balcão, buscar as bebidas. Enquanto isso, não resistindo à curiosidade, ela acabou de abrir o pacote para ver os livros de Mischa.

Kafka vivo era um grosso volume de quatrocentas páginas, com o nome de Mikhail Busnetsyk ocupando um terço da capa e tendo na contracapa uma foto recente dele. Os cabelos estavam mais compridos e o rosto mais cheio e saudável.

— Como vai, cara srta. Penreith? — E, antes mesmo que ela pudesse olhar e responder, Pavel Snegov sentou-se na cadeira em frente. — Então, está lendo a última contribuição de nosso amigo para a literatura ocidental?

— Estou — respondeu ela, sem conseguir evitar a tensão que aquela presença lhe causava. — O senhor já leu?

— Já, e não valeu a pena. — Ele encolheu os ombros. — Creio que a senhorita vai achar que esses livros não mereciam o sacrifício de seu pai.

Um calafrio percorreu-lhe a espinha.

— Não compete a mim julgar isso. Quem julgou e fez a opção foi meu pai.

— E a senhorita não questiona nada? — disse ele, num tom de sarcasmo.

— Não em relação a meu pai — respondeu ela, desejando que John voltasse logo com os drinques, ou que Margaret chegasse.

— Em relação a quem, então? A Busnetsky, talvez?

Isso foi demais para Lucy. Ela o fitou com raiva por um longo instante, depois falou, com firmeza:

— Eu não devia me surpreender com sua insinuação vulgar de que culpa Busnetsky pela morte de meu pai, não é mesmo? Mas, deixe-me refrescar sua memória, Sr. Snegov: meu pai e Mischa Busnetsky eram amigos e, quando papai foi assassinado, Busnetsky estava atrás das cercas de arame farpado do campo de trabalhos forçados, número trinta e seis, na província de Perm. Dificilmente ele poderia ser responsabilizado por qualquer ato referente à morte de meu pai.

— Aqui está seu drink exótico, finalmente! — disse John, e Lucy nunca se sentiu tão grata de ouvir a voz dele. — Um copo de vinho branco importado!

Pavel cumprimentou-o, com uma ligeira inclinação de cabeça, saiu da cadeira que John ocupou imediatamente e afastou-se.

— Acabei de falar com Gerald — disse John. — Você sabia que ele vai para o Canadá?

— Gerald Parkinson? — disse ela, depois de tomar um gole de vinho, procurando esquecer a presença de Pavel. — Não, não sabia. Para onde ele vai?

— Para o Canadá, acabei de lhe dizer, amor.

— O Canadá é muito grande...

— Para Toronto. Vai trabalhar num dos jornais de lá. Eu disse que você era canadense e poderia dar a ele algumas indicações.

— John! Você sabe qual é a distância entre Toronto e Vancouver? Além do mais, eu saí de lá com dez anos! — disse ela, rindo.

— Sei disso, mas Gerald não sabe.

Os dois estavam rindo quando Margaret chegou, e ela os contemplou, achando estranho. Mais tarde, quando ela e Lucy estavam a caminho de casa, comentou:

— Não sabia que você e John estavam saindo juntos de novo.

— É, faz só alguns dias. Ele me disse que escreveu para Mischa, contando que era

culpado pela publicação das reportagens. Somos apenas amigos, agora. Nada de namoro.

— E como é que John explicou a história da foto que você tirou e ele publicou como dele? — perguntou Margaret, depois de um silêncio prolongado.

— Disse que nem pensou, não foi nada planejado. Estava preocupado com a história de Mischa. Entregou o filme simplesmente, sem dizer nada, e o jornal deduziu que ele era o autor das fotos.

— E você acreditou nele?

— Você não acreditaria?

— Não sei... pode ser. Mas, depois que houve desconfiança uma vez... E quando é que ele lhe contou isso?

— Há alguns dias. Você, por acaso, ouviu dizer que Mischa ia voltar para Londres?

— Para a festa de lançamento? É claro, nós recebemos o convite e os livros! Sabe, Lucy, há uma coisa que estou para lhe perguntar faz tempo. Você se lembra daquele dia, em fevereiro, quando encontrei uns manuscritos? Por acaso eram esses...

— Eram, sim, Margaret, mas isso não pode ser publicado.

— Eu sabia!

Lucy levou os livros para a cozinha, largou-os em cima da mesa e pôs água na chaleira, para preparar um chá. Depois sentou-se, abriu o mais volumoso e começou a folheá-lo, lembrando-se do dia em que encontrara aqueles manuscritos em russo, assinados por Busnetsky. Era incrível o caminho que tinham percorrido para chegarem de novo a suas mãos, na forma de livros prontos!

Na segunda página, havia uma citação de outro dissidente que ela conhecia.

E na terceira página havia a dedicatória: "Em memória do Dr. Lewis Penreith — erudito, humanitário e mártir".

CAPÍTULO XV

Mikhail Busnetsky desembarcou no Aeroporto de Heathrow sexta-feira, catorze de novembro, e mais uma vez a imprensa estava reunida para esperá-lo. Só que nesse dia os repórteres estavam confortavelmente instalados na sala de imprensa, sabendo que ele não ia se furtar à entrevista coletiva.

Lucy tinha escolhido uma cadeira perto da porta e do local onde estavam os microfones para o entrevistado. Estava com um *tailleur* preto de lã, de corte elegante, com uma blusa branca delicadamente feminina. Seus cabelos negros, caindo fartos sobre os ombros, emolduravam o rosto pálido, com maquilagem discreta, onde a única cor que sobressaía era o vermelho-cereja do batom, combinando com o broche na lapela. Estava muito chique, charmosa e com um toque dramático, conforme queria estar. No meio dos outros jornalistas, trajados com simplicidade, ela se destacava como se fosse a figura central de uma pintura.

Ouviram-se passos no corredor e todos se viraram para a porta, em expectativa, menos Lucy. Ela continuou em sua pose, elegante e displicente, as longas pernas cruzadas e as mãos esguias, de unhas bem-feitas e pintadas, brincando com um lápis entre os dedos.

A porta se abriu e surgiu um homem, que antes de entrar virou-se para conversar com alguém que estava do lado de fora. Lucy olhou-o de esguelha, curiosa. Não tinha notícias de que Mischa estaria acompanhado. Quem seria esse homem? Um guarda-costas? Talvez fosse

mesmo. Era alto, com ombros largos, um corpo atlético e um porte de quem não temia ninguém e desencorajava qualquer criador de encrencas. Tinha cabelos negros e ligeiramente crespos, a pele morena, bronzeada. Era uma figura bonita e viril, muito atraente, que exerceu um forte magnetismo em Lucy, deixando-a assustada com a reação de seu corpo.

Ela descruzou as pernas, devagar e com classe, e cruzou-as de novo, justamente no momento em que o homem se virou para entrar na sala. Ele contemplou Lucy de alto a baixo, com um brilho sensual no olhar, e, quando a olhou direto nos olhos, ela sentiu um calafrio. Não podia acreditar! Aquele homem cuja presença tanto a tinha perturbado não era outro senão Mischa!

Ele caminhou devagar até onde estavam os microfones e Lucy precisou fazer um grande esforço para controlar o tremor violento. Cruzou as mãos, apertando o lápis com força. O ruído que ele fez ao quebrar-se soou aos ouvidos dela como um tiro de revólver no silêncio da sala.

Mischa Busnetsky, o homem que ela amara e odiara com uma intensidade de quem

nem se julgava capaz! Lá estava ele, diante dela, e agora era o homem mais bonito e atraente que já tinha visto. Enquanto ele respondia às perguntas dos jornalistas com desenvoltura e firmeza, Lucy lutava desesperadamente para esconder sua perturbação.

A entrevista durou quinze minutos e, cada vez que Mischa olhava para ela, com uma expressão indecifrável, ela fingia indiferença.

Assim que tudo terminou e Mischa saiu da sala, todos se puseram a conversar e a se movimentar. Lucy, entretanto, ficou muda e imóvel no lugar, como se estivesse paralisada. Foi quando um homem com uniforme de funcionário do aeroporto aproximou-se dela.

— Srta. Penreith, quer fazer o favor de vir comigo um instantinho? Alguém quer falar com a senhorita.

Certa de que fosse um telefonema de Harry, Lucy acompanhou o funcionário sem fazer perguntas. Ele a conduziu através do corredor, até uma outra porta que abriu para ela, esperou que entrasse, e fechou de novo.

Lucy viu-se sozinha, numa sala, diante de Mischa, parado perto da janela que dava para

a pista de pouso. Lá fora, a manhã estava cinzenta e úmida.

Tomada assim de surpresa, ela ficou sem ação por alguns instantes e, quando fez menção de sair da sala, ele a impediu, segurando-a pelo braço, com firmeza.

Seu primeiro impulso foi puxar o braço, para se libertar daquele contato perigoso, mas ela se conteve e ficou parada, de costas para ele, e de cabeça erguida.

— Largue-me!

— Não! — respondeu ele, e bastou essa palavra para fazer seu coração bater mais rápido.

— Largue-me! — repetiu ela, com voz trêmula. — Ou você quer que eu comece a gritar?

— Quero. É bom mesmo que comece a gritar, assim eu teria um pretexto para bater em você.

Lucy se virou para encará-lo, alarmada, e ele não a soltou. Ficaram face a face, e aquela proximidade era quase insuportável.

Ela se controlou, fingindo frieza, e, inclinando a cabeça para trás, para olhá-lo nos olhos, disse, entre dentes:

— Eu também estou procurando um pretexto para bater em você, portanto tire a mão de mim!

Em vez disso, Mischa segurou-lhe o outro braço e puxou-a para mais perto. Seus corpos agora estavam quase se encostando.

— Você... — começou Lucy.

— Fique quieta — interrompeu ele, em tom de ameaça. No olhar dele havia um brilho de ressentimento e raiva.

Lucy olhou para aquelas mãos fortes e másculas que a prendiam, e depois encarou-o de novo.

— O que você quer de mim? — perguntou ela, brava.

Um sorriso sinistro estampou-se na boca sensual e carnuda dele.

— O que você tem para dar? — perguntou ele, em tom de insinuação.

— Para você, nada. Pode ter certeza: absolutamente nada!

— Certeza eu tenho. Nada mesmo... nem honra, nem integridade e nem justiça! Não é verdade?

Ela quase perdeu a fala.

— Eu?! Eu não tenho justiça nem integridade? Meu Deus do céu! Você é que nem

sabe o significado dessas palavras! Como é que ousa dizer uma coisa dessas logo para mim!

— Acha que eu não tenho lido seus artigos cheios de meias-verdades, distorções? Essas manhas jornalísticas que aprendi a conhecer tão bem! É essa a sua idéia de integridade?

— Não — admitiu ela, com frieza. — Essa é a minha maneira de tratar uma pessoa que eu odeio! — Num gesto repentino e brusco, Lucy libertou seus braços e afastou-se dele, sem deixar de olhá-lo nos olhos. — Uma pessoa que mentiu, me enganou, me usou e que nunca me disse uma palavra sincera!

Uma chama intensa brilhou no olhar dele e, com um sorriso, aproximou o rosto do dela e beijou-a de leve.

— Nem isso valeu para você?

Lucy se debateu, em pânico, tentando alcançar o trinco da porta, mas ele a impediu, apertando-a contra seu corpo.

De repente, ficaram os dois imóveis, frente a frente, olhando-se em silêncio. O coração dela batia tão forte que teve a impressão de que Mischa podia ouvi-lo.

— Você não gosta de se lembrar disso? Por quê?

— Porque não suporto que você toque em mim! — disse ela, entre dentes.

Mischa a fitou de olhos semicerrados.

— Mas agora há pouco, lá naquela sala, você bem que me provocou e quis que eu lembrasse!

Lucy arregalou os olhos, indignada.

— Está maluco? Eu não fiz nada!

— Ah, fez, sim. Do jeito que você me olhou...

— Eu não reconheci você... — Ela se interrompeu, percebendo que tinha sido pior a emenda, mas já era tarde.

— Não me reconheceu? E você olha daquele jeito para um homem desconhecido?

— Não! — Ela sentiu que cada vez se afundava mais e tentou fugir dali. — Eu odeio você!

Em resposta, ele a puxou para perto, prendendo-a com um braço. Com a outra mão, segurou o queixo dela, forçando-a a erguer a cabeça.

— Então você me odeia? Odeia o contato da minha mão, odeia meu corpo?

— Odeio! Odeio! — respondeu Lucy, atormentada.

Mischa aproximou-se mais e começou a beijá-la no rosto, no pescoço e nas orelhas. Ela ficou imóvel, tentando se controlar.

— Quer dizer que isto é uma tortura para você? Hein?

Sua boca estava perigosamente perto da dela. Se a beijasse, ela perderia a razão.

— Pare com isso! — gritou Lucy. — Deixe-me ir embora!

— Primeiro quero que me diga que isto é odioso para você.

Ela fechou os olhos para não ver aquela boca sensual e aquele olhar provocante, assim tão de perto.

— Eu odeio você! Quando você toca em mim, tenho vontade de morrer! Agora, largue de mim!

— Só mais um instante... Quero que fique bem claro o quanto você me odeia, lembre-se bem disso, depois.

Mischa a beijou de novo, mas dessa vez foi um beijo ávido, apaixonado, causando o prazer que ela aprendera a sentir com ele. O desejo acordando o corpo dele, incendiou o seu como antigamente, e ela se abandonou à emoção.

Nesse momento, porém, Mischa afastou o rosto.

— Lembre-se bem disto, quando se sentir tentada a escrever suas mentiras sutis sobre mim no seu jornal. É bom que se lembre.

— Por quê? O que quer dizer com isso?

— Quero dizer que tenho um meio de castigar você e castigarei, se mentir de novo a meu respeito. Não vou tolerar mais nada.

— Não me venha impor o que eu devo... — começou ela, furiosa, mas ele a interrompeu, com calma.

— Eu não estou impondo. Só estou avisando o que acontecerá se escrever mentiras.

— Está me ameaçando, agora? Por acaso vai me violentar?

Ele sorriu, fitando-a de olhos semicerrados.

— Conheço bem a linguagem do seu corpo. Você me odeia com a mente, Lucy, mas seu corpo sente diferente, não é? Não vou violentar você, vou apenas seduzi-la, fazer você esquecer que me odeia.

— Eu nunca vou esquecer que o odeio! — disse ela, em tom de desafio.

— Quer que eu prove que você está errada?

— Tire as mãos de mim! Afaste-se, e nunca mais me toque.

Mischa a largou.

— Está em suas mãos.

Por um instante ela apenas o fitou, a respiração ofegante fazendo ondular seus seios.

— Não sei como me deixei iludir tanto a ponto de pensar que o amava! Você é o homem mais vil e odioso que já conheci!

— E você é uma mulher que não tem honra. Por isso trato você desta maneira. Lembre-se bem do que eu disse, porque vou cumprir a palavra.

Ela ficou olhando para ele enquanto o ouvia, sem demonstrar nenhuma emoção. Depois abaixou-se para pegar a bolsa e o bloco de anotações que ele a tinha feito derrubar. Ergueu-se, escancarou a porta e saiu, sem dizer uma palavra.

— Harry — disse Lucy, num tom de desespero — estou cheia desse caso Busnetsky! Por favor, arranje outra pessoa para fazer a cobertura da estada dele em Londres! Não agüento mais!

Com um cigarro no canto da boca, Harry olhava fixo para Lucy, com ar pensativo, como se não estivesse prestando atenção, mas ela sabia que ele não perdia nem um detalhe das conversas. Era jeito dele.

— Sabe de uma coisa, minha querida? — disse ele, soltando com negligência uma baforada de fumaça. — De uns meses para cá, você parece cada vez menos uma repórter dedicada e cada vez mais uma manequim! Daqui a pouco o pessoal de outras seções vai achar que estou pagando demais para você! Mas, afinal, por que é que está tão cheia de Busnetsky?

Isso era bem característico de Harry: parecer distraído, desligado da conversa, e, de repente, fazer uma pergunta quando a outra pessoa estivesse desprevenida.

— Ele já fez tudo o que havia de interessante, já é assunto esgotado — disse ela, sem querer explicar as verdadeiras razões. — E eu não quero ficar atrás dele, ouvindo repetições.

— Busnetsky esteve fora deste país por quase seis meses. Ele acabou de chegar, tenha um pouco de paciência. Pode ser que diga algo interessante nessa festa de hoje à noite! Além

do mais, há seis meses você estava implorando para eu designá-la para esse caso. Não pode abandoná-lo assim, agora. Os leitores sabem que você o conhece, acompanharam sua brusca mudança de atitude, o que já deve ter despertado curiosidade; se abandonar o caso agora, o que vão pensar?

— Isso é ridículo! Eu não sou uma colunista social, sou uma repórter!

Harry olhou-a, com ar de surpresa.

— Ainda bem que disse isso, eu já estava pensando que você tinha esquecido.

Ela respirou fundo, indignada, mas ele continuou a falar calmamente:

— Espere mais um pouco. Ele ainda é notícia. Logo mais vai cair no esquecimento e daí então você poderá descansar tranqüila.

Lucy deixou-se cair na cadeira diante de sua escrivaninha, o olhar esgazeado, a respiração difícil, como se algo apertasse seu peito. Não queria ir à festa! Não queria ver Mischa de novo. Estava apavorada, morrendo de medo dele.

Sem muito ânimo, ela abriu um exemplar vespertino do *Herald* e deparou com uma foto de Mischa, sorrindo e conversando com

alguém. Abaixo havia a legenda: "Parecendo bem mais um autor de sucesso internacional do que um dissidente soviético exilado, recentemente libertado, Mikhail Busnetsky chegou hoje a Londres, para o lançamento de seus últimos livros..."

Lucy olhou para seu relógio de pulso e sobressaltou-se. Já eram quatro e meia! O coquetel estava marcado para as cinco horas. Queria chegar cedo e sair cedo, antes que chegasse muita gente. De repente, sentiu um calafrio. E se Mischa não gostasse do que tinha sido publicado no jornal da tarde?

— Que tal um drinque hoje, amor? — A voz de John trouxe-a de volta à realidade.

— Não, John, hoje não posso. Tenho que ir à festa de Mischa. Não posso me livrar disso.

— Você já tentou? — perguntou ele, com uma ponta de sarcasmo. Ela não gostou, embora não soubesse bem por quê.

— Tentei, sim — disse ela, erguendo-se. — Com licença. Quero chegar cedo, para sair logo.

— Posso ir com você, amor?

Lucy pensou um pouco e achou que poderia causar confusão. Era melhor ir sozinha, mesmo.

— Obrigada, John, mas eu só vou ficar lá uma meia hora, depois vou direto para casa, fazer faxina e lavar roupa.

— E amanhã, que tal irmos a um teatro? Nós não saímos nem um dia esta semana, Lucy.

— Está bem. Pegue-me às sete horas, assim a gente toma um drinque antes.

Com essas palavras e um sorriso, ela atravessou a redação e saiu.

A festa era no luxuoso salão de um hotel, com vista para o Hyde Park. A primeira pessoa que Lucy encontrou assim que chegou foi Pavel Snegov. Ele a cumprimentou de longe e, de repente, uma idéia brotou na mente de Lucy. Pegou um copo de bebida e, com um sorriso amável, aproximou-se de Snegov.

— Boa tarde — cumprimentou ela. — Quer dizer que, apesar de não gostar do que ele escreve, o senhor não deixou de vir!

Sempre sorrindo, percorreu a sala com o olhar e descobriu Mischa conversando com uns jornalistas.

— Estou no Ocidente e o pragmatismo social tem lá suas vantagens!

Lucy riu alto e algumas pessoas olharam para ela, mas Mischa não olhou. Ela continuou conversando com Snegov um pouco mais e depois caminhou, com displicência, até o grupo de jornalistas que conversava com Mischa.

Estavam falando sobre os livros, naturalmente, e faziam várias perguntas. Num determinado momento, alguém perguntou:

— Sr. Busnetsky, será que poderia nos dizer como conseguiu sair da União Soviética com esses manuscritos?

Mischa riu.

— Eu não saí com eles, isso não é possível. Meus manuscritos foram trazidos às escondidas por outra pessoa, enquanto eu estava preso.

— O senhor dedicou o livro sobre Kafka ao Dr. Lewis Penreith que já publicou um outro trabalho seu. Por acaso foi ele quem trouxe os manuscritos.

Alguém protestou.

— Lewis Penreith morreu há quatro anos!

— Mas foi justamente ele quem conseguiu esses manuscritos e os trouxe para o Ocidente — disse Mischa, com voz grave e firme.

Houve um prolongado silêncio na sala, como se todos tivessem perdido a fala de repente.

— Então esses manuscritos ficaram aqui durante vários anos? E por que não foram publicados antes, Sr. Busnetsky?

— O Dr. Penreith morreu pouco depois de ter conseguido os manuscritos, e eles só foram encontrados muitos anos depois. Estavam bem escondidos — disse Mischa, com calma, e naquele momento ele era a única pessoa calma na sala.

— O senhor chamou o Dr. Penreith de mártir, na sua dedicatória. Por que, Sr. Busnetsky? Ele morreu num acidente de trânsito. O senhor tem algo a comentar?

— Mártir é a pessoa que morre por uma causa e o senhor sabe qual era a causa que o Dr. Penreith defendia — retrucou Mischa, imperturbável, e Lucy sentiu-se empalidecer.

— O senhor disse que ele morreu pouco depois de obter os manuscritos, Sr. Busnetsky — continuou o especialista em assuntos soviéticos. — Acha que existe alguma relação entre esses dois fatos?

Mischa encarou-o, com firmeza, e respondeu:

— No meu entender, há uma relação entre o trabalho do Dr. Penreith e a maneira pela qual ele morreu.

Houve um murmúrio na sala e, em seguida, um bombardeio de perguntas vindas de todos os lados.

— Isso é opinião minha, apenas, e não falarei mais nada a respeito.

— Pode nos dizer quem encontrou os manuscritos? — perguntou uma voz de mulher.

Pela primeira vez Mischa hesitou na resposta. Olhou de relance para Lucy, que o fitava, incrédula.

— Creio que foi a filha do Dr. Penreith.

Muita gente ali conhecia Lucy e sabia quem tinha sido seu pai. Pouco a pouco, foram se virando para olhá-la, perplexos. Um minuto depois, todos na sala a olhavam.

— Tudo vale para promover a venda de meus livros — disse Mischa, com sarcasmo, quando Lucy o fitou, atônita.

CAPÍTULO XVI

Às dez e meia, naquela noite, tocaram a campainha. Lucy, que estava lendo na sala, ergueu-se, num sobressalto, com o coração batendo forte. Não podia ser ele!

Parou diante da porta, quase sem respiração, hesitante. A campainha tocou outra vez.

— Quem é? — perguntou ela.

— Sou eu, Margaret, Esqueci minha chave.

Com um suspiro de alívio. Lucy abriu a porta e Margaret sorriu, desculpando-se.

— Sinto muito ter assustado você, mas eu peguei o chaveiro errado. Estou aqui há uns dez minutos, tocando a campainha de casa, mas você sabe como é Bem... deve estar ferrado no sono. Estou congelada! Acordei você, por acaso?

— Não, não. Eu estava lendo na sala.

As duas conversaram um pouco no saguão de entrada e depois Margaret subiu. Lucy voltou para a sala, estirou-se no sofá e retomou a leitura do *Kafka vivo*. O ambiente estava aconchegante, só com o abajur aceso e o fogo na lareira.

O livro era tão envolvente que ela perdeu a noção do tempo. Ficou lendo até que ouviu Margaret descendo de novo; só então ergueu o

rosto e percebeu que o fogo da lareira estava quase apagando.

Nesse momento, bateram de leve na porta.

— Entre — disse Lucy, do sofá, e deixou o livro descansando, aberto sobre o peito. Ouviu a porta abrir-se e fechar-se. — Não consegue dormir? Que tal tomarmos um chocolate quente?

Estava certa de que ia ver Margaret surgir na sala, quando ouviu uma voz masculina dizer:

— Sinto muito decepcionar você, mas não é chocolate quente que estou querendo...

E no umbral da porta surgiu a figura morena de Mischa. Lucy ergueu-se, num pulo, apavorada, fitando-o de olhos arregalados.

— O que está fazendo aqui na minha casa?

— Você sabe. Foi você que me convidou!

— O quê? Você está maluco? Não convidei ninguém!

— Recebi um convite impresso — disse ele, insinuante. — impresso na primeira página do jornal da tarde.

— Você esperava mesmo que eu levasse a sério suas ameaças de hoje de manhã? Por acaso acha que com uma palavra vai acabar com a liberdade de imprensa?

Isso não tem nada a ver com a liberdade de imprensa! É assunto entre mim e você!

O tom de voz dele fez com que Lucy ficasse gelada de medo.

— Não interessa! — gritou ela. — Saia da minha casa!

Houve um momento de silêncio tenso. Depois, sentindo-se ameaçada, ela não conteve o impulso e jogou o livro na cabeça dele.

Mischa aparou o golpe, segurando o livro no ar com uma só mão, e, lendo de relance o título, riu.

— Você estava esperando por mim? — disse ele, largando o livro, com displicência, sobre a mesa ao entrar na sala.

Lucy instintivamente deu um passo para trás.

— Fique longe de mim! — gritou.

— Só tem um jeito de me manter longe de você — disse ele aproximando-se passo a passo.

Lucy se virou bruscamente, com intenção de correr para longe dele mas seu penhoar de seda ficou preso na grade da lareira. Ela puxou com força, rasgando a barra, mas era tarde demais: percebendo sua intenção, ele a alcançou em poucos passos.

— Não! — suplicou ela, os olhos arregalados de pavor, a voz estrangulada.

Mischa sorriu com sensualidade e, devagar, desabotoou o casaco que jogou displicentemente sobre as almofadas.

Lucy, perplexa, entreabriu os lábios, mas a voz não saía.

Ele se aproximou mais e desatou a fita que prendia os cabelos dela para trás. Tremendo da cabeça aos pés, ela não conseguia sair do lugar. Odiava-o por ter o poder de despertar nela tanta sensualidade.

Lucy fechou os olhos e cerrou os dentes, enquanto ele aflagava seus cabelos, agora soltos.

— Tire as mãos de mim! — disse ela, furiosa, e abriu os olhos, para encará-lo. — Eu odeio você! Sinto nojo quando você pega em mim!

Ele sorriu, com frieza.

— Você me odeia, não é? Mas daqui a pouco vai estar implorando meus agrados...

— Não!

Ela se debateu, querendo fugir dele, mas tropeçou nas almofadas e caiu. Enquanto tentava levantar-se, Mischa aprisionou-a com o peso de seu corpo e, sem preâmbulos,

apossou-se dos lábios dela, forçando-a entreabri-los,

— Não! Não... por favor — suplicou ela, debatendo-se, tentando afastá-lo.

É que sentia a possibilidade de o desejo se apoderar dela, obscurecendo-lhe a razão, e queria desesperadamente impedir isso.

Ele, entretanto, foi direto aos pontos sensíveis de seu corpo, que havia descoberto há seis meses. Lucy fechou os olhos, tentando ignorar o clamor de seu corpo, que reagia aos beijos quentes dele, àqueles lábios macios que percorriam sua pele.

— Ah, como eu odeio você! Largue-me!

Mas Mischa não ouvia suas súplicas. Deslizando a mão pela abertura do penhoar, ele chegou aos seios, provocando um gemido de prazer, que ela não pôde controlar.

— Não... Lucy, você não me odeia — disse ele, com a boca roçando sua orelha. — Mas não pense nessas coisas, agora, pense só nisto... — E a mão dele percorreu seu corpo todo. — E nisto... — Beijou-lhe o pescoço... — E nisto... — Beijou-lhe a boca, inva-dindo-a com a língua, provocante e lentamente.

Lucy estava com a respiração ofegante, gemendo de desejo, ficando cada vez mais

maluca, sedenta de carícias, até chegar a suplicar mais.

Devagarinho, ele prosseguia a doce tortura, beijando-lhe os seios, acariciando-os com a língua até ficarem intumescidos.

Então ele se ergueu, puxando com impaciência o penhoar de seda.

— Tire isso — ordenou ele, com voz gutural —, quero sentir sua pele.

— Não! — disse ela, sabendo que também queria a mesma coisa.

— Tire, senão vou rasgar!

— Foi presente de meu pai. Mas, se ele, que era muito mais importante, você tirou de mim, por que não isso, que é uma lembrança apenas? Vamos pode rasgar!

Ele a fez erguer-se também, mas não rasgou o penhoar, abriu-o com um gesto entre delicado e impaciente, deixando-o cair.

Quando Lucy ficou nua em seus braços, ele a deitou de novo, encostando o rosto naqueles seios quentes e macios.

Ela queria desesperadamente que ele a possuísse! Ah, como queria sentir a pele dele contra a sua, o corpo penetrando o seu, como naquela longínqua noite! Afundou as mãos na

maciez dos cabelos dele, apertando-o contra si, oferecendo seu corpo.

Mas ele continuou apenas deitado, inerte, sem ter tirado a roupa e sem continuar as carícias.

Depois de alguns instantes, rolou nas almofadas e ergueu-se, num pulo ágil. A agonia e a frustração de ter sido abandonada naquele momento invadiram Lucy. Meio atordoada, ela se sentou, vestiu o penhoar de novo, e encolheu-se, apoiando a cabeça nos joelhos.

— Que pena, Lucy! Mas você preferiu assim.

Mischa se virou e saiu, mas Lucy continuou como estava, sem olhá-lo. Ouviu o barulho da porta sendo fechada e nem se mexeu; ficou ali, trêmula, tentando não pensar no que ele poderia tê-la feito sentir, se tivessem continuado um nos braços do outro.

Os jornais matutinos de sábado publicaram o que tinha acontecido na véspera, no coquetel. A vida e a carreira do pai de Lucy foram lembradas, ressaltando-se sua dedicação à causa dos direitos humanos e sua atuação como fundador do Conselho

Internacional pela Liberdade. O destaque, entretanto, eram as declarações de Lucy, depois de Mischa tê-la atirado aos lobos, com sua inesperada revelação.

"A srta. Penreith, repórter exclusiva do *London Evening Herald*, que esteve presente à recepção de ontem, ficou visivelmente surpresa quando o Sr. Busnetsky fez a revelação. Entretanto, ela confirmou que seu pai havia feito uma viagem à Rússia, pouco antes de sua morte, há quatro anos, e que ela, de fato, tinha razões para acreditar que fora nessa viagem que ele conseguira os dois manuscritos de Busnetsky publicados esta semana. Disse, ainda, que seu pai havia escondido os manuscritos e que ela só veio a encontrá-los muito tempo depois. Não revelou qual foi o esconderijo; adiantou apenas que não encontrou os textos no escritório do pai. Há pouco tempo, o *Herald* publicou uma série de reportagens assinadas pela srta. Penreith, que foram o resultado de várias entrevistas com o Sr. Busnetsky. As reportagens, aclamadas como um estudo aprofundado da personalidade do já conhecido intelectual dissidente, foram adquiridas por jornais e

revistas do mundo todo, para serem publicadas em outros países."

Lucy largou o jornal de novo na mesa e desejou nem ter saído da cama. Inclinou-se para trás na cadeira, passando a mão no rosto.

Era uma manhã de novembro, fria e cinzenta, e a chuva batia triste, na janela da cozinha. Suspirou fundo, ajeitou o roupão de toalha e foi até o fogão, para colocar mais café em sua xícara. Depois encostou-se na pia, com a xícara quente entre as mãos, aquecendo-as, e ficou olhando os pingos da chuva escorrendo pela vidraça.

O tempo continuou ruim a manhã toda e à tarde piorou ainda mais. Como a casa já estivesse arrumada, as compras feitas, e a roupa lavada, Lucy resolveu não sair e, depois do almoço, preparou-se para ler *A mulher amada*. Não era um livro volumoso e era ficção, justamente o que estava precisando, pois não se sentira com energia para continuar a ler o ensaio sobre Kafka.

No fim do primeiro capítulo, seus olhos já estavam inundados de lágrimas. E quando, horas mais tarde, terminou a leitura, largou o livro e desatou a chorar desconsoladamente, tal foi a sensação de perda que a invadiu.

Depois de passar meses odiando Mischa, o que leu a fez lembrar quanto o tinha amado um dia, como seu coração pulsava cheio de amor, fazendo dela um ser feliz, completo e realizado. Agora, em seu peito frio pulsava um coração sem alento, que apenas a mantinha viva. Ela sobrevivera, mas, tal como comentara Ben, tornara-se um ser mutilado, incompleto.

A mulher amada era um poema em prosa em que ela se reconhecia. Mischa tinha dito a verdade quando contara que a lembrança dela o tinha mantido vivo durante os anos de separação. O livro abrangia um período de uns quatro anos, começando com a prisão dele, depois daquele encontro na exposição de quadros. Era uma espécie de diário, com cartas de amor, anseios, promessas... mas havia uma unidade.

Ali estava tudo o que havia perdido, tudo o que a desconfiança e o medo tinham destruído. Um amor que tinha sido sem barreiras, temores ou repressões; um amor que vencera desafios do corpo e da mente...

Era quase impossível acreditar numa contradição tão grande: como podia um homem que a amara tanto tê-la magoado com tal crueza e brutalidade? Lucy lembrou o olhar

com que ele a fitara, há seis meses, quando ela lhe entregara os manuscritos. Naquele momento, ele a amava e ela pudera sentir isso.

O que havia acontecido para fazer morrer nele todo esse amor? O que tinha havido para que ele a acusasse tão gravemente e com tanta revolta?

Será que tinha se decepcionado ao conhecê-la melhor? Será que acabara o encanto porque o sonho se transformara em realidade? O que mais poderia ter sido? Mischa talvez não tivesse conseguido amá-la na vida real, tal como a amara em sonhos e fantasias. Ele amava a imagem que tinha feito dela. Como não pensara nisso antes? Todas as acusações de traição e espionagem tinham sido apenas racionalizações para não aceitar o fato real: Mischa simplesmente não a amava na realidade.

Lucy não estava mais chorando. Seus olhos estavam secos e seu coração frio. Ele havia sido um covarde de não lhe ter dito a verdade, isso sim!

Ela não pôde impedir-se de pegar o livro de novo. "O amor é tão poderoso quanto a morte." Era a citação que estava na página de rosto, antes do texto. Lucy se deteve ali, querendo

lembrar de quem era a frase. Já a ouvira antes, mas não conseguia lembrar em que contexto. De repente, pareceu-lhe importante saber.

Olhou para a estante de livros que cobria uma parede da sala. Tinha quase certeza de que a frase era verso de uma poesia... mas, de que autor? John Donne? É, talvez...

Meia hora depois, quando a campainha tocou, Lucy estava sentada no chão, perto da estante, cercada de livros de poesia, ainda procurando a citação. A campainha tocou de novo e ela se ergueu, só então percebendo que já estava escurecendo e tinha parado de chover.

Abriu a porta da frente, com um livro fechado na mão, marcando com o dedo uma página.

— John!

John estava sorrindo, mas seu rosto mudou de expressão.

— Quando você me olha desse jeito, como se tivesse esquecido da minha existência, é porque andou pensando em Busnetsky — disse ele, amargo. — Ele voltou a procurá-la, agora que está aqui na Inglaterra outra vez?

— Não seja ridículo, John! — Lucy riu. — Se estou assim meio distante, é porque estou tentando localizar uma citação! — Ela mostrou o livro e afastou-se, dando passagem a John.

— Entre! Por acaso você sabe de onde é esta frase: "O amor é tão poderoso quanto a morte"?

— Não sei — disse ele, entrando. Lucy fechou a porta e ele a olhou de alto a baixo. — Você deve estar desesperada para encontrar, mesmo... Nem se arrumou! Há quanto tempo está procurando?

— Não sei... mas o que tem que eu não me arrumei?

— Nada... só que eu comprei entradas para o teatro. Você vai assim?

— Meu Deus! Já é tão tarde assim? Puxa, eu perdi a noção de tempo!

Mas era mentira: ela havia, isso sim, esquecido completamente que tinha marcado encontro com John, para irem ao teatro.

— São sete horas.

Lucy guardou, apressada, os livros na estante.

— Prepare uma bebida para você, enquanto eu me arrumo. Não vou demorar mais do que uns dez minutos.

Depois do teatro, foram jantar; e, quando John a levou para casa e quis despedir-se com um beijo, ela não se esquivou, mas também não correspondeu. Ficou fria e indiferente.

Apesar de odiar Mischa, a lembrança dele continuava entre ela e qualquer outro homem com quem se relacionasse.

As críticas sobre os livros de Busnetsky nos jornais de domingo foram unanimemente favoráveis: Mikhail Busnetsky era um escritor de fibra, corajoso e lúcido. Muitos críticos surpreenderam-se, entretanto, com o talento revelado na sua primeira obra de ficção. Um deles comparou *A mulher amada* à *Canção de Salomão*, demonstrando que no texto dele a mulher era uma metáfora da liberdade.

Lucy largou o jornal. Seria possível? Uma metáfora da liberdade!

Será que todo aquele amor apaixonado era dedicado à liberdade, e não a ela, conforme pensara?

Mas, também, que importância tinha isso, agora? Tudo aquilo não passava de um exercício literário! Além disso, odiava Mischa e não fazia a menor diferença se ele a tinha amado ou não, a não ser para seu orgulho.

Saber que ele a amara um dia, fazia com que ela se sentisse menos tola de ter acreditado nele!

Será que Mischa concordava com a análise, um tanto pretensiosa? Com um aperto no coração, Lucy percebeu que, no íntimo, desejava que o crítico estivesse totalmente errado.

CAPÍTULO XVII

Durante os dez dias que se seguiram, Mischa esteve fora dos noticiários. Lucy, que no início dera graças a Deus, começou a se preocupar e resolveu telefonar para seus contatos, para descobrir o que o homem andava fazendo.

Richard Digby estava fora da cidade e no escritório dele ninguém sabia por onde andava Busnetsky. Ligou para o CIL; também lá ninguém sabia de Mischa. Afinal entrou em contato com uma velha amiga de seu pai, que tinha envolvimento com o CIL, uma mulher chamada Mary Regent.

— Ele está aqui na Inglaterra, mesmo — disse ela —, e eu acho que está escrevendo um outro livro. Eu sei que ele não vai fazer nenhuma conferência, até janeiro, pelo menos.

— Aonde ele foi para escrever o livro? — perguntou Lucy.

— Ah, isso eu não sei.

A voz da mulher era agradável e cordial. Fez mais alguns comentários que não levaram a nada e, quando Lucy já estava prestes a desligar, falou de repente, como se tivesse acabado de tomar uma decisão:

— Sabe de uma coisa, srta. Penreith? Não creio que a senhora tenha raiva de verdade de Mikhail Busnetsky. Eu li todas as suas reportagens. Mas como depois que ele voltou dos Estados Unidos a senhorita tem feito com que pareça... egoísta e mesquinho, eu acho que deveria saber que ele doou tudo o que ganhou com *Kafka vivo* ao CIL e à Campanha contra Abusos Psiquiátricos.

Lucy empertigou-se e pegou um lápis.

— É mesmo? E quando foi isso?

— Há algum tempo. Eu achei que seria bom a senhorita ter a informação.

— E eu posso publicar isso?

— Ah... bem... isso eu não sei. Ninguém falou em manter mas...

— Bem, se ninguém disse nada...

— É, não vejo por que não poderia ser publicado — disse Mary.

Quando Lucy desligou o telefone, estava rindo. Ou essa Mary era muito ingênua, ou então era esperta demais e Lucy achava que ingenuidade não era o caso. Ela própria sabia muito bem que Mischa não ia querer que essa informação fosse divulgada. Ele não havia feito nenhuma declaração à imprensa, desde a publicação de suas reportagens e jamais falara de dados particulares.

Ligou para mais outros três contatos, para obter confirmação: depois, com um riso nervoso, colocou papel na máquina e preparou-a para escrever. Sabia que Mischa não ia gostar, mas sentia uma compulsão de desafiá-lo, e escreveu:

"Mikhail Busnetsky, o conhecido intelectual soviético, dissidente exilado que chegou ao Ocidente há seis meses, doente e sem dinheiro, doou a grupos internacionais que defendem direitos civis os direitos autorais de seu livro aclamado pela crítica *Kafka vivo...*"

Naquela tarde, quando saiu do serviço, pouco antes das cinco horas, Mischa estava esperando por ela na rua. O coração de Lucy quase parou ao vê-lo.

Ele se aproximou, segurou-a pelo pulso, com firmeza mas de leve, abriu a porta do táxi.

— Entre.

A voz e a postura eram autoritárias, de imposição, de quem não admite ser contrariado.

— Mas, que diabo você quer? — perguntou Lucy, brava.

— Quero você. Entre, senão vou carregá-la e jogá-la para dentro!

— Eu grito! Vai querer seu nome no jornal, acusado de seqüestro, agora, hein, Sr. Busnetsky?

— Se gritar, eu beijo você! Aqui mesmo, na rua, diante de seus colegas!

— Pode beijar, depois eu grito do mesmo jeito.

— Pois sim! Eu sei como você fica, quando beijo você... Chega de conversa e entre aí no carro!

Lucy entrou e sentou-se bem perto da porta. Mischa falou com o motorista e entrou

também, sentando-se bem perto dela. Lucy encolheu-se, nervosa, enquanto ele sorria.

— Para onde está me levando?

— Para um lugar onde possamos conversar.

Era hora do *rush* e o trânsito estava congestionado. Aquela demora era uma tortura para Lucy, que nem sabia aonde estava indo. Ela já estava achando insuportável, quando o táxi parou diante de uma casa grande, com terraço, na Queen's Gate, perto de Kensington Gardens. Lucy desceu.

— Onde estamos?

Mischa pagou o táxi, depois pegou-a pelo braço e conduziu-a para a entrada da casa.

Sem dizer nada, ele abriu a porta, conduziu-a através de um saguão ladrilhado de branco e preto, onde havia uma ampla escadaria de mármore.

— Estamos na minha casa — disse ele, afinal.

Lucy contemplou a enorme sala muito bem decorada e ficou boquiaberta.

— Sua?! — disse ela, admirando o teto com painéis, que mais parecia uma catedral barroca. — Como é que você arranjou tanto dinheiro?

— Você tem mente mercenária — disse ele, em tom seco. — acabei de negociar uma edição de bolso do *Mulher amada*. Pode publicar isso, se quiser, mas não quero que fale desta casa nem dê o endereço.

Ele tirou o casaco, ajudou-a a tirar o dela e jogou-os no sofá. Havia uma tensão no ar que era quase palpável. Lucy estremeceu sem querer.

Ele foi até uma mesinha onde ficavam as bebidas e ergueu uma garrafa de cristal.

— Está com frio? — perguntou. — Quer um vermute, ou prefere uísque?

— Vermute — murmurou ela, apesar de não estar com vontade de beber.

Mischa serviu a bebida calmamente e aproximou-se para entregar-lhe o copo, que ela pegou, mas não bebeu.

— Será que você se importaria de me dizer o que eu estou fazendo aqui? — perguntou ela, afinal, tentando disfarçar a tensão. E afastou-se, fingindo estar apreciando os móveis.

A expressão de Mischa continuava indecifrável.

— Você não sabe mesmo?

— Não, não sei! — disse ela, com veemência. — Mas, se foi por causa do artigo

desta tarde sobre seus direitos autorais, eu quero lhe dizer que é bom lembrar-se de que você me atirou aos lobos não faz muito tempo, e, além disso...

— Mas o artigo de hoje foi favorável e cordial, por que eu haveria de ficar bravo?

— Porque você acha que está acima de tudo, acha que é intocável! Eu sei que você ficou bravo, não adianta fingir! Foi por isso que me trouxe aqui! Mas saiba que eu sou uma jornalista e publico os fatos. Não me interessa...

Ela parou de falar porque ele estava rindo com gosto.

— Mas não foi por isso que trouxe você aqui, foi porque eu quero você,

— Como assim? O que quer dizer com isso? Você me quer para o quê?

O olhar dele falou claro e, num gesto impulsivo de raiva, ela jogou o copo de cristal, que errou o alvo e foi espatifar-se na lareira.

Mischa largou seu copo na mesa e caminhou para ela. Lucy virou-se e correu para a porta, que não conseguiu abrir.

Ele se aproximou devagar e abraçou-a por trás, segurando-lhe as mãos.

— Não queira lutar contra mim, minha Lucy... — murmurou, roçando os lábios sensualmente na orelha dela.

— Eu odeio você — disse ela, entre dentes, lutando contra a paixão que a proximidade dele provocava. — Por que não me deixa em paz?

Ele, entretanto, virou-a de frente e apertou-a contra seu corpo. Depois, segurando-a pelo queixo, forçou-a a encará-lo.

— Eu não a deixo em paz pelo mesmo motivo por que você não pára de me provocar com o que escreve. Este motivo...

Os lábios dele beijaram os dela com delicadeza e paixão contida, deixando-a atordoada. Para não perder o equilíbrio, Lucy segurou-se nele.

Quando ele começou a beijar-lhe o rosto, de levinho e repetidamente, ela se abandonou como uma flor se abandona à chuva de primavera. Ele a abraçou forte, como se nunca mais fosse deixá-la sair.

— Há um outro motivo, ainda — murmurou Mischa, sem afrouxar o abraço.

Lucy abriu os olhos e encontrou o olhar dele, sério e profundo.

— Eu te amo, Lucy.

— O quê?! Você está brincando comigo!

Ela empurrou o peito dele, mas ele nem se mexeu.

— Eu te amo!

— Não brinque com isso! Assim já é demais... Largue-me! — Ela se debatia para desvencilhar-se.

Mischa segurou-a pelos ombros e sacudiu-a.

— Lucy, pare com isso! O que...

— Largue-me! — gritou ela, realmente em pânico e nervosa. Quando Mischa a largou, ela se empertigou e o olhou, cheia de desgosto e amargura. Deu um passo para trás, trêmula, sem deixar de olhá-lo.

— Você me ama, é? — disse ela, insolente e desdenhosa. — Ama, mesmo? Desde quando?

— Eu sempre amei você, Lucy...

— Não, você nunca me amou! Você nem sabe o que significa essa palavra!

— Não diga isso, eu ensinei a você o que significa o amor.

— Você me ensinou o que significa sexo, isso sim! Sexo, e não amor. Amor eu aprendi sozinha. Aprendi a amar um homem que... Mas foi apenas um sonho. O homem que eu

tanto amei nunca existiu, foi uma ilusão. Isso sim, foi o que você me ensinou, por isso eu odeio você!

Ele ficou contemplando-a por um longo instante.

— Por que você diz que eu fui uma ilusão?

— Por quê?! Ora, você... Está bem, eu vou lhe dizer por que: quando você estava nos Estados Unidos, naquela clínica, eu lhe escrevi uma carta. Você recebeu?

— Lucy, eu...

— Só responda à minha pergunta! Recebeu?

— Recebi, sim.

— Eu sabia! Pois, então, aí está sua primeira resposta. A segunda é esta: John Bentinck escreveu para você, explicando como as entrevistas foram publicadas e como eu não tive nada a ver com isso. Recebeu essa carta?

— Recebi, sim.

Ela o fitou, de cabeça erguida.

— E você acreditou no que ele disse?

— Acreditei.

— Então, muito antes de eu lhe escrever, você já sabia a verdade! No entanto, deixou que uma estranha respondesse à minha carta, deixou que eu passasse por essa humilhação e

sofrimento! E agora vem me dizer que sempre me amou! Como quer que eu acredite? Diga-me só isso: acha que me amava mesmo quando deixou Marsha Miller responder à minha carta por você?

Ela falava com frieza, querendo proteger-se de futuras mágoas que ele lhe pudesse causar.

— Amava, sim.

Lucy deu uma risada nervosa.

— Bem, se esse é o seu conceito de amor, só imagino o que ia ser se você me odiasse!

— Lucy... — começou ele, mas ela o interrompeu.

— Não, espere! Ainda não chegamos ao principal. Você acreditou mesmo que eu tivesse dado informações a Pavel, ou que tivesse traído você, revelando seu paradeiro?

Mischa continuava a contemplá-la, impassível.

— Só por alguns instantes.

— Obrigada. Você confirmou o que eu já sabia; era só isso que estava faltando. Agora, acho que ficou bem claro por que eu odeio você. Você está me dizendo que sempre me amou, mas acontece que já me disse uma vez que nunca me amou. Portanto, em uma das duas ocasiões você mentiu. Levando-se em

consideração tudo o que eu acabei de citar, acho que só posso acreditar que você está mentindo agora.

Ela foi até o sofá, pegou seu casaco de couro e vestiu-o. Com gestos lentos, abotoou-o e amarrou o cinto; depois virou-se para Mischa, com um sorriso frio nos lábios e um olhar vazio.

— Você acabou comigo, Mischa, com tudo o que eu tinha de bom! Agora não tem o direito de fazer de conta que nada aconteceu e querer que tudo volte ao normal, só para me levar para a cama de novo. — Ela fez uma pausa. — E não tem o menor direito de querer que eu acredite que você me ama. Você não tem o direito de me falar de amor.

— Não tenho mesmo — disse ele, sério. — Desculpe-me. Não vou falar mais disso com você.

Ela ainda o fitou por alguns instantes; depois foi até a porta abriu-a.

— Espero nunca mais ver você em toda a minha vida — disse com voz trêmula de emoção.

O rosto de Mischa estava tenso.

— Isso eu não posso prometer.

Lucy saiu e fechou a porta, sem dizer mais uma palavra.

CAPÍTULO XVIII

Aquele foi o pior inverno de que Lucy tinha lembrança.

Pouco antes do Natal, numa manhã de sábado, ela estava à mesa do café, contemplando os flocos de neve que se acumulavam na vidraça e nos galhos nus das árvores. Estava mais magra ainda e não se sentia com muita resistência para enfrentar um inverno tão rigoroso.

Ia passar o Natal como vinha fazendo há três anos, depois da morte do pai: em Richmond, com a família numerosa de uma amiga do tempo da faculdade. Aquele sábado era o último dia que tinha para fazer as compras de Natal e sua lista era bem grande. Sempre gostara de comprar presentes nessa época, mas desta vez sabia que ia ser uma tarefa penosa.

Sentia desânimo só de pensar nas ruas e lojas apinhadas de gente que iria enfrentar,

mas não podia ir a Richmond sem levar presentes.

O Natal foi agradável e alegre. Sua amiga Miranda tinha levado mais um de seus namorados para conhecer a família dela e o rapaz acabou fazendo um sucesso total; todos gostaram dele.

Bem mais tarde, Lucy e Miranda conversavam, enquanto se preparavam para dormir. No dia seguinte, Lucy iria voltar para Londres.

— Você acha que eu devo me casar com ele? — perguntou Miranda, rindo, enquanto escovava os cabelos ruivos.

— Você o ama?

— Claro que amo! Aliás, eu amo todos os meus namorados, você sabe disso!

Lucy fechou os olhos e por instantes teve inveja da amiga, que conseguia ser volúvel e feliz.

— Você não está nada bem, não é, Lucy?

Ela abriu os olhos e deparou com Miranda, que a olhava sinceramente preocupada.

— Estou bem, sim, é claro.

— Mas não parece. Deve ser por causa deste inverno horrível! Talvez fosse bom mudar de ares, viajar para um lugar mais quente.

— Não posso me dar a esse luxo. — Lucy riu, fingindo displicência.

Aprendera há algum tempo que Miranda era amiga só para os bons momentos. Apesar de se mostrar preocupada, não ia além disso e não se podia contar com ela. Por isso não queria comentar seus problemas e preferiu disfarçar a tristeza.

— Pois eu continuo achando que você deveria viajar, mesmo que tenha de pedir dinheiro emprestado. Você está com uma aparência terrível!

Realmente, Miranda tinha razão e, alguns dias mais tarde, Lucy concordou com ela. Precisava sair de Londres de qualquer jeito! Ia ter mesmo uma semana de férias e, se não estava em condições de viajar para o estrangeiro, poderia muito bem ir para o interior... Lake District ou a Cornualha, por exemplo. Pelo menos nesses lugares não encontraria turistas nessa época do ano. Ou então, Gales.

— Acho que você chegou bem na hora — disse Brigit, parada diante da janela da cozinha de Mairi, olhando o céu com ar de preocupação. — O dia está esquisito, hoje, parece que vem alguma coisa por aí.

— Neve — disse Alun, que vinha entrando naquele momento, e foi até o velho fogão de lenha para aquecer as mãos. — Georgy está prevendo uma tempestade muito feia.

Georgy era um velho que tinha sido marinheiro e que costumava fazer previsões do tempo com mais precisão do que a BBC, segundo os populares.

— Quer ficar aqui, Lucy? — disse Brigit, preocupada. — Nós temos um quarto de hóspede, você sabe.

Lucy agradeceu e recusou, sorrindo. Nesse momento, chegou Rhodri, correndo, todo agasalhado.

— Já levamos carvão lá para o seu chalé — informou ele. — E lenha também. Alun e eu e... nós não queremos que você passe frio.

Lucy abraçou-o.

— Obrigada. Vocês são tão gentis, cuidando de mim, assim! Eu não imaginava...

— E se nevar, como Georgy está prevendo...

— Lucy — interrompeu Brigit —, tem certeza de que não prefere ficar aqui em nossa casa, pelo menos até depois dessa tal tempestade?

Seria o mais sensato, mas Lucy queria mesmo ficar sozinha naquele chalé, longe de todos, até mesmo do aconchego daquela família.

— O quê? — disse Rhodri, indignado. — Depois de todo o trabalho que Alun e eu tivemos? Não, não, você quer ficar lá, não quer, Lucy? Além disso, há uma surpresa lá, para você... e eu não posso contar o que é.

— Quero, sim. E é melhor eu ir indo, para me instalar antes que escureça.

Ela se ergueu, agradeceu-lhes pelo trabalho de terem preparado tudo e pegou a chave que Brigit dera a ela. Todos acompanharam-na até o carro, para vê-la partir.

— Você tem bastante mantimentos? — perguntou Brigit, inclinando-se na janelinha do carro.

— Tenho, sim. Eu fiz compras em Fishguard. Não vou ter que sair para nada, só para comprar jornal.

— Se você não aparecer por aqui, a gente manda Rhodri lá para ver como estão as coisas, está bem? — disse Brigit.

Lucy despediu-se, rindo, e foi embora. O vento já estava bem mais forte e, olhando as nuvens negras no céu, Lucy se perguntou se não seria imprudência o que estava fazendo.

Helen a entusiasmara quando ela pedira para ficar uma semana no chalé. Dissera que Gales era uma beleza no inverno e que devia mesmo ir, embora ela e Richard precisassem ficar em Londres até fevereiro.

Lucy parou o carro perto do portão branco e olhou para o céu outra vez, antes de começar a levar as coisas para dentro. Precisou ir e voltar três vezes, cheia de sacolas e malas que ia deixando diante da porta. Estava saindo fumaça de sua chaminé, que o vento dispersava de imediato. Então essa devia ser a surpresa de Rhodri: ele e Alun tinham acendido a lareira para ela! Era por isso que ele queria tanto que ela fosse para lá!

Não precisou da chave; eles haviam deixado a porta destrancada. Lucy colocou tudo para dentro da cozinha, depressa, e fechou a porta.

Deixou os sacos com as compras no chão e foi levar as malas para o quarto. Mas, ao chegar na porta da sala, parou, petrificada. Levou um susto tão grande que derrubou as malas. Depois ficou parada, olhando, incrédula e desolada.

Sentado no sofá, diante da lareira, estava nada mais nada menos do que Mikhail Alexandrovich Busnetsky, muito senhor de si, sentado à vontade, os braços abertos apoiados no encosto e uma perna cruzada sobre a outra, como se fosse o dono. Estava de calça jeans e malha de gola alta azul-marinho e parecia mais um marinheiro ou um cigano.

Os dois se entreolharam e Lucy sentiu-se como se o visse pela primeira vez. O rosto expressivo e inteligente, com marcas de dor e sofrimento e de uma indomável coragem.

Este era o último lugar do mundo em que ela queria ou imaginava encontrar Mischa!

— O que está fazendo aqui? — perguntou, quando conseguiu recuperar a fala.

— Estou aqui para escrever um livro. E você, o que veio fazer?

Lucy começou a tirar o casaco, tentando não parecer ridícula, parada, ali, com cara de espanto.

— Eu vim aqui para pensar e descansar, mas já estou vendo que vai ser difícil. Espero que não esteja planejando escrever o livro neste chalé, pelo menos!

— A idéia não deixa de ser atraente, mas eu estou alojado no meu mesmo.

— Ótimo! Então, que tal voltar para lá?

— E você não vai nem me agradecer por ter acendido a lareira e ter deixado a casa quentinha? Afinal, foi uma recepção calorosa!

Lucy olhou para ele. Fazia muito tempo que Mischa não brincava com ela.

— Será que devo agradecer a você ou a Rhodri?

— Nós arrumamos tudo juntos, mas quem acendeu o fogo fui eu.

— E disse a Rhodri para não me contar que você estava aqui? — perguntou ela, só então entendendo que essa era a surpresa de que o menino tinha falado.

Mischa deu de ombros.

— Quis evitar que você corresse demais, na pressa de me ver — disse ele, de um jeito que provocou riso nela.

— Ah, era bem capaz, mesmo! Agora, será que... — Ela se interrompeu, indecisa, lá pedir para ele fazer o favor de sair, mas a neve já

começara a cair, e ela acabou dizendo: — Será que me dá licença? Vou trocar de roupa.

Ele se ergueu e foi pegar as malas para ela, levando-as para o quarto e colocando-as sobre a cama. Lucy foi até o guarda-roupa, nervosa com a presença dele ali.

— Não me convida para um chá? — perguntou ele, com um sorriso no olhar, como se nada de ruim tivesse acontecido entre eles, como se os últimos oito meses não tivessem existido.

— Eu... hum... é, por que não? Estou mesmo com fome, preciso comer alguma coisa. Vou tirar esta roupa...

— Você dirigiu o dia todo, é melhor tomar um banho bem quente para relaxar. Enquanto isso, eu preparo a comida.

— Está bem, mas Mischa...

Já na porta, ele parou e olhou para ela.

— o que é?

— Não pense... — Lucy baixou as pálpebras — não pense que porque aceitei sua companhia... eu mudei de idéia a respeito...

— Não vou esquecer o que você sente por mim, não se preocupe. Não precisa ter medo de mim; você não tem nada a temer.

Houve uma pequena pausa.

— Obrigada.

Quando saiu do banho, ela se sentia aquecida e limpa, mas não relaxada. Foi até a cozinha, usando apenas o roupão vermelho, de toalha, e parou na porta.

— O que é que vamos comer? — perguntou ela.

— Omelete. Avise-me quando você estiver pronta.

— Está bem.

— Lucy!

Lucy já estava se afastando quando a voz suave dele a fez parar. Seu coração bateu mais forte e, sem dizer nada, ela se virou e olhou para Mischa.

Ele se aproximou, parou diante dela, e segurou-a pelos ombros, olhando-a nos olhos, com carinho.

— Será que podemos, pelo menos durante esses poucos dias em que seremos vizinhos, esquecer tudo... paixões, emoções violentas... e tentarmos ser amigos, amáveis um com o outro? Não gosto de vê-la se retraindo e fugindo de mim como se eu fosse bater em você a qualquer momento. Você não precisa ter medo de mim... não vou magoá-la mais. Tente acreditar nisso, por favor.

Ela fechou os olhos, querendo acreditar, mas sabia que Mischa sempre teria o poder de magoá-la e fazê-la sofrer.

Pela primeira vez em muitos meses, Lucy sentiu derreter-se um pouco do gelo que agora envolvia seu coração.

— Se eu acreditar em você e você me magoar de novo... desta vez eu morrerei... — disse ela, olhando-o nos olhos.

— Eu sei, por isso vou ter muito cuidado com você.

A coisa que Lucy mais queria na vida era confiar nele de novo. Eles não seriam mais amantes, como ela havia pensado que seriam para sempre, inseparáveis. Mischa estava sendo mais do que isso, ele a estava compreendendo.

— Está bem — disse ela —, podemos tentar ser amigos.

— Olá, amiga — falou ele, com voz tão suave que foi quase um sussurro.

Depois inclinou-se devagar, sorrindo, e beijou-a delicadamente nas faces. Instintivamente, Lucy o beijou também, apenas roçando com os lábios o rosto dele. Foi o bastante para que se sentisse alvoroçada. Podia ser que ela fosse uma tola, mas era

besteira continuar sufocando suas emoções só porque o homem que amava não soubera como lhe dizer que errara. Afinal, ele havia tentado uma explicação! Devia perdoá-lo, esquecer as mágoas e tentar recuperar seu equilíbrio emocional. Se continuasse amargurada daquele jeito, jamais poderia vir a amar outro homem...

Ao terminarem a deliciosa refeição que Mischa havia preparado, sentaram-se no sofá, diante da lareira, que ele mantinha acesa, e conversaram. Às vezes ficavam em silêncio, ouvindo o crepitar do fogo, olhando a neve que se acumulava na vidraça...

Quando ele passou o braço por seus ombros, trazendo-a para perto de si, ela não protestou. Descansou a cabeça no peito dele, sentindo com prazer aquele perfume característico que já conhecia muito bem.

— Sabe, acho que nunca mais nada vai me magoar de novo... — murmurou ela, sem saber por que falara aquilo.

— Nunca mais, enquanto eu estiver por perto.

Mesmo sabendo que ele dissera aquilo apenas por amizade, era reconfortante ouvir e fazia com que se sentisse protegida.

— E quando Marsha Miller estiver por aqui, nós ainda poderemos ser amigos?

— Ela não vai aparecer por aqui. Por que acha que ela viria?

— Ela não é sua namorada?

— Não.

— É muito bonita, não é?

— É, sim.

— Como você a conheceu?

— A mãe dela organizou uma de minhas conferências e Marsha se afeiçãoou a mim.

— Ah, é? E você aceitou assim, sem dizer nada? Ou será que não podia se descartar de uma mulher bonita como ela?

— Eu não quis afastá-la porque ela me lembrava muito você; mesmo cabelo, as mesmas pernas compridas.

— Ah, essa não! — Lucy tentou se endireitar no sofá, mas ele segurou, fazendo continuar onde estava.

— Não precisa se apavorar. Só estou respondendo o que você perguntou. Será que isso é tão perigoso?

— Não... — respondeu ela, sentindo o coração bater mais forte. — Você não quis se afastar de alguém que se parecia comigo, no entanto...

— No entanto, o quê? — perguntou ele, com suavidade, e ela percebeu, pelo tom de voz, que Mischa queria discutir o assunto, queria esclarecer as coisas.

Mas ela não teve coragem de continuar falando, tentou sair de onde estava, mas outra vez ele a impediu.

— Não é minha intenção magoá-la com o que vou lhe dizer, Lucy. Enquanto estive nos Estados Unidos, eu tentei o impossível, ou seja, esquecer você. Procurei pensar só na minha saúde, nos exercícios que fazia e esquecer você. Cheguei a achar que conseguiria... Às vezes eu passava quase o dia todo sem pensar em você. Foi então que chegou a sua carta. Quando vi sua letra no envelope, entendi que não tinha conseguido esquecer a coisa nenhuma e que, se eu lesse a carta, ia ser pior ainda... Por isso deixei-a junto com a correspondência geral que Marsha respondia por mim.

À medida que ele falava, Lucy sentia um aperto no coração.

— Você queria se livrar de mim?

Mischa contemplou-a longamente.

— Como, meu amor? Eu a amava tanto! Muito mais do que me imaginei capaz, muito mais do que o que está no livro que escrevi para você... Quando aconteceu a divulgação de meu paradeiro pela imprensa, percebi que, se você me traísse, eu morreria, não iria suportar a dor, embora já tenha suportado muitas coisas...

— Mas ela nunca...

— Não, eu sei que não. Eu sabia que você jamais faria uma coisa daquelas, mas, o que me assustou foi constatar que eu a amava demais e que isso lhe dava um poder ilimitado sobre mim.

— Você tinha o mesmo poder sobre mim — murmurou ela. — Eu achei que você havia descoberto que não me amava, que a realidade não correspondia à imagem que você tinha feito de mim durante oito anos...

Mischa ficou olhando-a nos olhos por um longo instante, como se quisesse ler sua alma. Depois suspirou fundo. Em seguida, inclinou-se um pouco para frente e esvaziou o cachimbo na lareira.

— Acho que está na hora de eu ir para casa — disse ele, interrompendo bruscamente a conversa e quebrando o clima de aconchego e união que havia se estabelecido entre eles. — Já é tarde e meu chalé deve estar gelado.

Lucy ergueu-se e sentiu um arrepio de frio, por estar longe dele,

— Até aqui já está gelado! Meu Deus, a temperatura deve ter caído muito!

— Olhe só lá fora! — disse Mischa, apontando para a janela. Estava tudo coberto de branco.

— Mas ainda não é época de nevar tanto assim!

Mischa deu risada, achando graça daquele protesto.

— É, mas parece que o tempo se esqueceu disso.

Foram até a cozinha e, quando pararam diante da porta, ele fez uma carícia de leve no rosto dela, para se despedir.

— Você está sem sobretudo?

— É, eu deixei no meu chalé. De tarde não estava tão frio.

— Meu Deus! E seu chalé deve estar gelado... — disse ela, sem entender por que de repente achava insuportável vê-lo ir embora e

ficar sozinha. — Não quer ir lá acender a lareira e voltar até esperar que o chalé fique quentinho?

— Mischa sorriu, olhando-a com ternura.

— Será que você ainda não entendeu que o que não quero mesmo é sair daqui? Foi por isso que eu disse que está na hora de ir embora, Lucy...

Ela ficou sem jeito.

— Ah, bom... hum, boa noite, então, Mischa.

— Boa noite, Lucy. Não deixe a lareira apagar. Acho até que é melhor você arrumar sua cama no sofá.

— Está bem.

Uma lufada de ar gelado e flocos de neve entraram quando Mischa saiu. Depois a porta se fechou e Lucy se viu sozinha, sem Mischa, mas não ficou satisfeita como imaginou que ficaria.

CAPÍTULO XIX

Novou durante a noite toda e, de manhã, quando Lucy acordou, ainda estava nevando. A

paisagem que se via das janelas do chalé estava completamente transformada, assim, toda coberta de branco, a ponto de parecer outro lugar.

Ela de fato arrumou sua cama no sofá da sala, que estava bem mais aquecida do que o quarto. Custou a dormir, não por causa do frio, mas sim porque não conseguia parar de pensar na conversa que tivera com Mischa, pouco antes.

Mischa chegou quando ela estava colocando água na chaleira. Trazia duas trouxas amarradas e estava coberto de neve da cabeça aos pés. Ficou parado na porta, parecendo o Abominável Homem das Neves, e Lucy caiu na risada. De repente, seu coração ficou mais leve e tudo ali se iluminou, como se o sol tivesse entrado chalé adentro.

Lucy pegou uma toalha para tirar a neve dos ombros dele, mas ria tanto que nem conseguia fazer nada direito.

— Ah, se você soubesse como está engraçado...

Xingando baixinho, ao mesmo tempo em que ria, ele tirou a toalha das mãos dela.

— Se deixar entrar mais neve pela minha gola, você é que vai ver como vai ficar engraçada! Eu também vou rir quando você cair...

— Ah, então foi isso, você caiu na neve?! Mas logo você, o lobo das estepes siberianas!

Mischa olhou para ela, sorrindo, e fez cara de ameaça.

— Que tal um abraço do lobo da Sibéria? — disse ele, avançando.

Lucy pulou para trás com um gritinho e Mischa caiu na gargalhada, largando as trouxas no chão.

— Nada de abraço, vou fazer café. O que é isso aí?

Lucy apontou uma trouxa que ele havia colocado sobre a pilha de lenha. Quando ele a abriu, rolaram coisas em todas as direções.

— Comida. Todos os meus mantimentos, aliás, e na outra trouxa estão minhas roupas. Estou me mudando para cá.

Lucy ficou olhando, atônita.

— Por quê?

— Porque essa neve não vai parar, e a temperatura vai cair ainda mais. Bobagem tanto esforço para manter duas casas quentes, quando podemos economizar ficando em uma

só. Além do mais, podemos precisar um do outro.

— Você quer dizer que eu posso precisar de você, não é? Porque você não precisa de ninguém ... muito menos de mim.

— Não tenha tanta certeza, assim.

Continuou nevando sem parar o dia todo, criando um tal silêncio e uma luminosidade que faziam com que o chalé parecesse isolado do mundo. Mischa e Lucy estocaram carvão na cozinha e cataram o máximo de lenha que conseguiram pelas redondezas. Acenderam o forno do fogão, que deixavam aberto quando queriam esquentar a cozinha, e mantiveram o fogo da lareira sempre aceso.

Passaram a maior parte do dia sentados no sofá, diante da lareira, jogando xadrez, cartas, ou apenas conversando.

Lucy sentia-se feliz e mais de uma vez suspirou, de pura satisfação. Se ao menos, pudessem viver sempre assim, sem interferências do mundo exterior! Ah, se eles não tivessem se separado desde aqueles dias maravilhosos, há oito meses! Como poderiam estar sendo felizes!

Ela tentava evitar esses pensamentos porque sabia que, quando a neve derretesse e

o mundo exterior voltasse a interferir, iria sofrer ainda mais do que antes.

— Quer tomar um chocolate quente? — perguntou, com um jeito tão próprio de esposa que não pôde evitar rir quando percebeu.

Eram pouco mais de onze horas da noite e tinham acabado de ouvir o noticiário pelo rádio.

— Puxa, até parece que já somos casados há uns vinte anos — comentou ela, ainda rindo. — Mas o que há de melhor para esquentar a gente, numa noite dessas?

— Eu conheço outros métodos — disse ele, sorrindo —, mas aceito o chocolate quente mesmo assim.

Ela acompanhava as músicas do rádio, cantarolando baixinho enquanto preparava a bebida cremosa e perfumada. Quando ficou pronta, encheu duas canecas grandes e arrumou a bandeja, com um prato de bolachas.

Ia indo, distraída, e quase derrubou tudo quando entrou na sala e viu aquilo: o sofá tinha sido afastado da lareira e, no lugar dele, no chão, estava o colchão de casal de sua cama, arrumado com cobertores e dois

travesseiros. Mischa estava pondo carvão na lareira.

Lucy parou perto do colchão e olhou para ele.

— Mas, o que é isto? — perguntou ela, e sua voz não soou calma como queria.

Mischa virou-se com naturalidade, como se não tivesse percebido o tom de pânico.

— E o lugar onde vamos dormir esta noite — disse ele. — Vamos precisar do calor de nossos corpos e de todos os cobertores da casa, se não quisermos ficar congelados.

— Não vou dormir na mesma cama com você!

— Por que não? — perguntou Mischa, admirado, como se não houvesse nenhuma razão.

Ela ficou confusa de repente e baixou as pálpebras.

— Porque... porque não, ora.

— Você vai dormir aí, sim, e deixe de bobagens! Não vou me sujeitar a passar frio à noite por causa de escrúpulos bobos, ou de caprichos. Já passei muito frio em minha vida!

— Eu não vou...

— Vai, sim. Vai dormir comigo no mesmo colchão e sob as mesmas cobertas! Ninguém

vai se arriscar a pegar uma pneumonia ou mesmo um resfriado que seja! — Ele se sentou no colchão, pegou uma das canecas e sorriu para Lucy. — Agora, vamos tomar nosso chocolate quente, tão caseiro, e vamos deitar. Já que estamos casados há uns vinte anos, podemos muito bem passar uma noite sem fazer amor, se é isso que está preocupando você.

Era exatamente isso que a estava preocupando, embora não dissesse nada.

— Não, nada disso — disse Mischa, como se estivesse lendo seu pensamento. — Você prometeu esquecer tudo durante esses dias. Somos apenas amigos, Lucy. Só isso.

Ela foi se trocar no banheiro, e colocou seu pijama de flanela. Quando voltou, Mischa olhou para ela de onde estava, agachado perto da lareira.

— Você sempre usa esse traje de dormir tão pouco feminino?

— Sempre.

Mischa Sorriu para ela.

— Se fosse minha mulher, aposto como não iria querer dormir com essas roupas nem quando estivesse sozinha! Que diabo de

homem é o seu, que não dá a menor alegria ao seu lindo corpo?

— Adivinhe... — disse Lucy, irônica.

— É o homem que lhe ensinou que o amor é sofrimento!

— Justamente! — disse ela, depois fez uma pausa e acrescentou: — Bem, mas é melhor deitarmos logo, embora eu ache que essa cama vá estar mais fria do que você imagina, mesmo com esses cobertores e com o calor de nossos corpos!

Enquanto Mischa foi tomar banho e se trocar, ela apagou a luz, deixando só um abajur que tinha posto no chão, ao lado da cama. Depois enfiou-se entre as cobertas e ficou apoiada num cotovelo, olhando para as brasas na lareira...

Mischa surgiu na sala, pouco depois, com o cabelo molhado e uma calça branca de malha, com elástico na cintura, que mais parecia de abrigo. Da cintura para cima, estava nu. Lucy surpreendeu-se.

— Será que você não pode usar pijama como todo mundo? — disse ela. — Para que dormir desse jeito?

O corpo dele era musculoso e moreno.

— Não tenho pijama, eu não uso. Isto aqui — ele indicou a calça de malha — é uma concessão ao seu recato.

— Pois devia ter — disse ela, constrangida.
— Não sei por que não tem!

Ele, que continuava parado onde estava, com as mãos na cintura, olhando para ela, caiu na risada.

— Porque pijama é uma restrição desnecessária à liberdade do corpo — disse ele, ajoelhando-se no colchão e puxando as cobertas para entrar — e eu quero ser livre.

Ele se deitou ao lado dela, espreguiçando sensualmente seu corpo másculo, perfumado de banho.

— Ah, que delícia! — suspirou ele, cruzando os braços por baixo do travesseiro. — Quem inventou o colchão de espuma deve estar milionário, não é?

Lucy não pôde deixar de rir com o comentário inesperado.

— Como é que vou saber?

— Ué, ele não é famoso? Os americanos fazem todo mundo virar herói, não fazem? Pois, então, não vão deixar escapar esse!

— Da próxima vez que eu falar com um correspondente americano, vou perguntar isso por você, está bem? — Ela riu de novo.

— Ah, muito obrigado.

Fez-se um instante de silêncio.

— Lucy — disse ele de mansinho, estendendo o braço para ela —, venha cá. Não tenha medo de mim... só quero conversar.

Sem poder resistir ao apelo, feito naquele tom de voz, ela deslizou um pouco e apoiou a cabeça no ombro dele, apesar de se sentir tensa.

— Como você está quentinha... Lucy, minha Lucy... não tenha medo de mim. Não vou fazer amor com você, por mais que eu queira.

— Por que não? — murmurou ela, sentindo um calafrio.

— Porque você me odeia e por que eu amo você. E quero que me ame, quando fizermos amor.

Ela ficou mais tensa ainda, e ele sentiu.

— Mischa, eu nunca vou amar você, nem pense nisso.

Mischa ficou em silêncio por alguns instantes.

— Mas você já me amou, Lucy! — disse ele, afinal. — Você já me amou, lembra-se?

— Engano meu.

Ele se ergueu um pouco para olhá-la melhor e acariciou-lhe o braço, fazendo-a tremer.

— Você treme quando eu toco em você, Lucy! Você treme de desejo! Acha que isso não significa nada?

— Significa que você é um homem muito atraente e que eu me sinto atraída por você.

— Só isso? E quantos outros homens atraentes provocam essa mesma reação em você? Quantos homens você teve, desde que nos separamos, na primavera?

Lucy arregalou os olhos, assustada, e depois virou o rosto para o outro lado. Mischa segurou-a pelo queixo e fez com que ela o olhasse bem dentro dos olhos.

— Responda! Um? Dois? — Ele fez uma pausa, mas ela não disse nada. — Três?

— Não! É claro que não! — explodiu Lucy.

— Claro que não? Por quê? Uma mulher bonita como você, apaixonante, sensual, inteligente, meiga! Quer me dizer que nenhum homem tocou em você, desde que eu fui embora?

— Exatamente — disse ela, com raiva de não conseguir mentir.

Mischa respirou fundo.

— E você ainda diz que só me quer porque eu a atraio fisicamente? — Ele fez uma pausa. — Mas quantas idéias falsas sobre o amor são divulgadas! Agora, o que me espanta mais é você acreditar nessas besteiras!

— Besteiras, por quê? Você também sente atração física por mim, Mischa, eu sei muito bem!

Ele riu de mansinho, passando a mão pelo rosto dela.

— É claro que sinto, meu amor, mas é justamente porque amo você. As coisas não são assim separadas. É natural que sinta isso!

Ela estava prestes a chorar.

— Pois tem uma maneira muito estranha de demonstrar seu amor! Eu nunca mais vou acreditar que você me ama, Mischa! Não vai conseguir me convencer.

— Eu vou convencê-la, sim, e vou provar que só amo você. Leve o tempo que levar, Lucy, porque sei que você também me ama! Pensa que me odeia porque a fiz sofrer, mas eu sei que atrás de todo esse rancor ainda existe amor.

Mischa apertou-a contra o peito de leve e acariciou a testa dela com os lábios.

— Não pense mais nisso agora. Quero que durma, assim, e encostadinha em mim como se fôssemos casados há vinte anos... e como ainda seremos um dia. Durma, meu amor. Não pense em nada, só quero que saiba uma coisa; eu sempre amei você e vou amar até o fim da vida.

Lucy estava tendo um pesadelo em que se via perdida no meio da neve, debatendo-se para não afundar e não se congelar e sentia-se terrivelmente só e abandonada. De repente, surgiu diante dela uma casa, que era seu lar da infância, em Vancouver, e ela entrou numa sala aconchegante e aquecida por lareira. Sentiu-se então protegida e uma sensação de plenitude e felicidade a invadiu. Estava aquecida e não estava mais só. Ela murmurou no sonho:

— Que bom... — mas saiu em voz alta, e o som de sua voz acordou-a.

Estava enroscada em Mischa, que a abraçava protetoramente. Ele a viu acordar e ergueu um pouco a cabeça do travesseiro.

— Você chutou as cobertas — murmurou — e ficou gelada. Quando eu a abracei para esquentá-la, você disse "Que bom!"

Ele apertou o abraço.

Naquele estado de sonolência em que estava, ainda entre o sonho e a realidade, pareceu-lhe a coisa mais natural do mundo que Mischa a abraçasse, e, quando ele a beijou na boca, ela se entregou sem restrições o prazer que a invadiu, sentindo-se realmente aquecida.

Ele afastou o rosto um pouco para contemplá-la.

— Você está tão linda!

Quando a beijou de novo, foi um beijo prolongado e sensual, sua língua procurando com intimidade a maciez e o recesso daquela boca feminina tão amada, fazendo-a arrepiar-se. Mischa se ergueu um pouco mais e, ao deitar-se sobre ela, as cobertas escorregaram de suas costas. Atordoada de sono e paixão, Lucy o envolveu nos braços. A quentura daquele corpo de pele macia e músculos rijos despertou em seu íntimo uma emoção tão violenta que ela o apertou com força, como se quisesse entrar por seus poros, como se nunca mais fosse largá-lo.

— Mischa... — murmurou ela, num gemido apaixonado que dizia tudo.

Ele segurou o rosto dela entre as mãos e traçou com beijos o contorno do pescoço, dos ombros... inflamando-se cada vez mais com a reação que despertava nela.

Lucy sentiu-se a mulher mais feliz do mundo, como se estivesse no céu, perto das estrelas, fazendo parte do infinito.

Com mão trêmula, Mischa desabotoou o paletó do pijama dela, que vibrava com intensidade ao perceber o quanto o afetava, o quanto provocava o desejo dele. Lucy queria que o tempo parasse nesse momento, para que ficassem sempre um nos braços do outro.

— Lucy... Lucy... esperei tanto por você!

Com as mãos afagando-lhe os seios, ele a olhou bem dentro dos olhos e sorriu quando ela gemeu de prazer.

— Está vendo?

E ela percebendo, afinal, que era inútil negar o que ele já sabia, admitiu.

— Estou, sim, você tem razão...

Ele continuou as carícias que iam ficando mais ousadas e íntimas e iam transportando-a num crescendo de emoção e prazer. Lucy sentia-se totalmente entregue; os braços, agora

inertes, descansavam no travesseiro, enquanto ela desfrutava, extasiada. Mischa segurou-lhe os pulsos e, deitado sobre ela, começou a beijá-la de leve no rosto e no pescoço. Lucy, agoniada de desejo e paixão, queria que ele a possuísse; excitada ao máximo, movimentava os quadris, atraindo-o para bem junto de seu corpo.

Ele ergueu um pouco o rosto para contemplar o prazer estampado no rosto dela, feliz de saber que tinha o poder de provocar isso. Olhou-a bem dentro dos olhos, com um sorriso apaixonado.

— Mischa... agora... — pediu ela.

— Ainda não — disse ele, controlando-se com muito esforço. — Primeiro quero ouvir você dizer que me ama.

De repente, toda a mágoa dos oito meses de separação lhe voltaram à mente. Era como se ela estivesse acordando de um estado de torpor mental, recuperando a lucidez. Lembrou-se com nitidez do quanto ele a tinha feito sofrer, rejeitando-a quando ela suplicava aos prantos o seu amor. Um homem que amasse de verdade não a teria feito passar por isso! Por mais que ele repetisse, não a faria crer que a amava!

— Eu não amo você, eu o odeio! — disse ela, fria. Todo o seu ardor esfriara de repente, com as lembranças. — Largue-me!

O olhar de Mischa anuviou-se com o sofrimento, e ele a apertou convulsivamente.

— Você me ama sim.

— Não! Eu não te amo! Eu te odeio!

— Por acaso isso é só atração física, só desejo? — perguntou ele, angustiado.

— Odeio essa palavra e odeio você!

— Está bem, então, se é assim que você quer... — A voz dele, mudou para um tom de ameaça. Vamos satisfazer apenas nossos corpos!

Ela quis protestar, mas, antes que sua voz saísse, ele se apossou de sua boca com um beijo ardente e enfurecido. As caricias não eram mais suaves e ela ficou totalmente à mercê dele, incapaz de impedir seu corpo de se entregar e de sentir prazer com aquela doce tortura.

— Se é disso que você gosta, eu posso lhe dar... e você vai ver só... — disse ele, decidido a afogá-la de prazer.

Seus afagos ardentes a faziam gritar, gemer e até chorar. Ele a conhecia bem, sabia

como provocar as reações dela. A intimidade entre eles era muito grande.

Quando, afinal, chegou o momento culminante, ela o agarrou com força e ele a acompanhou, gemendo com ela na mesma emoção.

— Eu te amo! — gritou Lucy, admitindo afinal a verdade que ela tentara sufocar no peito.

Ela o amava e não queria mais se esquivar desse sentimento maravilhoso, mesmo que fosse sofrer depois, mesmo que fosse esse o preço. Queria amar com todas as suas forças, sem barreiras nem repressões.

— Eu te amo, Mischa! — repetiu ela, com os olhos cheios de lágrimas. — Amo você, amo seu corpo, amo sua alma!

Mesmo depois de saciado o desejo, seus corpos continuaram juntos. Ele a abraçava, acariciando-a com ternura.

— Ah, que bom ouvir você dizer isso, meu amor! Não se reprima mais. Eu amo você de verdade, pode me amar, sem receios! Lucy, minha adorada!

CAPÍTULO XX

Trefelin parecia estar coberta por um lençol branco que se estendia do penhasco, a perder de vista. Das chaminés das casas, subiam rolos de fumaça; o sol brilhava no céu azul e límpido, refletindo na neve acumulada e produzindo uma claridade de fazer doer os olhos.

— Bom dia! — disse Rhodri, chegando na porta do chalé, agasalhado da cabeça aos pés e coberto de neve. — Vocês viram só que nevada?

— E quem não viu? — disse Mischa, rindo, com o cachimbo preso entre os dentes.

Lucy caiu na risada.

— Mas agora não está mais nevando! Onde é que você esteve, para ficar desse jeito? Numa avalanche?

Rhodri sacudiu-se um pouco. Seu rosto sorridente estava corado e seus olhos brilhando de contentamento de ver os dois amigos mais queridos. Lucy também alegrou-se ao vê-lo, gostava muito dele.

— No Canadá também tem bastante neve, não tem? Como era na sua casa, Lucy?

— Depende; onde eu morava, nem no Natal nevava. Quem entende de neve é o nosso amigo Mischa...

Rhodri sacudiu-se mais um pouco e entrou na cozinha, fechando porta atrás de si. Só então deu para ver que ele estava com um casaco branco.

— Ah, eu pensei que fosse tudo neve! — disse Lucy, rindo.

— É, mas tinha bastante por cima do casaco — disse ele, olhando para o chão à sua volta, onde a neve tinha caído. — Eu gosto, sabia. Nunca tinha visto tanta neve assim! É tão branquinha, não é? A Brigit mandou um pão feito em casa para vocês, só que acho que já esfriou. — Ele estendeu um embrulho. — E mandou perguntar se vocês estão bem.

Lucy pegou o pão, ainda rindo.

— Tire o casaco, Rhodri, e venha tomar café conosco.

— Não posso. Brigit falou para eu não aceitar, por mais que vocês insistissem, e Mairi também. Disseram para eu voltar logo que elas queriam saber... — Ele olhou de um para o outro. — Queriam saber se vocês vão se casar, afinal. Brigit disse que não era para eu

perguntar, mas acho que não tem importância, não é? Eu também quero saber.

O pão ainda estava morno e Lucy sentiu seu cheiro gostoso quando o desembulhou.

— É claro que vamos nos casar! — disse Mischa.

— Que bom! — exclamou Rhodri, e correu para a porta. — Tem uma igreja em St. David. Vocês podem se casar lá!

Com um gesto rápido, ele abriu a porta e saiu, para percorrer de volta o longo caminho.

Lucy e Mischa ficaram parados à porta, olhando para a vila, ao longe, e para as marcas de passos que Rhodri deixara na neve. Depois respiraram fundo, enchendo o pulmão daquele ar frio de inverno.

— Quanta neve! — disse Lucy. — Que nem no meu pesadelo!

Mischa abraçou-a.

— Agora você está protegida, e não tem que ter medo de mais nada! Eu não vou mais deixar você sozinha!

Ela o abraçou, também, encostando o rosto na lã de seu pulôver, e pediu:

— Não me deixe mais sozinha, por favor...

Quando Rhodri sumiu na distância, eles entraram de novo e fecharam a porta,

arrepiados de frio. A água na chaleira começava a ferver; uma cena caseira bastante aconchegante, e Lucy suspirou de profunda satisfação.

— Acho que vamos ficar presos aqui por algum tempo — disse ela.

— Ótimo!

— Você diz isso porque pode aproveitar para escrever seu livro, conforme tinha planejado, mas e eu? O que vou fazer?

— Não planejei escrever livro nenhum, o que planejei foi ensinar você a me amar. E mal comecei! Não se preocupe que vai ficar bem ocupada, meu amor. E quando parar de nevar e as estradas voltarem ao normal, nós vamos direto para St. David, para nos casar.

Lucy passou a mão no rosto dele, de leve, e Mischa se virou para beijar-lhe a palma.

— Seu mentiroso — repreendeu ela, rindo.

— Como é que podia ter planejado ficar comigo, se você nem sabia que eu estaria aqui?

Ele riu baixinho.

— Então você não sabe que Helen telefonou para mim em Creta, assim que você lhe pediu o chalé emprestado?

— O quê?!

— É isso mesmo. Eu estava esperando uma oportunidade de pegar você sozinha, desde aquela noite em que a levei à minha casa. Queria fazer com que você me escutasse. Por isso Helen e Richard me davam informações de todos os seus passos, para que...

— E o que você estava fazendo em Creta?

— Fui para lá ficar o mais longe possível da tentação de ir procurar você em sua casa todas as noites.

Ele lhe afagava os cabelos com ternura enquanto conversavam, e, quando se inclinou para beijar-lhe a boca, ela fechou os olhos. Por instantes a cozinha ficou em silêncio e só se ouvia a água borbulhando na chaleira.

— Você ficou mesmo muito bravo com os artigos que eu escrevi? Eles não eram tão ruins, eram? — perguntou Lucy, um pouco mais tarde, enquanto tomavam o café da manhã.

— Não sei, mas eles me deram uma boa desculpa para achar que o que eu sentia era raiva de você, e não frustração e revolta.

— Ah, é?! E quando é que você percebeu que não era raiva?

— Naquela noite em que fui ao seu apartamento. Você falou todas aquelas coisas e de repente tudo se esclareceu em minha mente.

— Tudo o quê? — perguntou Lucy, depois de alguns instantes em silêncio, tentando inutilmente abrir um vidro de geléia.

Mischa tirou o vidro das mãos dela e, sem o menor esforço, girou a tampa e abriu.

— Percebi como eu estava sendo tolo de perder todo o amor que poderia ter hoje, pensando no passado e me preocupando com coisas totalmente absurdas. Senti que você seria incapaz de me trair e que, mesmo que tivesse me traído, eu não teria deixado de amá-la.

Ela o olhou bem dentro dos olhos.

— Você me ama mesmo tanto assim?

— Você não sabia?

— Não, Mischa, eu não sabia...

Ele largou a xícara de café e deu a volta na mesa, fazendo com que Lucy se erguesse da cadeira e o abraçasse.

— Mas também, como é que você poderia saber, se eu a fiz sofrer tanto? Achei que estivesse apenas brava comigo, mas, naquela noite, percebi como sua mágoa era profunda e

o quanto eu tinha machucado você. Desculpe-me, amor...

Ele a beijou de novo, depois sentaram-se e continuaram a refeição, enquanto conversavam.

— Confesso que fui um tolo, querendo agredi-la para fazê-la ver que ainda me amava. Quando, naquela noite, entendi o quanto a tinha magoado, percebi que o que eu devia fazer era ensinar você a me amar de novo, a readquirir confiança em mim... e isso era tarefa que exigia muito tempo e paciência. Além disso, eu precisava esperar o momento certo...

— E quando seria esse momento certo?

— Quando conseguisse ficar a sós com você por alguns dias... Não sabia como isso iria acontecer, mas esperava um milagre.

— Por isso, quando pedi a Helen para ficar no chalé, dei a você a oportunidade perfeita!

— Perfeita, nem tanto... porque eu não sabia se ia ser favorável ou não o fato deste lugar estar cheio de recordações de nós dois. Mas eu não podia esperar mais, já estava quase enlouquecendo.

Mischa sorriu para ela, com ternura.

— Eu poderia ter ido embora ao ver que você estava aqui. Você não podia estar contando que haveria uma nevasca para me prender aqui, não é? Ou encomendou essa neve toda? Será que fez amizade com o deus da neve enquanto estive na Sibéria? — brincou ela.

Eles riram juntos e ergueram-se da mesa, indo para a sala abraçados.

— Com neve ou sem neve, eu não teria deixado você escapar, minha querida.

— E como é que iria me impedir?

— Faria seu carro encrencar, por exemplo...

— Eu poderia ter ido ficar na casa de Mairi...

— Eu teria ido buscá-la, Lucy, e você teria voltado comigo, nem que fosse arrastada pelos cabelos! Eu não suportava mais a separação nem a espera para ter você de volta.

— Hum... — fez Lucy, e esfregou o rosto carinhosamente no ombro dele. — Eu também, meu amor.

Pararam diante do sofá, que tinha sido recolocado em seu lugar, diante da lareira.

— Por que é que nós fomos desarrumar a cama? — disse Mischa, em tom de brincadeira.
— Que falta de visão!

Ela riu e passou os braços pelo pescoço dele.

— Eu te amo, Mischa. Ah, eu te amo tanto!

— Graças a Deus! — murmurou ele, com os lábios roçando os dela. — Eu também te amo, Lucy. Tinha tanto medo de nunca mais ouvi-la dizer isso de novo! Pensei que a tivesse perdido para sempre...

Mischa a abraçou apertado e ela nunca se sentiu mais segura e protegida do que naquele momento. Ergueu o rosto para ele, oferecendo-lhe os lábios sedentos de beijos.

— Mischa... — murmurou, com carinho, quando ele foi beijá-la.

— Adoro ouvir você dizer meu nome...

— Mischa, meu amor, não vou cansar de repetir o quanto amo você, Mischa... Mischa...

Ele a silenciou com um beijo apaixonado e terno e por um bom tempo esqueceram as palavras e falaram só a linguagem do amor.